



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**Relações entre irmãos que têm pais idosos acolhidos numa instituição: conflitos e sua
resolução**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre
em (Ciências da Família com Especialização em Orientação e Mediação Familiar)

Por

Vera Lúcia Terra Mesquita

Faculdade de Ciências Humanas

(Janeiro, 2012)



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**Relações entre irmãos que têm pais idosos acolhidos numa instituição: conflitos e sua
resolução**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre
em (Ciências da Família com Especialização em Orientação e Mediação Familiar)

Por

Vera Lúcia Terra Mesquita

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação de:

Professora Doutora Rita Lobo Xavier (Orientadora)

Mestre Maria José Eusébio (Co-orientadora)

(Janeiro, 2012)

Irmão, Irmãos

*Cada irmão é diferente.
Sozinho acoplado a outros sozinhos.
A linguagem sobe escadas, do mais moço,
ao mais velho e seu castelo de importância.
A linguagem desce escadas, do mais velho
ao mísero caçula.*

*São seis ou são seiscentas
distâncias que se cruzam, se dilatam
no gesto, no calar, no pensamento?
Que léguas de um a outro irmão.
Entretanto, o campo aberto,
os mesmos copos,*

*O mesmo vinhático das camas iguais.
A casa é a mesma. Igual,
vista por olhos diferentes?*

*São estranhos próximos, atentos
à área de domínio, indevassáveis.
Guardar o seu segredo, sua alma,
seus objectos de toalete. Ninguém ouse
indevida cópia de outra vida.*

*Ser irmão é ser o quê? Uma presença
a decifrar mais tarde, com saudade?
Com saudade de quê? De uma pueril
vontade de ser irmão futuro, antigo e sempre?*

(Drummond de Andrade 1979, p.585)

Resumo

Este é um estudo teórico prático que aborda o tema dos conflitos entre irmãos que têm pais idosos que, de alguma forma estão ligados a uma instituição de apoio à terceira idade.

Numa época em que cada vez é maior o número de idosos residentes em instituições é importante, perceber as dinâmicas familiares subjacentes, em que medida esta situação é geradora de conflitos entre os indivíduos envolvidos e as formas que encontram para os resolver. É essencialmente importante perceber se os laços afectivos se desvanecem com o passar do tempo ou se pelo contrário se fortalecem.

Neste estudo participaram filhos de idosos que residem numa instituição e também filhos de outros, que só a frequentam durante o dia, tentando assim perceber se há diferenças significantes entre estes dois grupos. O critério essencial para a selecção dos participantes no estudo baseou-se no facto de todos eles serem cuidadores, embora nenhum o seja a tempo inteiro.

Este estudo tem como objectivo geral perceber o tipo de relação que os indivíduos estudados têm com os seus irmãos, se esta relação é ou não conflituosa e se consideram a mediação familiar como um meio possível para a resolução de conflitos entre irmãos. Foram enunciados alguns conflitos que se podem verificar nas relações fraternas nomeadamente nos que se relacionam com o papel de cuidador, com questões económicas e patrimoniais.

Neste estudo recorreu-se a metodologia quantitativa e a qualitativa, sendo que primeiro foram aplicados questionários, que nos permitiram conhecer a amostra e posteriormente utilizamos entrevistas que aprofundaram algumas questões, que não poderiam ter sido conseguidas através dos questionários.

Por fim foram retiradas conclusões que nos permitiram conhecer com mais precisão a população estudada. Novas linhas de investigação foram também sugeridas, assim como novos campos em que as instituições podem actuar melhorando a qualidade de vida do idoso e também da sua família.

Palavras chave: Família, Ciclo Vital, Idoso, Cuidador, Conflito.

Abstract

This is a theoretic and practical work which approaches conflicts among siblings who have aged parents in some way dependent on an old people care institution.

In a time when it is increasing the number of old people that live in such institutions, it is important to understand the underlying family relationships and at what extent this kind of situation leads to conflicts among the involved individuals, as well as the ways they follow to solve them. It is absolutely necessary to perceive if affection bonds fade away or get stronger as time goes by.

This work includes not only institution resident aged people's sons and daughters, but also the ones whose parents only attend elderly day care centers in order to understand if there are important differences between these two groups. The main criterion for the selection of participants in this study was based on the fact that all of them are part time care givers.

The general aim of the work is to perceive the kind of relationship that these individuals have with their siblings, if it is or not quarrelsome and if they consider family mediation a good and effective way to solve that problem. Several types of conflict that arouse among siblings have been presented, namely on which concerns care giver role and economical and patrimonial issues.

The methodologies adopted were quantitative and qualitative, and initial questionnaires were applied in order to get a sample, being necessary to make interviews to deepen some questions.

Finally, conclusions were withdrawn which allowed us to know accurately the studied population. Consequently new investigation paths were suggested as well as the grounds on which institutions can intervene so that a better old people's quality of life and their

family's can be possible.

Key Words: Family; Vital Cycle; Aged People; Care Giver; Conflict

Dedicatória

Aos participantes neste estudo, distintos representantes de um pedaço do povo alentejano, que Torga (2010, p. 90) descreveu da seguinte forma:

“Pode-se referir uma região mais maneira ou mais angustiada, uma gente menos soberba, mais autenticamente humana, e mais sinceramente generosa. Herdades mais à medida dos pés, cultivadas por semelhantes sem ar de fidalgos a gozar férias rurais.”

Agradecimentos

Um estudo desta dimensão jamais seria possível sem a ajuda de diversas pessoas, às quais devo agradecer.

À Professora Doutora Rita Lobo Xavier e à Mestre Maria José Eusébio, pela disponibilidade e orientação.

À Professora Rita Francisco pela ajuda no tratamento dos dados.

Ao Professor José António Silva pela ajuda com o Inglês

Ao Sr. Teotónio Pintor presidente da Casa do Povo de Vendas Novas que permitiu realização da parte prática da dissertação nesta instituição.

Às amigas Adélia e Ana Luísa pela preciosa ajuda na entrega e recolha dos questionários.

Aos meus pais que sempre incentivaram em todo o meu percurso académico e que acima de tudo me ensinaram o quanto a família é valiosa.

Aos amigos que estiveram sempre presentes apesar de alguns distantes geograficamente.

A todos os meus sinceros agradecimentos

Índice Geral

Resumo	IV
Dedicatória.....	VII
Agradecimentos	VIII
Índice Geral	IX
Índice de Quadros	XII
Índice de Gráficos.....	XIV
Introdução.....	16
Parte I- Teoria.....	18
Capítulo I- Relações familiares	19
1.1-O indivíduo, família e sociedade.....	19
1.1.1-Relações familiares ao longo do ciclo de vida	22
1.1.1.1-Relação entre pais e filhos ao longo do ciclo de vida	25
1.1.2-Relações entre irmãos ao longo do ciclo de vida	26
1.1.2.1- Influência do diferente tratamento parental nas relações fraternas	30
Capítulo II- Do papel de cuidador à entrada do idoso instituição	32
2.1- O papel de cuidador.....	32
2.1.1- Relação entre irmãos quando têm que cuidar dos pais idosos	34
2.1.2- O <i>stress</i> no cuidador	35
2.1.3- A gratificação/satisfação no cuidador	37
2.2- Acolhimento numa instituição	38

Capítulo III- Conflitos Familiares.....	40
3.1- O conflito	40
3.2- Conflitos entre irmãos	41
3.2.1- Partilha de Heranças como potencial situação conflituosa	42
3.3-A resiliência como forma de evitar ou superar o conflito	44
Capítulo – IV- Mediação e Orientação Familiar	46
4.1- Mediação Familiar	46
4.2-Orientação familiar.....	48
Parte II- Estudo Empírico	50
Capítulo V – Caracterização da Instituição	51
Capítulo VI- Metodologia	53
6.1-Desenho do Estudo.....	53
6.2- Objectivos	53
6.3- Mapa conceptual	54
6.4-Procedimentos metodológicos.....	54
6.4.1- Questionário	56
6.4.2- Entrevista.....	57
6.5- Métodos de análise de dados	58
6.5.1- Processo de codificação	59
Capítulo VII- Análise dos resultados	60
7.1-Characterização da Amostra.....	61

7.1.1- Caracterização da Amostra dos questionários.....	61
7.1.2- Caracterização da amostra das entrevistas	64
7.2- Análise quantitativa.....	66
7.2.1- Relação com os pais	67
7.2.2- Cuidados prestados ao idoso	72
7.2.3- Relação dos inquiridos com os irmãos.....	74
7.2.3.1- Conflitos do entrevistado com os irmãos	83
7.2.3.1.1 - Divisão de bens com ou sem conflito	85
7.2.4- Mediação familiar	88
7.3- Análise qualitativa.....	95
7.3.1- Relação com os filhos e netos	95
7.3.2- Apoio ao idoso	98
7.3.2.1- Situações geradoras de <i>stress</i> e de gratificação.....	107
7.3.2.2- Bens do idoso	110
7.3.3- Relação com os irmãos.....	111
7.3.4- Forma vivenciar os momentos mais complicados	118
Conclusão	122
Bibliografia.....	126
Anexo A- Consentimento informado	133
Anexo B- Guião de entrevista	136
Anexo C- Questionário.....	141
Anexo D – Quadros	151

Índice de Quadros

Quadro 1- Caracterização Sociodemográfica	61
Quadro 2 - Habilitações literárias e Profissões.....	62
Quadro 3- Número de irmãos	63
Quadro 4 – Grau de parentesco com o idoso.....	63
Quadro 5- Caracterização sóciodemográfica.....	64
Quadro 6- Profissão.....	64
Quadro 7- Constituição do agregado familiar	65
Quadro 8- Número de filhos.....	65
Quadro 9- Local de residência do idoso	67
Quadro 10- Quem tomou a decisão da entrada do idoso para a instituição.....	68
Quadro 11- Frequência com que visita o idoso	69
Quadro 12- Com que frequência os irmãos visitam o idoso	70
Quadro 13- Diferente tratamento parental.....	71
Quadro 14- Grau de satisfação na relação com os pais	71
Quadro 15- Satisfação no apoio que os irmãos prestam aos pais.....	73
Quadro 16- Pessoa que acompanha o idoso às consultas	74
Quadro 17- Proximidade geográfica entre os irmãos	75
Quadro 18- Frequência dos contactos face a face com o irmão que reside mais perto	76
Quadro 19- Frequência com que contacta por correio telefone ou internet o irmão que reside mais perto.....	77
Quadro 20- Irmãos que moram longe.....	77

Quadro 21- Frequência com que está com os irmãos que residem mais longe.....	78
Quadro 22- Frequência com que contacta por correio telefone ou internet o irmão que reside mais longe	79
Quadro 23- Influência do local de residência na relação com os irmãos	79
Quadro 24- Diferença entre a relação da infância e a relação actual	80
Quadro 25- As mudanças verificadas foram positivas	81
Quadro 26- Grau de satisfação na relação com os irmãos.....	82
Quadro 27- Tipos de conflitos que já teve com os irmãos	83
Quadro 28- Já resolveu o conflito.....	85
Quadro 29- Divisão de bens em vida	86
Quadro 30- Já dividiram a herança do pai/mãe que faleceu.....	86
Quadro 31- A partilha da herança foi consensual.....	87
Quadro 32- Como efectuaram a partilha da herança	87
Quadro 33- Conhece a mediação familiar	89
Quadro 34- A mediação poderá ser um passo importante para a resolução dos conflitos entre irmãos	89
Quadro 35- Recorreria à mediação	90
Quadro 36- Os irmãos recorreriam à mediação.....	91
Quadro 37- A mediação familiar ajudaria a resolver os vossos conflitos	91
Quadro 38- A mediação poderá evitar o recuso aos tribunais.....	92
Quadro 39- Recorreria à mediação familiar	93
Quadro 40- Os irmãos recorreriam à mediação familiar	93

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Esperança média de vida.....	32
Gráfico 2- Indicadores de envelhecimento.....	33
Gráfico 3- Apoio económico prestado aos filhos	96
Gráfico 4- Aconselhar e orientar os filhos	96
Gráfico 5- Cuidar dos netos.....	97
Gráfico 6 - Estado de saúde do idoso	98
Gráfico 7 - Reacções à falta de saúde do idoso	99
Gráfico 8 -Forma de encarar o facto de ser cuidador	100
Gráfico 9- Pessoa que cuidava do idoso antes da entrada para a instituição.....	101
Gráfico 10- Organização do apoio prestado ao idoso após a entrada para a instituição ...	102
Gráfico 11- Papel da restante família e amigos nos cuidados prestados ao idoso.....	104
Gráfico 12- Dificuldades de ser cuidador.....	105
Gráfico 13- Cenário ideal na prestação de cuidados ao idoso.....	106
Gráfico 14- Situações de <i>stress</i>	107
Gráfico 15- Situações geradora de gratificação.....	108
Gráfico 16- Gestão de bens do idoso.....	110
Gráfico 17- Tipo de relação mantida com os irmãos.....	111
Gráfico 18- Tipo de relação mantida com os irmãos.....	113
Gráfico 19- Reuniões familiares.....	113
Gráfico 20 – Aspectos a ser melhorados na relação com os irmãos.....	115
Gráfico 21- Relação ideal com os irmãos.....	116

Gráfico 22- Importância do diálogo na Resolução de conflitos entre os irmãos.....	117
Gráfico 23- Optimismo.....	118
Gráfico 24- Forma de enfrentar os problemas.....	119
Gráfico 25- Mediação familiar	120

Introdução

As relações entre irmãos têm sido estudadas sobretudo na infância, não só mencionando os conflitos, como também a oportunidade de aprendizagem dos mais novos com os mais velhos. Neste trabalho serão analisadas as relações entre irmãos durante a idade adulta, numa fase em que esta relação já deixou de ser obrigatória para passar a ser facultativa, e em que recai sobre eles a tarefa de prestar cuidados aos seus pais.

Esta dissertação divide-se em duas partes, sendo que a primeira faz uma abordagem teórica sobre o tema dividindo-se em quatro capítulos cujos temas são: relações familiares; o papel do cuidador; conflitos familiares; mediação e orientação familiar.

A segunda parte inclui o estudo empírico e divide-se em três capítulos que são: caracterização da instituição; metodologia; análise e discussão dos resultados

Na primeira parte, mais concretamente, no primeiro capítulo são abordadas as relações familiares ao longo do ciclo vital, mencionando as diferentes fases da vida de um indivíduo e dando particular relevância às relações entre irmãos.

O segundo capítulo faz uma abordagem sobre o papel de cuidador focando em particular as situações de *stress*, bem como, o sentimento de gratificação proporcionado e também a influência que esta situação tem nas relações com os seus irmãos. No terceiro capítulo são abordados os conflitos familiares particularizando os fraternos, focando a partilha de heranças como um processo que pode ser ou não conflituoso e abordando a resiliência como um factor que pode ajudar na superação dos problemas familiares. No quarto capítulo é focada a mediação familiar, evidenciando as suas características e as suas vantagens na resolução deste tipo de conflitos. É feita uma definição de orientação familiar e são também mencionados todos os seus objectivos.

Na segunda parte, no quinto capítulo é realizada uma breve caracterização da instituição aonde foi efectuada a investigação. No sexto capítulo consta a metodologia que inclui o desenho do estudo, o mapa conceptual e a descrição tanto o objectivo geral como dos

específicos.

O último capítulo reporta-se à análise dos resultados. Inicialmente é apresentada a caracterização das duas amostras: as entrevistas e os questionários. Posteriormente foi feita uma análise dos dados quantitativos e dos dados qualitativos, recorrendo ao software *Nvivo* para os dados qualitativos e utilizando o programa informático *Spss* para os quantitativos.

Por fim, foram retiradas conclusões que nos permitiram ter um conhecimento mais abrangente da população estudada. Concluimos que na maior parte dos casos os indivíduos referem que não têm conflitos com os seus irmãos. Por um outro lado convivem muito pouco, com os seus irmãos e os contactos pela Internet, telefone ou outros meios são também muito escassos. Quanto ao papel de cuidador de uma forma geral os indivíduos referem que os irmãos os deveriam apoiar mais. A Mediação Familiar é praticamente desconhecida e mesmo os que a conhecem não equacionam recorrer a ela.

Capítulo I- Relações familiares

1.1-O indivíduo, família e sociedade

Em sentido lato, a família é um conjunto de pessoas que descende dos mesmos antepassados. Os laços de parentesco podem ser directos ou adquiridos, os primeiros são por via do sangue e os segundos obtêm-se através do casamento. No caso das famílias consanguíneas estas dividem-se em restrita e nuclear (Cabral, 2002).

“(...) Cada família possui um dinamismo que a torna única com a sua individualidade e autonomia próprias” (Silva, 2001, p. 42). Esta não pode ser considerada como uma unidade fechada uma vez que interage com outros grupos que fazem parte de sistemas mais amplos e é influenciada por acontecimentos externos, por exemplo, crises ou guerras (Silva, 2001). A família é um sistema aberto em que o todo não é somente a soma das partes e está integrado num conjunto de subsistemas bastante vasto (Relvas, 2003).

Há uma dinâmica bastante visível entre a família e a sociedade, uma vez que a segunda define aspectos culturais e valores, pelos quais a família se rege, apesar de também influenciar a sociedade. A família é afectada por normas externas, no entanto, não depende apenas delas e possui forças internas que estabelecem esta regulação (Relvas, 1996).

A família é um sistema aberto que tem as seguintes características: totalidade, feedback e equifinalidade. Quanto à totalidade verifica-se que o todo é maior do que as partes uma vez que há uma relação de interdependência nos comportamentos de todos os membros da família. Quando estão juntos relacionam-se e comunicam de uma forma própria que os torna diferentes, ou seja, uma pessoa não fala da mesma forma para um pai e para um amigo (Silva, 2001). Durante a infância os irmãos imitam-se de uma forma recíproca, uma vez que é mais fácil de imitar os irmãos do que os pais (Fernandes, 2005).

O feedback está relacionado com o facto de a família ser influenciada pela informação vinda dos seus membros ou do ambiente, modificando, por vezes, os seus comportamentos para assegurar a sua continuidade, como por exemplo quando a família toma medidas para evitar um conflito (Silva, 2001).

A equifinalidade é a capacidade que o sistema familiar tem de se reunir para alcançar um objectivo comum, o que pode eventualmente acontecer quando têm que cuidar de um idoso (Silva, 2001).

Nas famílias existem diferentes subsistemas com tarefas específicas muito importantes para o funcionamento da mesma. Podemos identificar como subsistemas, o individual, o conjugal, o parental e o fraterno. O individual enfatiza o facto de o indivíduo, para além, de ter diferentes funções na família desempenha, também outros papéis e funções noutros sistemas que influenciam a família. O conjugal emerge na formação do casal e o parental aparece com o nascimento dos filhos e com o consequente desempenho de tarefas ligadas à educação, protecção e socialização dos mais novos. No subsistema fraterno estão incluídos os irmãos, eles treinam entre si as competências sociais, cooperando, competindo e negociando (Silva, 2001).

Bronfenbrenner cit. por Tudge (2007) construiu uma teoria sobre a ecologia do desenvolvimento humano, defendeu que o contexto em que uma pessoa vive não determina o seu desenvolvimento e usou a palavra ecologia para salientar o facto do indivíduo e o contexto serem interdependentes. O autor apresenta duas posições a primeira defende que o ser humano se desenvolve através de processos complexos. Estes contêm interacções entre o Homem em evolução e objectos e símbolos que pertencem ao ambiente externo. As interacções devem ser regulares e extensas no tempo para assim poderem ser eficazes. A segunda posição refere que os processos aproximais que levam ao desenvolvimento do indivíduo, variam de uma forma sistemática, tendo em conta as características da pessoa, que se desenvolve tanto no ambiente imediato, como no distante, em que os processos acontecem. É muito relevante a natureza dos processos estudados e também as mudanças sociais ocorridas durante o ciclo de vida.

A teoria de Bronfenbrenner reconheceu que os factores biológicos e genéticos são muito importantes para o desenvolvimento do indivíduo, no entanto, deu mais importância às características pessoais que os actores sociais transportam para qualquer situação social. O autor dividiu estas características em três tipos: da demanda, de recurso e de força. As características da demanda são de estímulo pessoal, ou seja, são as que actuam como

estímulo imediato para os outros indivíduos, que podem influenciar as interações iniciais e são a aparência física, a idade e o gênero, entre outros. As características de recurso estão relacionadas com características cognitivas e emocionais, por exemplo, experiências passadas e inteligência, estão também relacionadas com recursos sociais e materiais, como, por exemplo, oportunidades de educação facultadas pela sociedade em que o indivíduo está incluído.

As características de força têm a ver com diferentes temperamentos e motivação entre outros. Duas pessoas podem ter as mesmas características, no entanto, a motivação pode fazer com que sigam caminhos diferentes (Tudge, 2007).

O ambiente inclui quatro sistemas que se inter-relacionam: o microsistema, mesossistema, macrosistema e exossistema. O microsistema é constituído por o conjunto de actividades, papéis e relações interpessoais que o indivíduo tem em vários contextos, como, por exemplo, o lar, o jardim-de-infância e o local de trabalho. O mesossistema inclui as inter-relações entre os vários contextos dos quais o indivíduo faz parte de uma forma activa. Neste podemos incluir, as relações familiares, relações de amizade e as relações de trabalho, entre outras. O exossistema corresponde aos sistemas em que o sujeito não participa de uma forma activa mas nestes acontecem situações que afectam o indivíduo, nas crianças um exemplo deste sistema pode ser o trabalho dos pais. O macrosistema é o sistema de valores, crenças, formas de pensar ou de fazer. Está muito relacionado com a cultura ou subcultura de uma sociedade que determina as actividades que nesta ocorrem (Pereira, 1998).

Nos vários sistemas há alguns factores que protegem a família. No macrosistema salienta-se o apoio da família em diversas situações, com o caso de divórcio. No que se refere ao mesossistema ultimamente têm-se desenvolvido vários serviços de apoio à família, tais como, a mediação e a terapia familiar, e, também, as instituições de apoio aos idosos. No que se refere ao exossistema este é constituído pela família extensa, amigos e vizinhos. No exossistema podemos destacar o apoio que os avós prestam as crianças e o apoio que os filhos prestam aos pais idosos que têm as suas capacidades físicas e cognitivas mais limitadas. Os amigos e vizinhos proporcionam apoio instrumental e emocional. No

microsistema salienta-se o afecto e a vinculação no seio do meio familiar. A partir da década de 90 começou a verificar-se uma relação intergeracional bastante harmoniosa em que os filhos residem até mais tarde em casa dos pais e todos os membros da família têm uma participação igualitária (Ribeiro, 2006).

Actualmente há várias formas de vida familiar, é relevante ter em conta a estrutura familiar, as funções e os papéis de cada elemento. A estrutura é uma representação do lugar ocupado por cada indivíduo numa família. Os papéis são as expectativas em relação ao comportamento e às obrigações de cada um. As funções da família são variadas sendo que se destacam as seguintes: geradora de afecto; proporcionadora de segurança, satisfação, estabilidade, socialização, sentimento de utilidade e impulsionadora da continuidade de relações. Porém há uma outra função extremamente importante que é responder a todas as necessidades básicas dos seus membros ao longo de todo o ciclo vital (André, Fernandes & Rodrigues, 2010).

Há dois eixos que permitem realizar a análise familiar, o sincrónico e o diacrónico. O primeiro analisa as dinâmicas relacionais e, também, as tarefas de protecção, com o crescimento e automatização. O segundo baseia-se na observação do decorrer do ciclo vital familiar (Relvas, 1996).

1.1.1-Relações familiares ao longo do ciclo de vida

O ciclo de vida é constituído por momentos de mudança estrutural que incluem uma crise e posteriormente uma transformação que marca as etapas do desenvolvimento. Alguns momentos não são planeados, provocam uma crise, tem um desfecho imprevisível e obrigam a uma reestruturação. Há aqueles momentos que fazem parte das transições familiares normativas, ou seja, são planeados e normativos (Alarcão, 2005). Este é um ciclo que se desenvolve com a socialização e através da endoculturação (Campelo, 2002). Segundo Segalen (1996) o ciclo de vida familiar é traçado a partir de três critérios: número de filhos, repartição das idades e modificação dos papéis, principalmente do papel do pai, desde que ele é activo profissionalmente até ao momento em que ele atinge a reforma.

McGoldrick & Carter (cit. por Relvas, 1996) fundamentando-se na perspectiva sistêmica multigeracional definiram seis etapas do ciclo vital que são as seguintes: aceitação da independência dos filhos; formação de um novo casal; nascimento dos filhos; adolescência dos filhos; saída dos filhos de casa e por fim a última fase do ciclo vital familiar.

A primeira fase constitui a aceitação da separação entre pais e filhos, nesta fase o indivíduo diferencia-se da sua família de origem, entra no mundo do trabalho e encontra um parceiro (McGoldrick & Carter, cit. por Relvas, 1996).

Com a formação do casal dá-se início a uma nova família que terá características próprias. Cada um dos membros do casal tem as suas crenças e as suas expectativas, com a união de ambos e a formação de um sistema em que terão que examinar e negociar. O casal constrói uma identidade própria, aceitando as diferenças e mantendo a sua individualidade. Esta nova família passará por várias etapas, umas de tranquilidade e outras de crise. Em muitos casos inicialmente o casal passa por uma etapa em que se isola bastante da restante família e dos amigos, esta permite a consolidação de uma união social, emocional e sexual (Estremero & Bianchi, s/d).

Com o nascimento do primeiro filho verificam-se muitas mudanças, tanto no relacionamento entre o casal, assim como com a restante família. Surgem novos papéis e novas funções, nomeadamente a de pai/mãe, avós, tios e primos. A mãe vai unir-se ao filho interpretando todas as suas necessidades, esta união é necessária para a evolução de toda a família. Durante este período o pai é um observador participante apoiando a mulher e o filho. O nascimento de um filho provoca sempre tensão no casal, muitas vezes surgem depressões, cansaço e até censura, por parte da restante família. Esta é uma fase que é vista por alguns de uma forma positiva, em outros casos aumenta a tensão e os conflitos. A entrada da criança na escola é crucial para a evolução da família. É a primeira separação da criança do seu meio familiar, esta contactará com colegas e professores. Os pais terão pela primeira vez uma imagem externa do seu filho que lhes é facultada pelo professor (Estremero & Bianchi, s/d).

O período da adolescência decorre entre os 12 e os 19 anos, envolve sempre uma separação psicológica e posteriormente económica. A entrada na adolescência causa um desequilíbrio

na família, uma vez que o adolescente quer tornar-se mais independente, muda a qualidade e quantidade das suas relações e torna-se sexualmente activo. Assim a família entra em turbulência verifica-se uma mudança do sistema familiar, em que os pais e os filhos acabam por realizar negociações implícitas e explícitas com o objectivo de chegar a um equilíbrio. O adolescente torna-se num membro mais competente e faz com que a família tenha que interagir não só com ele mas também com o seu grupo de pares que possui valores e normas próprias (Fleming, 2001).

A adolescência e a consequente automatização dos filhos é considerada uma fonte de pressão do sistema familiar. Muitas vezes nesta fase os pais ainda têm que lidar com a reentrada dos seus progenitores para o agregado familiar, que se encontram em fase de declínio e por vezes de viúves (Fleming, 2001).

Com a saída dos filhos do agregado familiar dá-se início a uma nova etapa que muitos autores apelidam de “ninho vazio”. O casal enfrenta assim novos desafios, há um reencontro causado pela saída dos filhos. O fim da vida laboral pode ser visto como um ganho uma vez que assim realizarão projectos, que não realizaram em jovens e podem dedicar-se mais aos netos, para outros esta é uma etapa introspectiva. Esta etapa é marcada pela capacidade de permitirem que um dos seus membros se torne independente e aceitarem a entrada de uma nova pessoa na família (Estremero & Bianchi, s/d). Na fase do “ninho vazio” as relações familiares sofrem algumas alterações uma vez que os filhos saem de casa e necessitam de outro tipo de apoio nomeadamente para cuidar dos netos, apoio económico e por vezes também para cuidar da casa (Figueiredo, 2007).

Na maior parte dos casos a fase do “ninho vazio” não é uma experiência difícil, os indivíduos ficam com mais tempo livre e podem estabelecer outro tipo de relação com os filhos, uma vez que vêm o seu dever de educadores cumprido. Muitas vezes ainda têm que apoiar os seus pais idosos. Estes indivíduos são apelidados de *geração sanduíche* uma vez que desempenham um conjunto de papéis, são pais, profissionais, e, por vezes, cuidadores dos seus progenitores (Figueiredo, 2007).

Ser avô é algo que a maior parte das pessoas anseia durante a terceira idade, uma vez que este laço proporciona o desempenho de vários papéis. Os avós e netos podem manter uma

relação bastante facilitada e isenta de algum tipo de responsabilidades. Muitas vezes podem verificar-se alguns problemas nomeadamente nos assuntos educativos. Por um lado os avós não querem interferir na educação dos netos mas por outro gostam de ajudar os filhos e os netos (Figueiredo, 2007).

Os avós têm um conjunto de papéis entre os quais se destacam: o de estabilizador, o de guardião, o de árbitro, o de historiador, o de professor, o de mentor, o de estudante, o de parceiro, o de génio, o de feiticeiro, o de herói e o de guia espiritual. Os avós assumem o papel de estabilizadores porque estão presentes nos momentos que implicam mudanças e promovem encontros familiares. São guardiões porque apoiam financeiramente os filhos quando eles necessitam. O papel de árbitro acontece quando há divergências entre os filhos e os netos e eles negociam conflitos através da tradução e da interpretação de acções. São historiadores quando ajudam a família a relacionar-se com o seu passado. Assumem o papel de professores quando transmitem os seus conhecimentos aos netos e mentores porque incentivam a imaginação e a ambição. Também aprendem com os netos logo podem-se considerar estudantes, por um outro lado são parceiros uma vez que participam nas brincadeiras. São génios porque satisfazem os desejos dos netos e heróis porque transmitem força e coragem. Podem considerar-se feiticeiros porque fazem a ligação entre o real e o imaginário e são guias espirituais porque têm mais disponibilidade para explorar esse tipo de questões (Figueiredo, 2007).

1.1.1.1-Relação entre pais e filhos ao longo do ciclo de vida

Quando se fala de uma relação entre irmãos não se pode esquecer as relações com os pais, uma vez que estas se formam num contexto de “registo familiar”, que envolve as relações entre os vários indivíduos da família (Satow, 2007).

Nas relações entre pais e filhos adultos é muito importante considerar o estágio do ciclo de vida de ambos e o tipo de relação. Ao adoptarmos uma perspectiva de parentalidade ao longo do ciclo de vida temos uma melhor compreensão do processo relacional entre pais e filhos (Zarit & Eggebeen, 2002).

Os pais e filhos adultos mesmo quando vivem em agregados familiares diferentes fazem parte do mesmo sistema familiar e influenciam-se. Deixa de ser uma relação de dependência para se tornar numa de interdependência (Lewis, 1990; Cooney, 1997).

Na terceira idade em muitos casos os filhos mantêm com os pais uma relação muito próxima e íntima que se baseia no afecto. Normalmente estes filhos manifestam-se mais disponíveis para cuidarem dos pais idosos pois sentem necessidade de os ajudar aumentando o seu bem-estar. Quando existe uma má relação entre pais e filhos esta é uma relação distante e os filhos não têm tanta motivação para cuidar dos pais fazem-no por obrigação e por temerem a censura social (Imaginário, 2008).

1.1.2-Relações entre irmãos ao longo do ciclo de vida

“(...) As relações entre irmãos acontecem no contexto de um “registo familiar” que determina um conjunto complexo de relacionamentos entre cada filho e cada pai e entre cada filho em relação ao outro filho com cada pai.” (Satow, 2007, p. 153). As relações fraternas são fundamentais e influenciam a postura das pessoas perante a sociedade em geral e perante os pais em particular (Michell, 2008). Estas relações são as mais duradouras que as pessoas têm e podem ser emocionais, intensas e contínuas (James, 1997).

Quando os irmãos estão mais afastados no que respeita a ligações afectivas considera-se que têm um “acesso fraco”. A diferença de idade e de sexo fazem com que o acesso se torne mais afastado (Satow, 2007).

A cumplicidade entre irmãos está relacionada com a satisfação das necessidades básicas na infância e tem também a ver com a noção de autonomia. Esta cumplicidade leva a encarar o outro como uma pessoa diferente embora com algumas semelhanças, permite oferecer apoio, solidariedade mas não permite a lealdade sem limites. Esta possibilita também que haja lugar para outro tipo de relações afectivas. Na maior parte dos casos quando os filhos tiveram que se unir devido à falta de atenção dos pais, ou se separaram por causa do favoritismo é muito difícil chegar à cumplicidade. As experiências de vida em comum também são menores e de intensidade diferente (Satow, 2007).

A relação entre irmãos é inicialmente forçada mas em muitos casos com o passar do tempo acaba por se tornar longa e duradoura. Os irmãos desempenham um conjunto de papéis nomeadamente: amigo, concorrente, administrador e professor. Estes são vistos também como proporcionadores de aconchego, companhia e afecto. Os irmãos podem vir a ter durante toda a sua vida a relação muito emocional e próxima (Martin, Anderson & Rocca, 2005).

A comunicação entre os irmãos pode influenciar a qualidade da relação. Muitas vezes ocorrem momentos de agressividade psicológica em que o emissor tem a intenção de magoar o receptor. A agressividade verbal é negativa, influencia a satisfação na relação e o receptor pode sentir-se deprimido. Infelizmente as mensagens de agressão verbal são muito comuns no seio familiar, estão ligadas com a menor satisfação neste tipo de relações e podem originar agressões físicas. A credibilidade é outra variável muito relevante para a comunicação, esta tem três componentes que são essenciais: a competência; o carácter e o carinho. Quando um irmão é a agredido verbalmente, ou, é agressor, pode ver os seus irmãos como tendo uma baixa competência, sem carácter e como sendo pouco carinhosos. Quando não há agressão verbal os irmãos têm uma relação mais satisfatória com mais confiança e credibilidade (Martin, Anderson & Rocca, 2005).

Ao longo do ciclo vital os irmãos passam por várias situações que fazem com que o seu relacionamento se modifique nomeadamente: casamento, o nascimento de filhos, divórcio, mobilidade geográfica; envelhecimento e morte dos pais (Boyle, s/d).

Durante a infância a relação entre dois irmãos pode ser complicada devido ao facto de o mais novo retirar a exclusividade do mais velho. Com o passar do tempo a relação entre os irmãos faz com que estes tenham vários ganhos cognitivos, por exemplo, quando o mais novo começa a imitar o mais velho. Há vários estudos que referem que as crianças passam mais tempo com os irmãos, do que com os pais, logo os irmãos têm um papel importante no seu desenvolvimento (Fernandes, 2005).

Na adolescência estas relações podem proporcionar oportunidades de aprendizagem social. O desenvolvimento de muitos conhecimentos necessários para a saúde social, pode ser

adquirido interagindo com os irmãos. É também através deste tipo de interações que se cria um conjunto de aprendizagens, como é o caso, da maturação (James, 1997).

Com o passar do tempo a relação entre irmãos modifica-se deixando de ser obrigatória para se tornar voluntária, ou seja, as suas interações são escolhas pessoais. Em muitos casos, as relações intensificam-se na pós-adolescência para outros o contacto e a intimidade diminui bastante. Na idade adulta a relação entre irmãos sofre algumas modificações uma vez que o tipo de contacto e as experiências são diferentes. Muitas vezes estes oferecem, companhia, suporte emocional e financeiro (Martin, Anderson & Rocca, 2005).

Na terceira idade as relações fraternais têm tendência a se tornar mais intensas uma vez que os irmãos têm mais disponibilidade de tempo, valorizam bastante as memórias da vida e acabam por investir mais neste tipo de relações. A relação é mais intensa quando há uma proximidade geográfica, boa saúde e quando há irmãs. As boas relações entre irmãos nesta etapa da vida aumentam o bem-estar e fazem com que diminua a incidência da depressão (Figueiredo, 2007).

Mitos sobre as dificuldades no relacionamento entre irmãos, segundo Goldenthal (2002):

1- Podemos entender o comportamento dos nossos irmãos se soubermos como reagir e assim nós teremos uma relação melhor.

Perceber como os irmãos agem é muito complicado e também desafiante, não é uma ciência exacta, é difícil prever como decorrerão as relações fraternas ao longo do tempo. Apesar de não podermos prever o comportamento dos nossos irmãos podemos melhorar a nossa relação. Devemos explicar aos irmãos de uma forma calma que os comportamentos ofensivos não são de forma alguma benéficos.

2- A única forma de fazer parar o desapontamento nas relações fraternais é fazer com que o comportamento dos irmãos mude.

Há muitas pessoas que acreditam que se sentem melhor na relação com os seus irmãos quando estes mudam o seu comportamento. Às vezes mudarmos um pouco é o suficiente para iniciar um processo de mudança na relação.

3- Se um irmão me diz que o outro o está a aborrecer o outro devo ouvir cuidadosamente e aceitar as suas queixas e os seus valores. Não tendo assim o direito de questionar a outra pessoa sobre os seus verdadeiros sentimentos.

É muito perigoso assumir que os sentimentos que os irmãos demonstram ter são genuínos e reflectem a realidade. Ouvir cuidadosamente é sempre importante, no entanto, o comportamento nem sempre é justificável.

4- A relação entre os irmãos é tão desequilibrada que nunca poderá dar certo.

Muitas pessoas interpretam a justiça de uma forma muito liberal. O que é esperado é que comece a haver compaixão e carinho e se for possível procura-se alguma reciprocidade. Uma das melhores formas de acabar com a injustiça é tentar uma aproximação.

5- Os irmãos estão aptos para pôr as diferenças de infância à parte e seguir em frente.

Por vezes alguns irmãos com os seus 20 ou 30 anos acabam por se comportar como se tivessem uns 9 ou 10 anos. A rivalidade entre os irmãos persiste na idade adulta, por várias razões. O padrão de integração negativa que foi estabelecido durante a infância tornou-se habitual ao longo dos anos, e por vezes é usado automaticamente. Em muitos casos os pais contribuíram para os conflitos entre os filhos principalmente quando privilegiam um em detrimento dos outros na infância e também na idade adulta.

As relações saudáveis entre irmãos exigem tempo e energia, o primeiro passo é o reconhecimento da realidade dos outros. Muitas famílias acreditam que esta situação pode ser remediada se aceitarem o facto de que as relações entre irmãos têm que ser trabalhadas e os irmãos têm que prestar atenção reciprocamente (Goldenthal, 2002).

Quando os indivíduos que estabelecem mais contactos com a família estão mais satisfeitos com a relação que têm com esta, acabam por não sentir tanto a solidão. Por sua vez a

insatisfação com as relações familiares pode causar contactos menos frequentes e uma maior solidão (James, 1997).

1.1.2.1- Influência do diferente tratamento parental nas relações fraternas

O diferente tratamento parental tem sido referenciado pela literatura como um factor que influencia bastante a qualidade da relação entre irmãos, a harmonia familiar e também a percepção de coesão familiar (Brody, Stoneman, McCoy & Forehand, 1992).

O comportamento parental pode originar uma distribuição material e simbólica de resultados pelos filhos, que pode ser positiva ou negativa, e que será provavelmente avaliada pelos filhos tendo em conta o critério da justiça social (Boll, Ferring & Sigrun-Heide, 2005).

Em algumas pesquisas foi abordada a igualdade, a desigualdade, a justiça e a injustiça. Estas pesquisas focam alguns aspectos em particular como é o caso das tarefas domésticas, a distribuição dos cuidados aos pais idosos e a partilha de heranças. Há outro assunto que deve ser mencionado, que é o diferente tratamento parental é também importante abordar o modo como este influencia as relações familiares. O diferente tratamento parental tem sido recentemente focado em estudos de psicologia mas tem-se procedido apenas à sua descrição e avaliação. Muitas destas pesquisas focam-se em crianças e adolescentes, evidenciando alguns aspectos como a afeição e o controlo, que estão relacionados por vezes com as relações negativas entre irmãos e entre filhos e pais durante a infância (Boll, Ferring & Sigrun-Heide, 2005).

As pesquisas mais antigas sobre o diferente tratamento parental não analisaram a relação que este pode ter com a qualidade das relações entre irmãos e entre filhos e pais, nem o facto de estas serem mediáveis. O recurso à mediação familiar é possível e visto como razoável nas pesquisas da justiça social (Boll, Ferring & Sigrun-Heide, 2005).

Os estudos sobre adultos referem a avaliação de justiça como uma construção hipotética, que deriva da ligação entre o diferente tratamento parental e possíveis consequências que

este pode ter na qualidade da relação entre os irmãos e com os pais (Boll, Ferring & Sigrun-Heide, 2005).

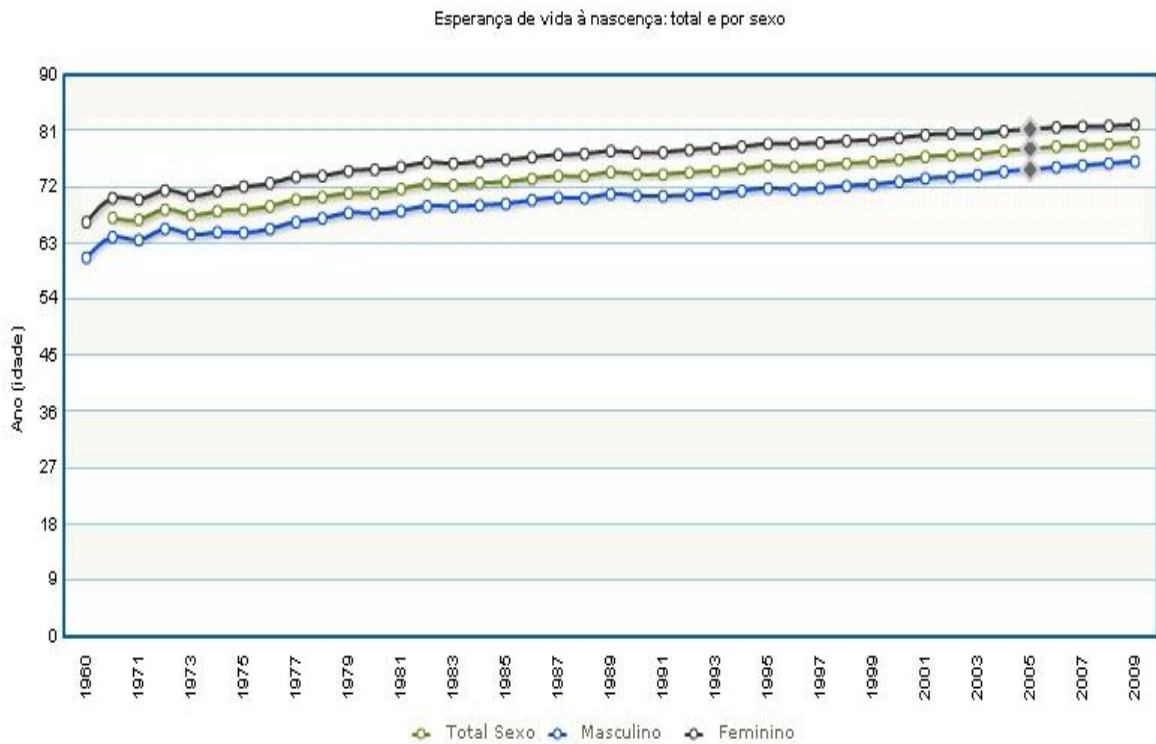
Bedfond,(cit. por Boll, Ferring & Sigrun-Heide , 2005) analisou as memórias globais de adultos de meia idade relativamente ao tratamento que eles e os seus irmãos tiveram na infância e na adolescência e depois focaram a qualidade da relação actual com os pais. A injustiça foi interpretada como uma variável mediável. O autor referiu que quando os pais discriminaram os filhos durante a infância e adolescência, durante a idade adulta é possível que os filhos não se sintam tão obrigados a manter uma relação com os seus pais idosos. Este estudo não considera como as memórias daqueles irmãos que são mais bem tratados do que os outros irmãos influenciam a qualidade das relações.

Capítulo II- Do papel de cuidador à entrada do idoso instituição

2.1- O papel de cuidador

“(…) A problemática crucial dos idosos na sociedade actual, e em particular na família, é hoje mais cadente, não só pela percentagem cada vez maior de velhos em comparação com outras faixas etárias, mas também pelo abandono a que podem ser votados. Problema tão antigo como o homem, embora com contornos diferentes ao longo dos tempos e hoje uma nova acuidade. Na verdade o mundo tem cada vez mais cabelos brancos” (Oliveira, 2010, p.101).

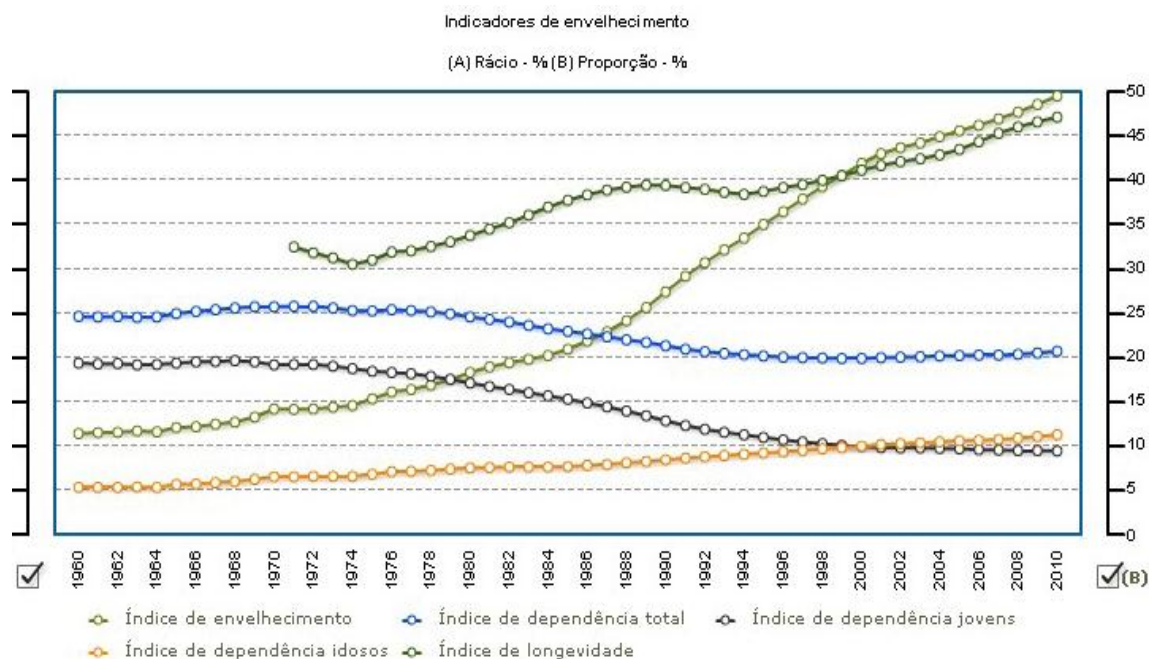
Gráfico 1- Esperança média de vida



1

¹ (<http://www.pordata.pt/Portugal/Esperanca+de+vida+a+nascenca+total+e+por+sexo-418>)

Gráfico 2- Indicadores de envelhecimento



2

A esperança média de vida é maior para o sexo feminino e tem vindo a aumentar para ambos os sexos ao longo dos últimos anos. O índice de envelhecimento aumentou vertiginosamente a partir dos anos oitenta e o de longevidade também. A dependência aumentou menos e de forma gradual, já a dependência dos jovens diminuiu nos anos noventa e tem-se mantido.

O aumento da esperança média de vida fez com que o número de idosos também aumentasse. Muitos não são doentes, até são bastante independentes, no entanto, com o passar do tempo eles acabam por perder a sua autonomia e começam a necessitar da ajuda de outras pessoas (Imaginário, 2008).

“(…) Há muitas espécies de famílias, mais ou menos sadias ou doentias, pacíficas ou conflituosas, mais ou menos unidas ou desunidas, rígidas ou flexíveis, felizes e mesmo deprimidas. Conforme o tipo de família, assim o apoio ou abandono, alegria ou sofrimento que proporciona aos velhos” (Oliveira, 2010, p.101).

² (<http://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>)

As famílias têm-se tornado cada vez mais nucleares e os seus membros têm assumido papéis que não assumiam outrora. A participação na assistência ao idoso tornou-se mais difícil e por vezes pode verificar-se uma carência assistencial. Apesar destas modificações os cuidadores continuam a ter um papel fulcral na vida de idosos dependentes. Cuidar implica muitas vezes uma mudança radical que obriga à consecução de tarefas complicadas que exigem um grande esforço físico, custos financeiros e uma grande sobrecarga emocional. Os indivíduos não planeiam tornar-se cuidadores, esta tarefa depende da forma como evolui o estado de saúde do idoso e da posição que o indivíduo ocupa na família (André, Fernandes & Rodrigues, 2010).

Há um conjunto de alterações que se podem verificar quando uma pessoa se torna cuidador nomeadamente a nível profissional, económico, na saúde física e psicológica e também no lazer. Muitas vezes estas são percebidas como negativas, outras vezes são consideradas positivas uma vez que são geradoras de satisfação. Uma das alterações que se verifica mais frequentemente está relacionada com as relações familiares. Podem-se originar conflitos familiares causados pela falta de acordo entre os cuidadores e outros familiares e devido a comportamentos, atitudes de uns e outros (Imaginário, 2008).

2.1.1- Relação entre irmãos quando têm que cuidar dos pais idosos

Segundo Satow (2007) em alguns casos a relação entre os irmãos fortalece-se quando têm que cuidar dos pais idosos. Estes acabam por funcionar como uma equipa, apoiando-se e definindo limites. Em outras famílias gera-se uma rivalidade, que por vezes está relacionada com a divisão de papéis. Na maior parte dos casos a irmã torna-se a cuidadora mais directa, enquanto, o irmão se torna o gestor dos bens dos idosos, este terá assim mais autoridade. Por vezes o cuidador recebe pouco apoio dos irmãos.

Quando há apenas uma mulher e todos os outros irmãos são homens, há uma maior probabilidade de se verificar uma menor partilha de responsabilidades. Antigamente era normal que fossem as mulheres a cuidar dos pais, uma vez que, na maior parte dos casos não estavam integradas no mercado de trabalho. Actualmente este padrão modificou-se e há vários estudos que comprovam que acontece com mais frequência as mulheres com

cursos superiores tomarem conta dos pais do que as domésticas (Satow, 2007).

As filhas uma vez que se envolvem mais nos cuidados dos pais, acabam por revelar um maior cansaço, que se reflecte no trabalho e também na família. Em muitos casos as filhas acabam por ter uma sensação permanente de responsabilidade pelos pais idosos e reparam mais facilmente no estado emocional dos seus pais (Satow, 2007).

Não são apenas os laços parentais que definem quem será o cuidador, há factores muito relevantes, como é o caso da proximidade geográfica, a coabitação e a utilização de redes de apoio. As redes familiares são normalmente verticais e baseiam-se no modelo de substituição que refere que os cuidados prestados pela família têm a seguinte ordem, o primeiro cuidador é o cônjuge, se este não está disponível são os filhos e quando estes não o podem fazer, recorre-se a pessoas exteriores à família (André, Fernandes & Rodrigues, 2010).

O factor geográfico poderá influenciar a escolha de quem cuidará dos idosos, normalmente quem reside mais longe são os filhos. A responsabilidade recai normalmente na irmã que reside mais perto e o irmão geograficamente mais distante assume a autoridade na vida dos pais. Na maior parte dos casos, irmãos e irmãs, assumem papéis definidos culturalmente independentemente da maior ou menor disponibilidade que cada um tem (Satow, 2007).

2.1.2- O *stress* no cuidador

Muitas vezes surgem ocorrências na vida de uma pessoa que não fazem parte da rotina e que vão exigir uma adaptação. O *stress* acontece quando uma pessoa sente que não é capaz de superar algum problema que a vida lhe impõe e que não tem nada, nem ninguém a quem possa recorrer para a resolução do mesmo. O indivíduo tem a percepção de que não controla um certo acontecimento (Serra, 2005).

Segundo Serra (2005) há sete tipos de situações que podem ser consideradas indutoras de *stress*: acontecimentos traumáticos; situações crónicas consideradas como indutoras de *stress*; acontecimentos significativos; microindutores; macroindutores; acontecimento

desejado que não se verifica; traumas verificados num estágio de desenvolvimento. Os acontecimentos traumáticos acontecem quando há uma ameaça da vida ou da segurança de uma pessoa. As situações crónicas de *stress* estão relacionadas com elementos perturbadores que interferem na consecução das actividades diárias. Os acontecimentos significativos são situações que provocam alterações drásticas na vida do indivíduo. Os microindutores de *stress* são os pequenos aborrecimentos que acontecem no quotidiano. Os macroindutores estão relacionados com o sistema económico e social do indivíduo. Os acontecimentos desejados que não se realizam são aspirações intensamente esperadas que não se concretizam. Os traumas da infância podem eventualmente influenciar a vida adulta.

Na comunidade científica tem sido difícil aceitar as várias definições de *stress* e nenhuma delas é consensual. Lazarus e Launier cit. por Figueiredo (2007) referem que o termo *stress* é muito abrangente com aspectos relacionados com diferentes tipos de análise, em que cada um dos níveis é independente uma vez que têm diferentes condições, conceitos e processos. Figueiredo (2007) refere também a teoria de Breznitz e Goldberger que menciona o *stress* como uma experiência subjectiva que não pode ser avaliada objectivamente.

O modelo transaccional de *stress* foi desenvolvido por Folkman e Lazarus refere que o *stress* tem a ver com a relação entre a pessoa e o meio ambiente. O meio ambiente é importante porque proporciona bem-estar ao indivíduo, assim o *stress* pode ser visto como uma interacção pouco proporcional entre o ambiente e as capacidades de resposta do indivíduo. A pessoa e o ambiente interagem como duas entidades bastante distintas com trocas recíprocas, em que o indivíduo possui um papel activo. Neste modelo o *coping* é central uma vez que inclui o conjunto de esforços que permitem lidar com as exigências com que o indivíduo se depara (Figueiredo, 2007).

No *stress* familiar há um conjunto de vários modelos, no entanto, um dos mais consensuais na comunidade científica é o sistémico. O modelo sistémico foi proposto por vários autores nomeadamente McCubbin e Petterson. Este modelo refere “ (...) a importância da definição que a família faz do acontecimento stressante e do(s) significado(s) que atribui” (Relvas, 2005, p. 46).

Quando se é cuidador as situações de *stress* que estão ligadas especificamente com esta tarefa influenciam outros contextos da vida do indivíduo, uma vez que eles não são apenas cuidadores e possuem outros papéis sociais. Cada papel desempenhado pelo actor social inclui diferentes tipos de interacções fazem com que este possuía obrigações, compromissos e recompensas. Há sempre algumas dificuldades de conciliar os vários papéis e quando se é cuidador é ainda mais difícil. O papel de cuidador implica muitas exigências e provoca ajustes em outras áreas, mesmo assim há uma pressão constante nas fronteiras com os outros papéis que pode levar a tensões, pressões e mal-estar (Figueiredo, 2007).

2.1.3- A gratificação/satisfação no cuidador

Muita da investigação na área dos cuidados aos idosos fala apenas do impacto negativo de ser cuidador uma vez que foca essencialmente a questão da sobrecarga. Os estudos sobre os sentimentos de gratificação ainda são muito poucos (Figueiredo, 2007).

Nolan, Grant & Keady (cit. por Figueiredo, 2007) dão muita atenção à reciprocidade uma vez que esta pode levar à aceitação da prestação de ajuda ou apoio. O conceito de reciprocidade neste caso não tem que incluir uma troca de ajuda e suporte mas sim o resultado de várias negociações, que estão muito relacionadas com a história familiar. Este conceito permite analisar a satisfação tanto do idoso como do cuidador. Em algumas situações o beneficiado é apenas o idoso, em outras são ambos beneficiados.

Há três tipos de proveniências da satisfação: relacionadas com a dinâmica interpessoal do cuidador com o ancião; com a orientação intrapessoal ou intrapsíquica do cuidador e com a vontade do cuidador de proporcionar situações positivas para evitar as negativas (Figueiredo, 2007).

Quanto às situações relacionadas com a dinâmica interpessoal, algumas pesquisas têm concluído que a satisfação do cuidador, muitas vezes provém de actos simples como o facto de fazer feliz ou dar pequenos agrados ao idoso. A gratificação também pode ser salientada quando os cuidadores fazem o possível para manter a auto-estima e a dignidade

do ancião. Quanto às situações que derivam da orientação intrapessoal, para muitos o ser cuidador é a expressão de crenças, tanto religiosas como pessoais. Este tipo de situação acaba por satisfazer as necessidades do cuidador no que respeita a crescimento pessoal, sentimento de competência, realização e desenvolvimento de qualidades, como a paciência e a tolerância. As satisfações que estão relacionadas com vontade do cuidador de proporcionar situações positivas para evitar as negativas, acontecem porque muitos cuidadores acreditam que são mais capazes de cuidar dos seus familiares, uma vez que conhecem o seu íntimo mais profundamente (Figueiredo, 2007).

2.2- Acolhimento numa instituição

Em muitos casos as famílias não têm tempo nem capacidade para cuidar do idoso dependente, há poucos programas comunitários para o atendimento ao idoso dependente, logo a única alternativa para a família é a institucionalização. A instituição acaba por substituir a família na prestação de cuidados ao idoso (Gardão, 2009).

A institucionalização dos idosos principalmente na valência de Lar de idosos, muitas vezes implica o abandono dos papéis da família, principalmente os papéis de pais e de avós. Nesta etapa verifica-se também, diminuição da intensidade das relações com irmãos e sobrinhos, por mais eficaz que a instituição seja, jamais ocupará o lugar dos familiares. Nesse sentido torna-se muito importante que o idoso mantenha contacto com a sua família e cabe aos familiares e à instituição a promoção deste contacto. Estes podem ser feitos de diversas formas através de encontros semanais, mantendo actividades que já realizavam antes de o idoso ir para a instituição e proporcionando a ida do idoso às festas de família. A institucionalização implica sempre rupturas afectivas, no entanto, acarreta também a construção de novos afectos. A entrada para um Lar de Idosos será mais simples e menos dolorosa, se essas rupturas não ocorrerem abruptamente (Pereira, 2008).

A Constituição da República refere no artigo 72 que os idosos têm direito à segurança económica e a condições habitacionais e outros elementos que visam a promoção do bem-estar durante a terceira idade (Oliveira, 2010). Ao longo do tempo em Portugal verificaram-se alterações no tratamento aos idosos, estas foram bastante visíveis entre 1976

e 1985. Uma das políticas mais importantes foi a transformação dos asilos em lares de idosos. Promoveu-se também o apoio à manutenção do ancião no seu domicílio, através da implementação de serviços de apoio domiciliário e centros de dia. Desenvolveram-se medidas concretas que permitiram orientar as instituições definindo os seus objectivos, a sua organização e as actividades a ser desenvolvidas (Velo, 2008).

Estas políticas estão direccionadas para a manutenção do idoso no seu domicílio com todas as condições que ele necessita tendo em conta a possibilidade de um envelhecimento activo através da participação em várias actividades (Velo, 2008).

“(...)Um modo de vida começa a ser preconizado e a ser traduzido pelos diferentes equipamentos, como o centro de dia e o centro de convívio. Estes equipamentos indiciam simbolizar e promover um novo estilo de vida para os idosos, que deve ser participativo, autónomo, retardando o envelhecimento e o respectivo internamento. Este modo de vida parece corresponder e difundir uma nova representação social de idoso, não o idoso dependente, indigente, mas o idoso activo, autónomo, integrado – o que constitui a categoria social designada por terceira idade”(Velo, 2008 p.4).

Capítulo III- Conflitos Familiares

3.1- O conflito

O conflito é natural na vida humana e na maior parte das situações os seres humanos não estão preparados para lidar com ele. Em algumas culturas o conflito é percebido como sinónimo de azar e desgraça, que perturba em grande escala as relações interpessoais. Raramente este é encarado como uma oportunidade de crescimento pessoal (Jares, 2002).

Vivemos numa sociedade em que o conflito é visto de uma forma muito negativa, no entanto, este é inevitável e está presente em vários aspectos da vida humana. Este exprime a insatisfação causada por um procedimento ou por uma interacção. Não o podemos eliminar mas podemos encontrar formas de o manobrar ou de o prevenir. Os conflitos não são apenas desacordos pois estes são extremamente comuns, originam-se situações de conflito quando os projectos, os interesses e as expectativas colidem (Luz, & Sanches, s/d).

O conflito está presente nos vários cenários da vida humana e pode ter diversos níveis: intrapessoais, interpessoais, intragrupo, intergrupais, nacionais, internacionais, laborais, políticos entre outros (Cunha, 2008).

Para este estudo a dimensão do conflito mais relevante é a interpessoal uma vez que as relações amigáveis e de amor pressupõem a existência de divergências. Pensar de forma diferente é normal e acaba por contribuir em larga escala para o enriquecimento pessoal. A discussão de ideias pode ser realizada de uma forma saudável (Costa, 1994).

A nível interpessoal salientam-se três tipos de conflitos, colisão de culturas, quando dois ou mais indivíduos colidem com um grupo e quando um indivíduo colide com um grupo, como acontece nos conflitos familiares (Luz, & Sanches, s/d).

A falta de comunicação origina muitos dos conflitos familiares, uma vez que propicia as relações familiares disfuncionais. Para uma melhoria da comunicação é necessário haver uma escuta activa, não atacar a personalidade dos outros membros da família, clarificar os

pontos de tensão, as expectativas, as contradições e os desejos. Para melhorar a comunicação é também importante que esta se torne clara e aberta (Luz, & Sanches, s/d).

È claro que os membros de uma família nem sempre estão de acordo mas este facto não tem que se tornar num conflito. Dentro de uma família os indivíduos devem ter a liberdade para expressar as suas opiniões sem ter medo das ideias dos outros. A maior parte das famílias possui competências para lidar com a maior parte dos conflitos que vão surgindo (Luz, & Sanches, s/d).

3.2- Conflitos entre irmãos

Literariamente os conflitos entre irmãos são relatados como sendo os mais antigos da humanidade, tendo o seu início com Caim e Abel.

“(...) Caim apresentou ao senhor uma oferta de frutos da terra. Por seu lado, Abel ofereceu primogénitos do seu rebanho e as gorduras deles. O senhor olhou favoravelmente para Abel e para a sua oferta, mas não olhou para Caim nem para a sua oferta. Caim ficou muito irritado (...). Entretanto Caim disse a Abel, seu irmão: “Vamos ao Campo”. Porém logo que chegaram ao campo, Caim lançou-se sobre o seu irmão e matou-o.” (Génesis, 4, 10)

Os conflitos fraternais na infância são normais e na maior parte dos casos são contornáveis porém em alguns casos a mágoa perdura por alguns anos. As relações que os irmãos mantêm durante a infância influenciarão a vida adulta (Fernandes, 2005). *“(...) Os conflitos residuais, ou endémicos, entre os irmãos _ que vêm, provavelmente, desde as suas experiências relacionais _ são atenuados, em parte, pela desidentificação que eles fazem entre si (...).” (Fernandes, 2005, p. 81).*

Durante a infância os irmãos rivalizam pela atenção e carinhos dos pais, este conflito entre irmãos que pode prolongar-se ou não até à vida adulta. Por um lado devido á força dos laços familiares, o conflito sobre o favoritismo parental pode persistir na idade adulta, por outro lado, a dimensão do conflito pode não ser tão forte como em crianças, pois, irmãos adultos podem escolher, o tempo que estão em contacto uns com os outros. Geralmente os irmãos adultos que não se dão muito bem, mantêm pouco contacto (Stocker & Lanthier, 1997).

Há autores que referem que se pode verificar um aumento do conflito e decréscimo do afecto nas relações fraternas durante a adolescência (Brody, Stoneman, (Mccoy & Forehand, 1992). A questão da rivalidade também pode ser menos acentuada pois os irmãos adultos normalmente vivem fora da casa dos pais e em casas separadas (Stocker & Lanthier, 1997).

3.2.1- Partilha de Heranças como potencial situação conflituosa

O fenómeno sucessório está inteiramente ligado com o modelo de organização social adoptado por cada sociedade no que respeita à propriedade e à família. A sucessão acontece quando uma pessoa adquire na esfera jurídica os direitos de uma pessoa que já faleceu. Com a morte de uma pessoa origina-se uma crise nas relações jurídicas de que o falecido era titular que só acaba quando estas passam para outra pessoa, por vezes há um conjunto de factos que fazem com que este processo seja longo. Ao conjunto das normas jurídicas que regulam as sucessões chama-se o Direito das Sucessões (Dias, 2010).

Os momentos essenciais do fenómeno sucessório são: a abertura da sucessão, a vocação ou chamamento sucessório e a aceitação da herança. Há sempre um conjunto de direitos e obrigações que não acabam com a morte do seu titular e o fenómeno sucessório evita a sua extinção (Dias, 2010).

A sucessão pode ser legítima ou legitimária, são herdeiros legítimos o cônjuge, os parentes e o Estado. A família é considerada a célula básica da sociedade e está protegida constitucionalmente. Quando a pessoa que faleceu não manifestou a sua vontade em relação à atribuição dos bens, a lei determina que sejam chamados os familiares de acordo com uma hierarquia. O Estado só é chamado quando faltam todos os familiares, evitando assim que os bens fiquem sem dono e permitindo que estes sejam postos a favor da comunidade (Dias, 2010).

Na sucessão legitimária a preocupação de que os bens fiquem para a família é mais marcada. A sucessão legítima não assegura a continuidade dos bens na família uma vez

que há a possibilidade de ser feito um testamento. Os herdeiros legitimários são herdeiros forçados, que não podem ser afastados pela vontade do autor da sucessão. Na lei actual, são herdeiros forçados o cônjuge, os descendentes e os ascendentes (Dias, 2010).

Antes da entrada em vigor da lei de 29/2009 de 29 de Junho, a herança cessava-se através da partilha, esta tinha duas modalidades: a extrajudicial e a judicial. A primeira acontece quando há um acordo entre todos os herdeiros e não há recurso aos tribunais. Na partilha judicial tem que haver o processo de inventário (Dias, 2010).

Após a entrada em vigor da lei de 29/2009 de 29 de Junho continuaram a existir duas modalidades contudo o processo de inventário passou a ser na conservatória ou no cartório notarial (Dias, 2010).

Quando há um acordo a partilha pode ser oficializada numa conservatória simplificando assim o processo de sucessão hereditária. Só o cabeça-de-casal ou o seu representante legal é que pode realizar os procedimentos simplificados de sucessão hereditária, este terá que fazer o procedimento de habilitação de herdeiros, partilha e registos. Com a entrada em vigor da lei referida anteriormente a partilha da herança deixou de incluir a escritura pública (Dias, 2010).

Quando não há acordo a partilha é realizada através do inventário. Pode ser também necessário o inventário quando o ministério público entender que tem que defender os interesses de um incapaz, por motivo de ausência em parte incerta ou de incapacidade comprovada (Dias, 2010).

As fases do processo de inventário são: a apresentação do requerimento de inventário, conferência de interessados e apresentação de licitação e, por fim a decisão de partilha (Dias, 2010).

Durante a vida o indivíduo pode dispor dos seus bens perante doação e partilha em vida, podendo esta ser considerada uma doação entre vivos. Quando há herdeiros legitimários as doações e os testamentos não podem atingir as quotas de bens que a lei destina aos

herdeiros. Para que a partilha de bens em vida seja válida é necessário o consentimento de todos os herdeiros legitimários. Nas doações em geral o donatário pode ser qualquer pessoa, na partilha em vida só pode ser o cônjuge, um descendente e, na falta do mesmo, um ascendente (Dias, 2010).

3.3-A resiliência como forma de evitar ou superar o conflito

A palavra resiliência tem a sua origem no latim através do termo *resilio*, que significa ressaltar (Jorge, 2007). Este é um conceito utilizado recentemente na Psicologia e tem sido discutido do ponto de vista teórico e metodológico pela comunidade científica. Alguns estudos referem que este é um fenómeno inerente ao desenvolvimento de qualquer ser humano (Masten, 2001). Esta designação caracteriza a capacidade de resistir e ultrapassar as adversidades. A resiliência implica o desenvolvimento de capacidades físicas e psicológicas. Estas conduzem o indivíduo a uma certa imunidade, que possibilita a obtenção de novas competências que, lhe permitem a adaptação a uma realidade através da resolução dos problemas colocados pela mesma (Jorge, 2007).

Para Masten (2001) a resiliência é complexa e é muito complicado medi-la. Este autor considera-a também como um fenómeno comum que resulta de sistemas de adaptação humana. É a resposta adaptativa, que define, se os indivíduos podem ser ou não considerados como resilientes. A resiliência é definida tendo em conta critérios internos e externos. Os externos estão relacionados com comportamentos visíveis tal como o sucesso académico. Os factores internos estão relacionados com *stress* ou bem-estar psicológico (Mastern, 2001).

Rutter (1991) refere que a resiliência é um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que dão aos indivíduos a possibilidade de ter uma vida saudável num meio adverso. Considera também que a resiliência tem as seguintes características: é uma capacidade que inclui mecanismos de protecção; que permite enfrentar positivamente as adversidades e também factores de *stress*; é parte integrante do processo evolutivo que deve ser promovido durante todo o ciclo vital.

As várias definições existentes sobre este tema não são consensuais todavia há um ponto em que estão todas de acordo que é a presença de uma situação *stressora* e uma forma de o indivíduo se adaptar a esta situação (Mastern, 2001).

O estudo da resiliência familiar iniciou-se recentemente e uns dos primeiros trabalhos foi realizado por McCubbin e McCubbin em 1988 e teve como tema “Tipologias de famílias resilientes”. Partiram do princípio que os resilientes são aqueles que se adaptam às mudanças e que superam os problemas colocados por elas. Estes autores tiveram como objectivo estudar as características da família, que a ajudariam a superar os momentos de crise sendo eles tragédias ou transições do ciclo de vida. No fim do estudo os autores verificaram a existência de quatro tipos de famílias; as vulneráveis, as seguras, as duráveis e as regenerativas. Este trabalho salientou a necessidade de se estudar a resiliência no âmbito familiar e nas diferentes classes sociais e etnias (Yunes, 2003).

O indivíduo pode ter algumas características que podem levar a que este seja considerado uma pessoa resiliente: ter opiniões seguras; ser apoiado por outras pessoas; acreditar que se é eficaz; manter o sentido de humor em algumas situações adversas; unir esforços para alcançar metas conjuntas (Connor, 2006). Nas situações adversas podemos incluir conflitos entre irmãos e também o facto de ser cuidador que por vezes leva a situações de *stress* como já foi mencionado anteriormente.

Os indivíduos resilientes conseguem perceber as situações de *stress* como um incentivo para enfrentarem novos desafios (Connor, 2006).

Capítulo – IV- Mediação e Orientação Familiar

4.1- Mediação Familiar

O conflito não é positivo nem negativo é algo necessário para crescer e para mudar. O que é importante é saber geri-lo de uma forma construtiva. O papel do mediador é ajudar as partes em conflito a encontrar soluções mutuamente satisfatórias (Parkinson, 2008).

A mediação é um método alternativo para a resolução de conflitos e pode aplicar-se a várias áreas do direito nomeadamente, o direito da família, o direito penal e o direito comercial (Rios, 2005).

É na família que se registam mais intensamente vários tipos de relações conflituosas. Estes conflitos podem ser pontuais ou podem prolongar-se ao longo do tempo, por vezes, acabam mesmo por gerar rupturas (Gimeno, 2001). Antigamente muitos conflitos familiares resolviam-se recorrendo à terapia familiar ou aos tribunais. Nos últimos anos tem-se verificado uma ampliação de recursos para lidar com as divergências familiares sendo que um deles é a mediação familiar (Almeida, 2002).

A mediação é um processo que visa a resolução de um conflito, as duas partes em litígio são auxiliadas por uma terceira parte, imparcial, que é o mediador. Este ajuda as partes a negociar as decisões que têm que ser tomadas em comum. A mediação é uma alternativa aos tribunais, às transacções de advogados ou às autoridades administrativas (Rabaça, 2004). O mediador tem como função gerir o processo de uma forma neutra e imparcial, e, não dar conselhos nem opiniões (Bouché, 2008).

Esta forma alternativa de resolução de litígios pode ser usada em diversas questões familiares tais como: entre filhos adolescentes que tenham saído de casa e os seus pais, entre irmãos para decidirem se os pais devem ir para um lar ou não, filhos envolvidos num conflito relacionado com uma herança, entre outros (Parkinson, 2008). As questões sucessórias podem originar conflitos familiares quando há vários herdeiros, e, é preciso fazer-se a partilha da herança (Xavier, 2010).

A mediação surge da necessidade de não serem terceiros a tomar as decisões inerentes à família. É um meio para as partes poderem dialogar e traçar os seus próprios acordos segundo as suas regras. Normalmente estas pessoas estão muito fragilizadas, o que não facilita a tomada de decisões (Barbosa, 2002).

O mediador conduz encontros que têm um carácter voluntário, não impõe quaisquer condições para o seu êxito. Se não se chegar a um acordo nenhuma das partes pode ser sancionada, o processo de mediação não pode ser de forma alguma um meio contra um dos progenitores (Rabaça, 2004).

Os princípios pelos quais se rege a mediação familiar em Portugal são: voluntariedade; neutralidade; imparcialidade; flexibilidade; consensualidade; denúncia por parte do mediador de qualquer tipo de conflito de interesses que possa existir; respeito pelas pessoas e pela sua diversidade cultural; capacitar as partes para tomarem decisões esclarecidas; confidencialidade embora sujeita a algumas limitações; segurança pessoal, protecção contra riscos; focar a atenção das partes no futuro e não no passado; enfatizar os interesses comuns em detrimento das divergências; ter em consideração os interesses de todos os envolvidos; competência do mediador (Parkinson, 2008).

A mediação familiar actua essencialmente na prevenção de litígios e na restituição da comunicação fomentando a importância da coesão, a solidariedade e responsabilidade nas relações familiares. O objectivo primordial não é apenas a obtenção de acordos mas é também a facilitação da comunicação entre as partes que estão em conflito (Xavier, 2010).

Em todos os países onde há mediação familiar esta pode ser solicitada ainda antes do processo judicial, evitando assim em alguns casos a abertura do processo (Xavier, 2010).

A Mediação Familiar pode ser uma alternativa viável para os conflitos entre irmãos adultos, não só na partilha de bens como também nos cuidados prestados aos idosos. Esta forma alternativa de resolução de litígios pode contribuir para alcançarem um acordo na partilha de bens. Nos cuidados prestados aos idosos esta poderá ser muito importante pois permitirá aos indivíduos exporem diferentes pontos de vista encontrando assim soluções

mais favoráveis para todas as partes.

4.2-Orientação familiar

O termo orientação pode ter um conjunto diverso de interpretações, sendo que as mais comuns são aconselhar, conduzir, dirigir e encaminhar. A orientação familiar tem como objectivo a junção da família permitindo assim que esta conheça mais aprofundadamente os seus membros, encontrando soluções para a problemática levada para a orientação familiar. Esta é diferente das outras psicopedagogias, uma vez pressupõe que a família é capaz de encontrar soluções reconstruindo-se (Bouché & Hidalgo, 2008).

O conflito expressa a dificuldade em satisfazer as expectativas que cada um membros da família tem relativamente aos outros tornando difícil manter a integridade familiar. As relações familiares devem promover o crescimento pessoal, através da formação de uma estrutura que facilita o relacionamento entre todos os membros, e possibilita a troca de expectativas e um ajuste (Bouché & Hidalgo, 2008).

A orientação familiar faz com que o indivíduo passe do estágio “ser” para o “chegar a ser”, ou seja, este começa a utilizar de uma forma mais eficaz os recursos disponibilizados para a realização das suas aspirações. A realização do “eu” faz com que o indivíduo tenha a possibilidade de interagir sem perder a integridade pessoal. Desta forma a orientação familiar acaba por ser um suporte que facilita o crescimento pessoal no seio familiar quando a família deixa de ter meios para o fazer sem qualquer tipo de apoio. Este tipo de suporte acaba por ajudar a família a manter a consistência interna e também a identidade familiar (Bouché & Hidalgo, 2008).

Segundo a *National Commission on Family Life Education and National Council on Family Relations (USA)* (cit. por Bouché & Hidalgo, 2008) os objectivos da orientação familiar são:

- 1) Melhorar a capacidade de compreensão de todos os membros da família.

- 2) Ajudar o desenvolvimento do comportamento humano promovendo a adaptação às diversas fases do ciclo vital.
- 3) Conhecer os padrões da vinculação da família em geral e do casal em particular. Podendo assim prever comportamentos perante determinado tipo de situações.
- 4) Promover o acesso aos recursos necessários para o desenvolvimento da vida familiar. Independentemente do tipo de família, a orientação familiar tem como objectivo facilitar a convivência dos indivíduos.
- 5) Facilitar o desenvolvimento das potencialidades que cada individuo necessita para poder desempenhar o seu papel no seio familiar.
- 6) Permitir uma compreensão da organização familiar, para que os indivíduos possam superar as diversas situações conflituais, que surgirão ao longo da vida.
- 7) Fortalecer os laços familiares promovendo o bem-estar pessoal e familiar e tendo em conta que qualquer acção que afecta um dos membros da família terá repercussões nos outros.

A Orientação familiar poderá contribuir para atenuar relações familiares conflituosas. Nas relações fraternas será importante pois poderá contribuir para a existência de uma convivência mais saudável. Poderá também originar um fortalecimento de laços que em muitos casos, será importante para manter o bem-estar dos pais idosos.

Capítulo V – Caracterização da Instituição

A parte prática desta dissertação foi elaborada na Casa do Povo de Vendas Novas. Esta instituição situa-se na província alentejana mas concretamente na cidade de Vendas Novas.

“O Alentejo, visado por alguém que leve consigo a capacidade emotiva e compreensiva de um verdadeiro curioso, é um Sésamo que se abre. A sua pré-história os seus costumes, as suas fainas, as mutações impressionantes do seu rosto quando tem frio ou quando tem calor, os seus trajas e a sua própria fala – são outros tantos motivos de meditação e admiração. Mas o que nele é sobretudo extraordinário é a sua flexível determinação de conservar a fisionomia inconfundível haja o que houver” (Torga, 2010 p.90).

Esta instituição foi constituída em 1959, ao longo dos anos, desenvolveu várias actividades a nível desportivo, cultural e social. Um dos grandes projectos da Casa do Povo de Vendas Novas foi o lar Nossa Senhora da Saúde que está a funcionar desde 2007. As valências desta instituição são: Lar de Idosos, Centro de Dia e Apoio Domiciliário.

Actualmente esta instituição possui cerca de 40 funcionários. Estes acompanham diariamente 96 utentes subsidiados pelo estado. Na valência de Lar de Idosos estão 36 idosos, no centro de dia 30 e no Apoio Domiciliário 30. A média de idades é de 80 anos, sendo que o mais novo tem 45 anos e a mais velha 101. Há mais utentes do sexo feminino principalmente na valência de Lar de Idosos. Quanto ao nível de dependência há muitos que ainda são independentes.

A Casa do Povo de Vendas Novas está localizada no centro da cidade de Vendas Novas. O Lar Nossa Senhora da Saúde situa-se numa população chamada Afeiteira que dista cerca de 6Km da cidade de Vendas Novas. A localização do Lar possibilita aos utentes que ainda são autónomos e gostam de passear o contacto com a natureza e o deslocamento para a cidade uma vez que há uma paragem de autocarro próxima do Lar.

A missão do Lar consiste em atender e acolher indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos ou pessoas com menos de 65 anos em casos de dependência comprovada. A instituição garante serviços de carácter temporário ou permanentes adequados à satisfação

das necessidades dos seus residentes. Funciona como estrutura de alojamento colectivo que proporciona para além dos cuidados de saúde, higiene e conforto, todas as condições facilitadoras de integração e do seu bem-estar global.

Capítulo VI- Metodologia

6.1-Desenho do Estudo

Relativamente ao desenho trata-se de um estudo exploratório, quanto ao número de medições este é transversal, uma vez que os sujeitos são avaliados num só momento. Não se verificou qualquer tipo de manipulação de variáveis. Não se pretende testar relações de causalidade. Não serão elaboradas hipóteses serão elaborados objectivos que proporcionaram a obtenção informações sobre a temática do estudo.

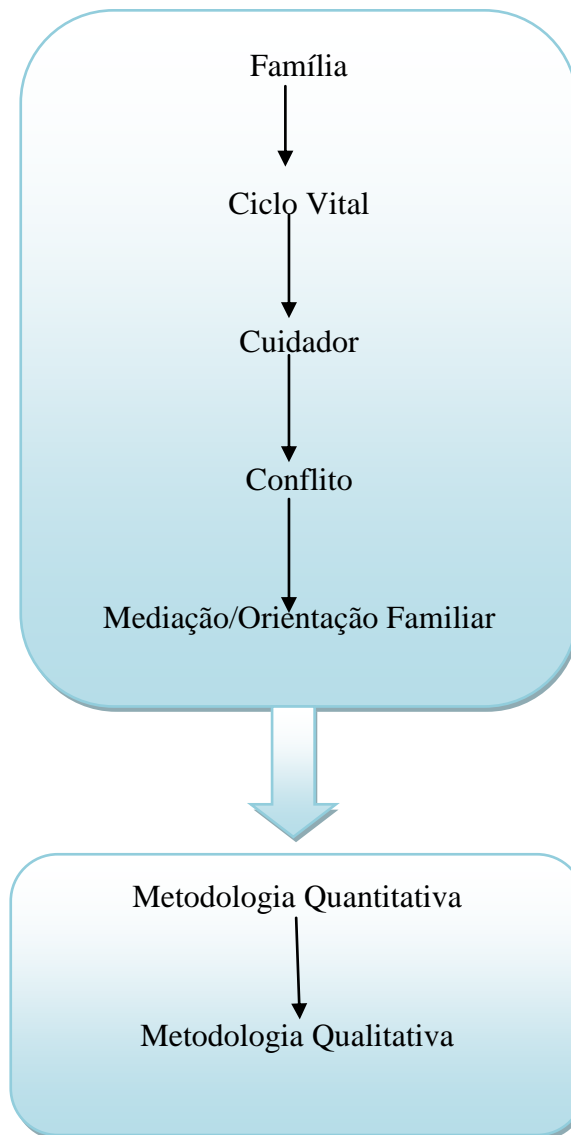
6.2- Objectivos

- ▶ **Objectivo geral** - Perceber que tipo de relação os indivíduos estudados têm com os seus irmãos, se esta é ou não conflituosa e se consideram a mediação familiar como um meio possível para a resolução de conflitos entre irmãos.

Objectivos específicos:

- ▶ Caracterizar a relação que os inquiridos estabelecem com os irmãos, com pais, com filhos e com netos;
- ▶ Perceber quais são as causas e os tipos de conflitos mais frequentes e quais as formas que os inquiridos usaram para os resolver;
- ▶ Perceber como são prestados os cuidados ao idoso e como é efectuada a gestão dos seus bens.
- ▶ Abordar o processo de partilha de heranças, verificando se este foi conflituoso ou não;
- ▶ Saber de em caso de conflito, os entrevistados recorreriam à mediação familiar para solucionar conflitos entre irmãos.

6.3- Mapa conceptual



6.4- Procedimentos metodológicos

Quando se realiza uma investigação é necessário definir o paradigma pelo qual esta se orientará. Um paradigma permite-nos visionar a realidade envolvente distinguindo assim o que é mais importante (Bogdan & Bilklen, 1982). Cuba & Lincoln (1994) propuseram uma análise comparativa entre diferentes paradigmas e definem três grupos de questões que estão presentes de forma diferente nos diversos paradigmas, os aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos.

Os aspectos ontológicos estão relacionados com a forma como percebemos a realidade envolvente e o que pensamos saber sobre a mesma.

Este estudo tem por base o paradigma pós-positivista. No que se refere aos aspectos ontológicos, os defensores deste paradigma referem que a objectividade nas ciências sociais é alcançável através distinção entre realidade em estado puro e objectividade. Estes aspectos também defendem que as teorias podem ser modificadas uma vez que as novas descobertas substituem as anteriores. Os aspectos epistemológicos referem que os resultados da investigação estão relacionados com a interacção entre o investigador e o entrevistado. Ao contrário de outros paradigmas que referem que esta interacção é sempre subjectiva, o pós-positivista menciona que a objectividade pode ser condicionada pelo pesquisador. As metodológicas incidem principalmente sobre o procedimento investigatório adoptado. Este paradigma defende a coexistência de vários instrumentos e também de vários métodos, como é o caso do presente estudo em que foi usada a entrevista e o questionário (Alves-Mazzotti, 1996)

Os métodos qualitativos e quantitativos podem contribuir para a construção de teorias que nos permitem obter um maior conhecimento da realidade. Os métodos podem coexistir numa investigação, no entanto, têm que ser usados dentro dos limites tendo em conta as suas especificidades (Seixas, 2008).

Os métodos qualitativos acabam por eliminar alguns obstáculos que os métodos quantitativos não conseguem ultrapassar. Muitas vezes esses obstáculos estão relacionados com a natureza dos fenómenos estudados e também com o contexto político e social de uma comunidade (Santo, 2010).

Antes da aplicação de qualquer tipo de instrumento de recolha de dados deve-se realizar o pré-teste. Este deve ser feito com pessoas da população que se pretende estudar e permite corrigir alguns aspectos do instrumento de recolha, nomeadamente no que diz respeito à redacção das perguntas, garantindo assim que estas se tornam mais claras e que o questionário não é demasiado extenso (Santo, 2010).

Neste estudo inicialmente aplicamos um questionário que permitiu um melhor conhecimento da população estudada, após esta aplicação verificou-se que seria importante explorar alguns aspectos com maior profundidade e assim surgiu a relevância da realização de entrevistas.

6.4.1- Questionário

Os questionários podem ser aplicados a um grande número de pessoas. Apesar de não se verificar uma interação pessoal, como acontece nas entrevistas, este exige um trabalho prévio que tem como objectivo clarificar as questões (Azevedo & Azevedo, 2008).

O questionário pode ser colocado a um grande número pessoas, as respostas são previamente codificadas e os indivíduos têm que responder obrigatoriamente a uma das respostas que lhe é proposta. Quanto às vantagens podemos referir que permite quantificar um grande número de dados e proceder a várias análises. Como desvantagem podemos referir que, em alguns casos as respostas são superficiais contendo descrições simples (Quivy & Campenhoudt, 2003).

Este pode conter questões abertas e questões fechadas. As questões de resposta aberta obrigam o indivíduo a construir uma resposta pelas suas próprias palavras. Estas demoram mais tempo a responder mas permitem uma maior recolha de informação pois assim o indivíduo acaba por se expressar livremente. As questões fechadas obrigam à existência de um conjunto de respostas predefinido, em que o indivíduo pode seleccionar a que mais se adequa. Este tipo de questões permitem uma resposta mais rápida e mais uniforme (Reis, 2010).

Neste trabalho académico foram aplicados 24 questionários, foi realizado um pré-teste com 5 pessoas. Quanto ao procedimento os questionários foram entregues, quando os inquiridos se deslocaram á instituição, em envelopes que continham também uma caneta que lhes foi oferecida. Alguns optaram por responder logo e outros levaram para casa e entregaram posteriormente. Todos os questionários foram devolvidos em envelopes fechados e colocados numa tómbola que só foi aberta quando já tinham sido recebidos todos os

questionários. O questionário foi construído com base em pesquisa bibliográfica uma vez que não foram encontrados questionários validados para a população portuguesa para a temática estudada. Os questionários, foram constituídos por 71 perguntas, abertas e fechadas, sendo que nem todas eram de resposta obrigatória. Com os questionários conseguimos obter informação generalizada sobre o tema estudado. Estes foram analisados com o suporte do programa *SPSS*.

6.4.2- Entrevista

Na entrevista verifica-se uma troca em que o indivíduo fala das suas percepções sobre um acontecimento ou sobre uma situação em contextos que não são estruturados anteriormente (Gilberto, 2006).

Na entrevista há um conjunto de perguntas abertas em que o investigador não permite que o entrevistado se afaste dos seus objectivos (Quivy & Campenhoudt, 2003). Neste método devem ser colocadas questões que correspondam aos objectivos de investigação, contudo estas têm que ser trabalhadas de acordo com uma pesquisa teórica prévia. Na concepção do guião de entrevista deve-se ter em atenção a formulação e estruturação de perguntas. Na formulação as perguntas devem ser claras com poucos tópicos, não devem ser tendenciosas nem ambíguas. Quanto à estruturação o guião de entrevista deve começar por questões de carácter geral e depois seguirem-se os vários aspectos de uma forma coerente e lógica. Esta técnica é composta por perguntas abertas o que faz com que os entrevistados possam transmitir de uma forma mais concreta a sua visão da realidade (Santo, 2010).

Este método pode ser constituído por perguntas abertas e perguntas fechadas. Este tipo de questões tem que ser tratadas de formas diferentes sendo que as fechadas obrigam apenas a um registo de ocorrências. Nas questões abertas tem que ser feita a análise de conteúdo (Azevedo & Azevedo, 2008).

As entrevistas podem ser estruturadas, semi-estruturadas ou não estruturadas. Neste estudo foi usada a semi-estruturada. Este tipo de entrevista é muito utilizada actualmente no âmbito da investigação. Esta permite abordar diferentes pontos de vista dos indivíduos que

são mais facilmente explorados numa entrevista relativamente aberta (Flick, 2005).

Na entrevista semi-estruturada, o entrevistador coloca um conjunto de questões de forma aleatória. Existem questões abertas e fechadas que proporcionam respostas comparáveis e muito compreensíveis (Reis, 2010).

Foram realizadas 10 entrevistas, o pré-teste foi constituído apenas por uma pessoa. As entrevistas foram realizadas na sala de reuniões da instituição e foi usado um gravador. Estas tiveram o objectivo de aprofundar algumas questões que não foram inteiramente exploradas com o questionário. O guião de entrevista foi constituído por 48 questões.

6.5- Métodos de análise de dados

Para a elaboração das entrevistas foram seguidos os pressupostos da *grounded theory*. Esta teoria foi criada por Glaser e Strauss, apareceu há mais de 30 anos e teve a sua origem em estudos sociológicos. A *grounded theory* surgiu devido à insatisfação com outros modelos sociológicos uma vez que estes eram muito especulativos, não estavam relacionados com o processo investigatório e tinham problemas relacionados com a validade e com a correspondência à realidade. Assim o modelo de Glaser e Strauss tem com objectivo criar uma ligação mais estreita entre a teoria e a realidade que é objecto de estudo. Estes autores enfatizam uma epistemologia positivista, uma vez que acreditam que os dados são independentes do investigador e que são obtidos através da utilização do método da descoberta. Ultimamente esta teoria tem-se afastado deste paradigma e têm-se aproximado mais do paradigma construtivista uma vez que defende que criar uma teoria é um acto de construção (Fernandes & Maia, 2001).

A *grounded theory* baseia-se no estudo dos dados qualitativos da investigação que inicialmente se apresentam pouco estruturados. A teoria evolui ao longo da investigação, havendo assim uma dinâmica entre a análise e a recolha de dados, estando assim enraizada em dados recolhidos e analisados. Esta teoria permite que ao longo da investigação se formulem questões que poderão ser reformuladas com o decorrer da mesma, e que se defina o seu foco. Este tipo de pesquisa tem um carácter bastante exploratório e segue o

procedimento indutivo (Fonte, s/d).

Este tipo de investigação proporciona a obtenção de resultados que não são possíveis através de outros métodos nomeadamente procedimentos estatísticos e outros métodos quantitativos. Este é um procedimento que possui uma análise interpretativa e não uma análise matemática (Fonte, s/d).

6.5.1- Processo de codificação

A *grounded theory* pressupõe que após a recolha de dados se proceda à codificação dos mesmos atribuindo assim categorias aos vários fenómenos indicados pela recolha de dados. Os dados que inicialmente estão organizados em questões são agrupados a um nível mais elevado e abstracto que se chama categorização (Rodrigues, Albuquerque, Bento, Vieira & Silva s/d).

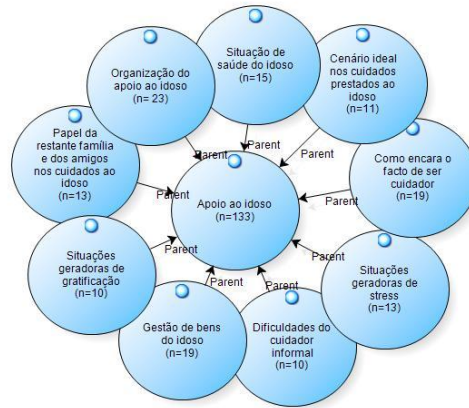
Após a realização das entrevistas procedeu-se à sua codificação através do *software* Nvivo 8. Inicialmente foram definidas três categorias: apoio ao idoso (n=133), caracterização da relação com os irmãos (n=114) e formas de vivenciar os momentos mais complicados (n=31). Estas estão esquematizadas na árvore de categorias que se segue.



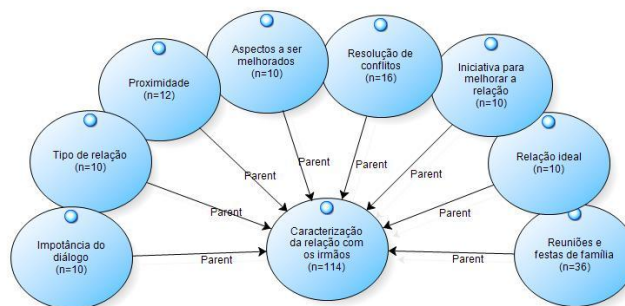
Posteriormente foi realizada a codificação aberta de todas as unidades de sentido de cada entrevista, com o objectivo de elaborar sub-categorias emergentes, que depois foram, analisadas (Strauss & Corbin, 1998).

A categoria apoio ao idoso está dividida em nove sub-categorias que são: cenário ideal nos cuidados prestados ao idoso (n=11); situação de saúde do idoso (n=15); como encara o facto de ser cuidador (n=19); situações geradoras de *stress* (n=13); situações geradoras de

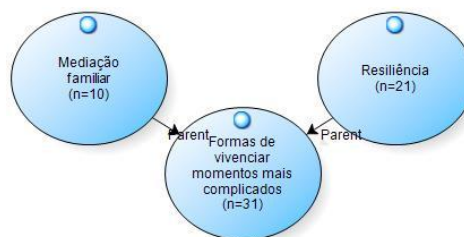
gratificação (n=10); papel da restante família e dos amigos nos cuidados ao idoso (n=13); organização do apoio ao idoso (n=23); gestão de bens do idoso (n=19); dificuldades do cuidador informal (n=10).



A categoria, caracterização da relação com os irmãos foi dividida nas seguintes subcategorias: aspectos a ser melhorados (n=10); proximidade (n=12); resolução de conflitos (n=16) tipo de relação (n=10); iniciativa para melhorar a relação (n=10); relação ideal (n=10); festas e reuniões de família (n=36); importância do diálogo (n=10).



A categoria, formas de vivenciar momentos mais complicados divide-se nas seguintes subcategorias: resiliência (n=21) e mediação familiar (n=10).



Capítulo VII- Análise dos resultados

7.1- Caracterização da Amostra

O método de escolha da amostra foi por conveniência, este permitiu que se escolhessem alguns casos que estavam disponíveis. Os resultados serão válidos apenas para a população estudada, uma vez que a amostra não é suficientemente grande para se poder generalizar.

7.1.1- Caracterização da Amostra dos questionários

Para a realização dos questionários a amostra foi constituída por 24 indivíduos de ambos os sexos, com irmãos, em que um dos pais já faleceu e o outro é utente do Lar Nossa Senhora da Saúde em Vendas Novas. Metade da amostra é constituída por filhos de idosos que estão na valência de Lar e a outra metade é constituída por filhos de idosos do Centro de Dia e do Apoio Domiciliário.

Quadro 1- Caracterização Sociodemográfica

	Frequência	Frequência relativa		
Sexo				
Feminino	13	54,20%		
Masculino	11	45,80%		
Idade - categorias				
40-49	6	25%		
50-59	10	41,70%		
>60	8	33,30%		
Idade	M	DP	Min	Máx
	55,8	6,8	42	67

Casado(a)	19	79,20%
Solteiro(a)	3	12,50%
Divorciado(a)	1	8,30%

Relativamente ao sexo a amostra é equilibrada, verificando-se um número ligeiramente superior de indivíduos do sexo feminino, e representa 54,20% da amostra (n= 13). A amostra é composta por indivíduos entre os 42 e os 67 anos, sendo que a maioria, 41,70% (n= 10), se encontra na faixa etária entre os 50 e os 59 anos. Quanto ao estado civil a grande maioria dos indivíduos que participaram no estudo, 79,20% (n= 19) é casada.

Quadro 2 - Habilitações literárias e Profissões

	Frequência	Frequência Relativa
Habilitações Literárias		
Primeiro Ciclo do Ensino Básico	14	58,30%
Terceiro Ciclo do Ensino Básico	3	12,50%
Ensino Secundário	5	20,80%
Ensino Superior	2	8,30%
Profissão		
Especialistas das autoridades intelectuais e científicas	1	4,20%
Técnicos e profissões de nível intermédio	2	8,30%
Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança	4	16,70%
Trabalhadores qualificados da indústria construção e artífices	3	12,50%
Operadores de instalação e máquinas e trabalhadores da montagem	1	4,20%

Trabalhadores não qualificados	4	16,70%
Reformados	4	16,70%
Nunca trabalhou	5	20,80%

Quanto às habilitações literárias verificou-se que estas são baixas, uma vez que grande parte dos indivíduos, 58,30% (n=14), apenas frequentaram o ensino primário e só dois é que frequentaram o ensino superior. As profissões dividem-se pelos vários sectores, no entanto, uma grande parte corresponde a trabalhadores não qualificados, 16,70% (n=4), a reformados, 16,70% (n=4) e a pessoas que nunca trabalharam, 20,80% (n=5).

Quadro 3- Número de irmãos

Número de Irmãos	Frequência	Frequência Relativa
1	11	45.80%
2	7	29.90%
3	4	16.70%
6	1	4.20%
8	1	4.20%

Pode-se considerar que estas fratrias não são muito grandes uma vez que muitos dos indivíduos, 45,80% (n= 11) tem apenas um irmão, também há indivíduos com dois irmãos, 29.90% (n=7) com mais de três já são muito poucos, 16,70% (n=4). Tanto com 6 como com 8 irmãos há apenas um indivíduo 4,29% (n=1). Quanto à idade e ao sexo dos irmãos verificou-se que a maior parte tem mais de 60 anos e são do sexo masculino³.

Quadro 4 – Grau de parentesco com o idoso

	Frequência	Frequência Relativa
Pai	7	26,90%
Mãe	17	65,40%

³ Anexo D

Como a instituição tem uma percentagem elevada de mulheres verificou-se que a maior parte dos indivíduos têm a mãe na instituição, 65,40% (n= 17).

7.1.2- Caracterização da amostra das entrevistas

A amostra é constituída por 10 indivíduos que também responderam aos questionários sendo que 5 têm os seus pais na valência de Lar de Idosos e os outros 5 na valência de Centro de Dia ou de Apoio Domiciliário.

Quadro 5- Caracterização sóciodemográfica

	Frequência	Frequência Relativa
Sexo		
Feminino	7	70%
Masculino	3	30%
Estado Civil		
Solteiro(a)	1	10%
Casado(a)	9	90%
Habilitações Literárias		
Primeiro Ciclo do Ensino Básico	5	50%
Terceiro Ciclo do Ensino Básico	2	20%
Ensino Secundário	3	30%

A maior parte dos indivíduos é do sexo feminino, 70% (n=7), e é casada, 90% (n=9). Quanto as habilitações são bastante baixas uma vez que metade dos entrevistados possui apenas o primeiro ciclo do ensino básico, 50% (n= 5).

Quadro 6- Profissão

	Frequência	Frequência Relativa
Reformado	3	30%

Doméstica	1	10%
Trabalhadores qualificados da indústria construção e artífices	3	30%
Trabalhadores não qualificados	3	30%

Quanto às profissões estas distribuem-se quase uniformemente pelas categorias apresentadas sendo que há apenas uma doméstica.

Quadro 7- Constituição do agregado familiar

	Frequência	Frequência Relativa
Entrevistado e cônjuge	5	50%
Entrevistado e idoso	2	20%
Entrevistado cônjuge e filhos	2	20%
Entrevistado conjugue filhos e netos	1	10%

Metade dos agregados familiares é constituída pelo entrevistado e pelo cônjuge. Os restantes agregados já têm constituições bastante diferenciadas sendo que neles estão incluídos, filhos, netos e pais.

Quadro 8- Número de filhos

	Frequência	Frequência Relativa
Número de filhos		
1	2	20%
2	6	60%
Não têm filhos	2	20%

A maior parte dos entrevistados, 60% (n=6), têm dois filhos, no entanto, há também aqueles que não têm nenhum, 20% (n=2), e aqueles que só têm um, 20% (n=2). As idades

dos filhos são bastante variáveis, porém destaca-se a faixa etária entre os 31 e os 40 anos, quanto ao sexo os filhos são maioritariamente do sexo feminino. No que se refere ao número de netos maior parte dos indivíduos tem 2⁴.

Para uma análise mais cuidada dos resultados tornou-se pertinente a divisão tanto dos inquiridos, como dos entrevistados em dois grupos, o dos residentes e o dos não residentes. O primeiro grupo inclui filhos de idosos que estão na valência de lar de idosos, o segundo inclui os filhos daqueles que estão no centro de dia ou no apoio domiciliário.

⁴ Anexo D

7.2- Análise quantitativa

7.2.1- Relação com os pais

Nas sociedades ocidentais há muitos idosos que são independentes, não partilham a habitação com os filhos mas em muitos casos residem perto deles e de outros parentes. Os idosos acabam por ter uma maior privacidade, tanto para eles, como para a restante família. É claro que o facto de os idosos residirem ou não com os filhos, depende de vários factores nomeadamente, a idade do idoso, a sua saúde física e psicológica (Oliveira, 2010).

Quadro 9- Local de residência do idoso

	Frequência	Frequência Relativa
Reside só	6	50,00%
Reside com o inquirido	6	50,00%

Neste estudo a questão que aborda o local de residência do idoso foi apenas aplicada ao grupo dos não residentes. Neste caso não se pode afirmar que estes idosos seguem completamente a tendência das sociedades ocidentais, no entanto, verifica-se que metade dos idosos reside só, 50% (n=6) e a outra metade com os filhos, 50% (n=6).

A entrada para uma instituição pode ser vista como uma vantagem pois permite a prestação de cuidados básicos ao idoso, no entanto, esta situação apresenta sempre uma ruptura com a vida familiar. Em alguns casos a entrada numa instituição é decidida pelo idoso e outras vezes pelos filhos (Gardão, 2009).

A decisão da entrada de um idoso para uma instituição depende das condições em que é feita, da aceitação do idoso, do funcionamento da instituição e também das visitas que ele vai receber (Oliveira, 2010).

Quadro 10- Quem tomou a decisão da entrada do idoso para a instituição

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
O idoso	4	33,30%
O inquirido	4	33,30%
Os irmãos	1	8,30%
Todos	3	25,00%
Não Residente		
O idoso	3	25,00%
O inquirido	4	33,30%
Todos	5	41,70%

No que respeita à tomada da decisão para a entrada no lar, verificou-se que no grupo dos residentes, em alguns casos, esta decisão foi tomada pelo idoso, 33,30% (n=4), e noutros pelo inquirido, 33,30% (n=4), só houve uma situação em que quem tomou esta decisão foram os irmãos dos inquiridos 8,39% (n=1), nos restantes, 25% (n=3), a decisão foi tomada pelo idoso e pelos filhos.

No grupo dos não residentes em muitos dos casos, 41,70% (n= 5), a decisão da entrada para a instituição foi tomada pelo idoso e pelos filhos, verificaram-se também, alguns casos em que a decisão coube ao inquirido, 33,30% (n=4), e outros ao idoso 25% (n=3).

No grupo dos não residentes todos os inquiridos concordaram com a decisão de entrar na instituição, no grupo dos residentes houve apenas um que não concordou. Neste caso a decisão de entrar para o Lar de idosos acabou por agravar o conflito familiar já existia.

As visitas ao idoso em contexto institucional por vezes são escassas e fazem com que o ancião veja as suas interações limitadas. Muitos idosos acabam por desculpabilizar os filhos pelo abandono dizendo, por exemplo, que têm vidas muito ocupadas (Gardão, 2010).

Neste estudo todos que são cuidadores ou responsáveis, referiram que acompanham a vida do idoso, dentro das suas possibilidades, uns visitam-no mais do que outros mas não se pode dizer que nenhum destes idosos tenha sido abandonado.

Quadro 11- Frequência com que visita o idoso

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Uma vez por semana	10	83,30%
Uma vez por mês	2	16,70%
Não Residente		
Todos os dias	4	33.30%
Uma vez por semana	2	16.70%
Reside com o idoso	6	50%

No grupo dos residentes a maior parte dos inquiridos referiu que visita o idoso uma vez por semana, 83,30% (n=10). Os restantes visitam o idoso apenas uma vez por mês, 16,70% (n= 2). No grupo dos não residentes metade dos inquiridos residem com os idosos e há também bastantes que os visitam todos os dias, 33,30% (n= 4), os restantes estão com eles pelo menos uma vez por semana, 16,20% (n= 2).

Muitas vezes quanto mais o cuidador se envolve mais os outros irmãos se distanciam assumindo assim que o papel de cuidador é intransmissível (Figueiredo, 2007). Mas há também aqueles que mesmo não sendo cuidadores, prestam um apoio ocasional quando visitam o idoso, ou quando se verifica um imprevisto que exige a execução de algumas tarefas (Pimentel, 2008).

Quadro 12- Com que frequência os irmãos visitam o idoso

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Uma vez por semana	4	33,30%
Uma vez por mês	1	8,30%
Duas vezes por mês	1	8,30%
Raramente	6	50%
Não Residente		
Uma vez por semana	1	8,30%
Uma vez por mês	4	33,30%
Duas vezes por mês	2	16,70%
Raramente	5	41,70%

Quanto às visitas realizadas pelos irmãos, segundo a perspectiva do inquirido, estas já são menos frequentes. No caso dos residentes metade dos inquiridos, 50% (n= 6), referem que os irmãos visitam os pais raramente, há também bastantes que mencionam a visita dos irmãos uma vez por semana, 33,30% (n= 4). Quanto aos não residentes há uma elevada percentagem de estudados que assinalou a opção raramente, 41,70% (n= 5) e há também alguns que seleccionaram a opção uma vez por mês, 33,30% (n=4).

Estudos recentes referem que mesmo na idade adulta as diferenças de tratamento parental são consideravelmente importantes. As memórias da infância e da adolescência podem evidenciar-se na idade adulta, estão intimamente relacionadas com as percepções actuais do diferente tratamento parental, e têm influência na relação com os pais idosos e os restantes irmãos. Em muitos casos os adultos sentem-se desfavorecidos pelos seus pais e têm uma má relação com os seus irmãos (Boll, Ferring, & Sigrun-Heide, 2005).

Quadro 13- Diferente tratamento parental

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	11	91,70%
Não	1	8,30%
Não Residente		
Sim	10	83,30%
Não	2	16,70%

No grupo dos residentes verificou-se que apenas um dos inquiridos referiu que os pais não o trataram de forma igual, neste caso a diferença foi feita pela mãe, ele pensa que este facto não interferiu na relação dele com os seus irmãos e com os seus pais. No grupo dos não residentes verificou-se que há duas pessoas que referiram que ambos os pais trataram os filhos de forma diferente, e que este facto influenciou a sua relação, tanto com os pais como com os irmãos.

Para um indivíduo se tornar cuidador do seu pai ou da sua mãe é importante que estes mantenham laços afectivos. Na maior parte dos casos quando um filho mantém uma relação íntima baseada no afecto este torna-se mais facilmente em cuidador (Imaginário, 2008).

Quadro 14- Grau de satisfação na relação com os pais

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Pouco satisfeito	1	8,30%
5	1	8,30%
6	2	16,70%
Muito satisfeito	8	66,70%

Não Residente

Pouco satisfeito	1	8,30%
4	3	25,00%
5	1	8,30%
Muito satisfeito	7	66,70%

Relativamente ao grau de satisfação na relação com os pais, foi usada uma escala de 1 a 7 em que o 1 correspondeu a pouco satisfeito e o 7 a muito satisfeito. Em ambos os grupos verificou-se que a maior parte dos inquiridos estão muito satisfeitos na relação que mantêm com os pais. Sendo que no grupo dos residentes essa percentagem correspondeu a 66,70% (n=8) e no dos não residentes 66,70% (n=7).

Verificou-se assim que alguns dos indivíduos residem com o idoso, há também idosos a residir sós e a entrada para a instituição foi maioritariamente consensual. A maior parte dos indivíduos referem que visitam regularmente, o idoso sendo que a visita dos irmãos já não é tão regular. Em muitos casos os inquiridos referem que os pais trataram sempre os filhos de forma igual. Há muitos que mencionaram que têm uma relação bastante boa com os pais.

7.2.2- Cuidados prestados ao idoso

Muitas vezes os cuidadores estão completamente sozinhos no desempenho deste papel. Os irmãos acabam por prestar apoio esporádico que tem um efeito bastante benéfico no que diz respeito à gestão de cuidados (Pimentel, 2008).

Quadro 15- Satisfação no apoio que os irmãos prestam aos pais

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Pouco satisfeito	3	25%
3	1	8,30%
4	2	16,70%
5	2	16,70%
Muito satisfeito	4	33,30%
Não Residente		
Pouco satisfeito	4	33,30%
2	1	8,30%
4	1	8,30%
5	3	25,00%
6	2	16,70%
Muito satisfeito	1	8,30%

Quanto à satisfação no apoio prestado ao idoso pelos irmãos, no grupo dos residentes verifica-se que alguns dos indivíduos se sentem muito satisfeitos, 33,30% (n= 4), no entanto também há, embora um pouco menos, os que se sentem insatisfeitos, 25% (n=3), os restantes dividem-se pelos diferentes níveis. No grupo dos não residentes apenas um inquirido refere que está muito satisfeito, há também alguns que declararam que estão pouco satisfeitos, 33,30% (n=4), os restantes também se dividem pelos diferentes níveis.

Quadro 16- Pessoa que acompanha o idoso às consultas

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
O inquirido	8	66,70%
Um dos irmãos	1	8,30%
Outra pessoa	2	16,70%
O inquirido ou um dos irmãos	1	8,30%
Não Residente		
O inquirido	9	75,00%
Outra pessoa	2	16,70%
O inquirido ou um dos irmãos	1	8,30%

Tanto num grupo, como no outro a maior parte dos inquiridos acompanham o idoso às consultas. Sendo que no grupo dos residentes são 66,70% (n=8) e no grupo dos não residentes 75% (n= 9). Dos indivíduos que seleccionaram a opção, outra pessoa, no grupo dos residentes, 16,70% (n=2), afirmaram que os idosos eram acompanhados pelas seguintes pessoas: “(...) *Eu e a minha irmã.*” (Q16) “(...) *Nós os dois.*” (Q20). Os estudados, que assinalara a opção outra pessoa, do grupo dos não residentes, 16,70% (n=2), afirmaram que o seu pai/mãe é acompanhado às consultas pelas seguintes pessoas: “(...) *Minhas cunhadas.*” (Q13) “(...) *A minha esposa.*” (Q14)

Quanto à satisfação no apoio que os irmãos prestam ao idoso alguns referem que estão muito satisfeitos, no entanto, há mais entrevistados que mencionam um elevado grau de insatisfação. Quando o idoso necessita de ir às consultas normalmente é acompanhado por este filho, sendo que em alguns casos também é acompanhado por outros filhos.

7.2.3- Relação dos inquiridos com os irmãos

Para melhor compreender este tipo de relações tornou-se pertinente saber a distância do

local de residência dos irmãos, até que ponto este pode influenciar a relação entre eles e também se estabelecem contactos regularmente.

A proximidade geográfica pode estar relacionada com o contacto mantido entre os irmãos todavia esta não garante o convívio entre eles. O facto de os irmãos residirem longe também não garante que eles não mantenham algum tipo de contacto, pois podem fazê-lo através do telefone, internet ou outros meios. Os irmãos podem escolher manter ou não alguns contactos. Na maior parte dos casos quando os irmãos não têm um bom relacionamento acabam por ter poucos contactos (Stocker & Lanthier, 1997).

Quadro 17- Proximidade geográfica entre os irmãos

Número de Irmãos	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
0	6	50%
1	6	50%
Não Residente		
0	4	33,30%
1	5	41,70%
3	1	8,30%
4	1	8,30%
6	1	8,30%

No que se refere aos irmãos que residem perto, verificou-se que no grupo dos residentes apenas metade da amostra não tem irmãos a residir próximo, 50% (n=6). No outro grupo há apenas quatro inquiridos que não têm irmãos a residir perto, 33,30% (n=4) cinco têm pelo menos um irmão que reside próximo, 41,70% (n=5), os restantes já têm mais irmãos a residir perto.

Quadro 18- Frequência dos contactos face a face com o irmão que reside mais perto

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Todos os dias	3	25%
Uma vez por semana	2	16.70%
Uma vez por mês	1	8.30%
Não têm irmãos que residam perto	6	50%
Não Residente		
Todos os dias	1	8.30%
Uma vez por semana	3	25%
Duas vezes por mês	1	8.30%
Uma vez por mês	1	8.30%
Raramente	2	16.70%
Não tem irmãos que residam perto	4	33.30%

No que diz respeito à frequência com que os inquiridos estão com os irmãos que residem perto, no grupo dos não residentes, em que apenas metade dos inquiridos têm irmãos a residir perto, verificou-se que há um número significativo de pessoas que se encontram com o irmão todos os dias, 25% (n=3). Já no grupo dos não residentes, em que quatro inquiridos não têm irmão a residir perto há alguns que referem que estão com este irmão uma vez por semana, 25% (n=3).

Quadro 19- Frequência com que contacta por correio telefone ou internet o irmão que reside mais perto

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Todos os dias	1	8.30%
Uma vez por semana	1	8.30%
Duas vezes por mês	1	8.30%
Raramente	3	25%
Não têm irmãos que residam perto	6	50%
Não Residente		
Todos os dias	2	16,70%
Uma vez por semana	1	8,30%
Duas vezes por mês	2	17,70%
Raramente	3	25%
Não tem irmãos que residam perto	4	33,30%

Em ambos os grupos verificou-se que os contactos por telefone ou pela internet com os irmãos que residem mais perto já são um pouco mais escassos, sendo que em ambos os grupos a opção raramente foi a mais escolhida tendo a percentagem de 25% (n=3).

Quadro 20- Irmãos que moram longe

Número de Irmãos	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
0	3	25%
1	5	41,70%
2	2	16,70%

3	1	8,30%
6	1	8,30%

Não Residente

0	4	33.30%
1	5	41,70%
2	3	25%

Em ambos os grupos há muitos inquiridos que têm um irmão a residir longe, 41,70% (n=5). Há também alguns que afirmaram não ter irmãos a residir longe, no grupo dos residentes, 25% (n=3) e no dos não residentes, 33,30% (n=4).

Quadro 21- Frequência com que está com os irmãos que residem mais longe

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Duas vezes por mês	1	8.30%
Uma vez por mês	1	8.30%
Raramente	7	58.30%
Não têm irmãos que residam longe	3	25%
Não Residente		
Uma vez por mês	1	8.30%
Raramente	7	58.30%
Não tem irmãos que residam longe	4	33.30%

Quanto à frequência com que estão com o irmão que reside mais longe, a maioria dos inquiridos tanto num grupo como noutro refere que é raro estar com estes irmãos, sendo que a percentagem é de 58,30% (n=7) em ambos os grupos.

Quadro 22- Frequência com que contacta por correio telefone ou internet o irmão que reside mais longe

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Uma vez por semana	2	16.70%
Duas vezes por mês	1	8.30%
Raramente	6	50%
Não têm irmãos que residam longe	3	25%
Não Residente		
Uma vez por semana	3	25%
Uma vez por mês	2	16.70%
Raramente	3	25%
Não têm irmãos que residam longe	4	33.30%

Os contactos telefónicos ou pela internet, no caso do grupo dos residentes são na sua maioria raros, 50% (n=6). No grupo dos não residentes já não é bem assim, uma vez que há bastantes participantes no estudo que estabelecem contacto com os irmãos residentes mais longe uma vez por semana, 25% (n=3), ou uma vez por mês, 16,70 % (n=2), há também alguns que contactam raramente estes irmãos, 25% (n=3).

Quadro 23- Influência do local de residência na relação com os irmãos

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	6	50%
Não	6	50%

Não Residente

Sim	7	58,30%
Não	5	41,70%

Quanto à influência do local de residência nas relações fraternas nos residentes apenas metade, 50% (n= 6), referiu que este interfere a relação com os seus irmãos. No grupo dos não residentes foram apenas, 41,70% (n=5), que relataram não haver este tipo de influência.

Na idade adulta os irmãos estão mais próximos a nível cognitivo e também a nível social, logo é normal que a relação se modifique havendo assim menos diferenças na idade adulta do que na infância (Stocker & Lanthier, 1997).

Quadro 24- Diferença entre a relação da infância e a relação actual

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Igual	5	41,70%
4	4	33,30%
5	2	16,70%
Muito diferente	1	8,30%
Não Residente		
Igual	5	41,70%
3	1	8,30%
4	1	8,30%
5	3	25,00%
6	1	8,30%
Muito diferente	1	8,30%

Quanto à diferença da relação que mantinham na infância para a que mantêm actualmente foi pedido aos indivíduos que enunciassem numa escala de 1 a 7 as diferenças verificadas na relação, sendo que, 1 corresponde a igual e 7 a muito diferente. Em ambos os grupos há uma elevada percentagem, 41,70% (n=5), de indivíduos que referem que esta se mantém igual e apenas um refere que esta é muito diferente, 30% (n=1).

Quadro 25- As mudanças verificadas foram positivas

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	2	16.70%
Não	5	41.70%
A relação mantém-se igual	5	41.70%
Não Residente		
Sim	5	41.70%
Não	2	16.70%
A relação mantém-se igual	5	41.70%

Quanto ao facto de as mudanças que aconteceram serem consideradas positivas ou não, verificou-se que no grupo dos residentes a maior parte acredita que estas foram negativas. 41,70% (n=5), enquanto que, no grupo dos não residentes a maioria refere que as mesmas foram positivas, 41,70% (n=5).

Quadro 26- Grau de satisfação na relação com os irmãos

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Pouco satisfeito	4	33,30%
4	1	8,30%
6	2	16,70%
Muito satisfeito	5	41,70%
Não Residente		
Pouco satisfeito	2	16,70%
2	1	8,30%
4	3	25,00%
5	3	25,00%
6	1	8,30%
Muito satisfeito	2	16,70%

No que se refere à satisfação na relação com os irmãos, foi pedido aos inquiridos que classificassem o nível de satisfação, numa escala de 1 a 7, sendo que o 1 corresponde a pouco satisfeito e o 7 a muito satisfeito. No grupo dos residentes há uma grande percentagem de indivíduos que referem estar muito satisfeitos, 41,70% (n=5), há também bastantes que estão pouco satisfeitos, 33,30% (n=4). No caso dos não residentes a maior parte dos indivíduos indicou os valores mais centrais, tanto no nível 4 como no nível 5 a percentagem foi de 25% (n=3).

Muitos indivíduos classificam a sua relação com os irmãos, como sendo boa, no entanto, também é um pouco distante. Verificou-se que muitos dos irmãos que residem longe visitam-se poucas vezes e mesmo por telefone ou pela internet contactam bastante pouco. Há muitos que referem que a relação que eles tinham na infância se alterou, sendo que para a maior parte dos residentes, esta foi positiva, para a maioria dos não residentes foi negativa. Quanto à satisfação na relação com os irmãos há alguns que se declararam como

muito satisfeitos principalmente no grupo dos residentes.

7.2.3.1- Conflitos do entrevistado com os irmãos

Segundo Fernández-Ríos, (cit por, Cunha (2008) uma situação ou relação conflituosa pode existir entre dois ou mais participantes, que possuem condutas internas ou externas que são incompatíveis, e que estão inteiramente relacionados com o exercício de poder que uma pessoa tem sobre outra.

Durante a infância por vezes um irmão tem mais poder sobre outro o que pode estar associado à idade, normalmente o irmão mais velho tem mais poder. Nem sempre as diferenças de poder se prolongam pela idade adulta (Stocker & Lanthier, 1997).

Os conflitos referidos pelos entrevistados não nos são descritos directamente como conflitos de poder, no entanto, poderão estar relacionados indirectamente com desequilíbrios de poder.

Quadro 27- Tipos de conflitos que já teve com os irmãos

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Relacionados com os cuidados prestados aos pais	2	16,60%
Problemas económicos	1	8,30%
Relacionados com a partilha de bens	1	8,30%
Outro	1	8,30%
Nenhum	7	58,30%

Não Residente

Relacionados com os cuidados prestados aos pais	5	41,70%
Outro	1	8,30%
Nenhum	6	50,00%

Grande parte dos indivíduos, tanto de um grupo como do outro, referem que nunca tiveram conflitos relevantes com os seus irmãos, no grupo dos residentes a percentagem é de 58,30% (n=7) e no dos não residentes é de 50% (n=6). Quanto aos conflitos relacionados com os cuidados prestados aos pais verificou-se que este tipo de conflito é mais frequente no grupo dos não residentes, 41,70% (n=5). Embora com menos frequência também se verificaram conflitos relacionados com heranças, 8,30% (n=1), e com problemas económicos 8,30% (n=1).

O conflito que foi assinalado como outro no grupo dos não residentes está relacionado com questões agrícolas. “(...) *Relacionados com terrenos agrícolas.*” (Q3)

No grupo dos residentes um dos estudados seleccionou a opção outro, no entanto não explicou qual foi o conflito.

Foi solicitado aos inquiridos que descrevessem o conflito mais relevante que tiveram com os seus irmãos. As descrições dos residentes foram as seguintes:

“(...) Por estar longe da mãe.” (Q1) “(...) Queria que a mãe lhe desse logo a herança do pai, nessa altura disse que a mãe para ele já tinha morrido. Nunca mais quis saber da mãe.” (Q4) “(...) Estamos em tribunal porque não chegamos a um acordo na divisão dos terrenos e na casa. Já houve a hipótese de vender os terrenos mas ainda não chegamos a um acordo.” (Q21) “(...) A minha irmã recebia a reforma do meu pai e durante alguns meses não pagou o lar, agora quem recebe é o meu irmão mas ainda não foram pagos os meses que ela ficou a dever.” (Q12)

As descrições dos não residentes foram:

“Devido ao facto de ela não querer cuidar da minha mãe.” (Q5) “Não me ajudam a cuidar da minha mãe. Eles acham que ficamos com o dinheiro dela (...).” (Q8) “Não querem cuidar do meu pai” (Q22) “Não me ajudam a cuidar da minha mãe e eu não posso fazer tudo sozinha.” (Q24) “Ele tem uma horta ao pé da minha e brigamos por

causa disso.” (Q3) “Após a morte da nossa mãe, soube que não havia dinheiro nem para o funeral e que o que houve, algum tempo antes lhe foi dado.” (Q14)

Quadro 28- Já resolveu o conflito

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	1	8.30%
Não	4	33.30%
Não teve conflitos relevantes	7	58.30%
Não Residente		
Não	6	50%
Não teve conflitos relevantes	6	50%

Em ambos os grupos só um, 8,30% (n=1), dos conflitos é que foi resolvido e foi através do diálogo.

Muitos dos inquiridos afirmam não ter conflitos relevantes com os seus irmãos, no entanto, os conflitos existentes estão na maior parte dos casos, e em especial no grupo dos não residentes relacionados com os cuidados prestados ao idoso. Na maior parte dos casos estes são conflitos que ainda não foram resolvidos. Nenhum dos participantes no estudo tomou qualquer tipo de medidas para melhorar a relação com os irmãos.

7.2.3.1.1 - Divisão de bens com ou sem conflito

Quando uma pessoa morre o património é transmitido para os seus herdeiros. A partilha de bens pode ser consensual ou poderá ter que se recorrer ao tribunal. O recurso ao tribunal poderá acontecer não só quando não chegam a acordo, como também em outros tipos de situações nomeadamente quando há herdeiros menores ou dívidas (Deco Proteste, 2001).

Quadro 29- Divisão de bens em vida

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	2	16,70%
Não	10	83,30%
Não Residente		
Sim	2	16,70%
Não	10	83,30%

São muito poucos os casos em que foi realizada a divisão de bens ainda durante a vida dos progenitores, ou seja foram só dois em cada grupo, 16,70% (n=2), nos casos em que aconteceu todos os irmãos concordaram com esta divisão.

Quadro 30- Já dividiram a herança do pai/mãe que faleceu

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	5	41,70%
Não	7	58,30%
Não Residente		
Sim	4	33,30%
Não	8	66,70%

No que diz respeito à divisão da herança após a morte de um dos pais verificou-se que houve mais inquiridos do grupo dos residentes que já dividiram a herança, 41,70 (n=5) contudo esta diferença não é muito significativa, uma vez que no grupo dos não residentes a percentagem é de 33.30% (n=4). De uma forma geral verificou-se que a maior parte dos inquiridos ainda não fez a divisão da herança.

Quadro 31- A partilha da herança foi consensual

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	4	33.30%
Não	2	16,70%
Ainda não dividiram a herança	6	50%
Não Residente		
Sim	3	25%
Não	1	8.30%
Ainda não dividiram a herança	8	66.70%

Em ambos os grupos a maior parte daqueles que já dividiram a herança referem que este foi um processo consensual, no grupo dos residentes a percentagem foi de 33,30% (n=4), no dos não residentes foi de 25% (n=3).

Quadro 32- Como efectuaram a partilha da herança

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Conversamos e chegamos a um acordo	4	33.30%
Recorremos ao tribunal	1	8.30%
Outro	1	8.30%
Ainda não dividiram a herança	6	50%
Não Residente		
Conversamos e chegamos a um acordo	3	25%
Outro	1	8.30%
Ainda não dividiram a herança	8	66.70%

Quanto à forma como efectuaram a partilha da herança, a maior parte, tanto num grupo

como noutra chegou a acordo através do diálogo, no grupo dos residentes esta percentagem foi de 33,30% (n=4), no grupo dos não residentes foi de 25% (n=3).

Apesar de este processo não ter sido consensual em todos os participantes no estudo só uma inquirida, 8,30% (n=1), é que recorreu ao tribunal, esta afirmou que o processo ainda está a decorrer e os bens que estão em litígio são os terrenos e a casa de família. “*Os terrenos e a casa*” (Q21)

Quanto às duas pessoas que seleccionaram a opção outro, a do grupo dos residentes mencionou que o dinheiro ficou todo para a idosa e o do grupo dos não residentes referiu que não havia herança. “*A minha mãe não lhe deu o dinheiro.*” (Q4) “*Não havia herança, só dívidas.*” (Q14)

A divisão de uma herança não tem que ser um processo conflituoso e neste caso apesar de haver muitos que ainda não a dividiram, pois um dos pais ainda está vivo, na maior parte dos casos esta não foi conflituosa. Verificou-se assim que a maior parte recorreu ao diálogo para chegar a um acordo apenas um inquirido foi para tribunal. Deve-se salientar também que num caso só havia dívidas e em outro a herança ficou inteiramente para o cônjuge que ainda não faleceu.

7.2.4- Mediação familiar

Em Portugal a maior parte das mediações familiares realizadas pelo sistema público incluem conflitos relativos à separação e ao divórcio. As oportunidades de mediação familiar não se limitam apenas a este âmbito (Xavier, 2010). Com este trabalho pretende-se explorar a importância que a Mediação Familiar poderia ter na resolução dos conflitos fraternos.

Quadro 33- Conhece a mediação familiar

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	4	33,30%
Não	8	66,70%
Não Residente		
Sim	2	16,70%
Não	10	83,30%

Verificou-se em ambos os grupos que a maior parte dos entrevistados não sabe o que é a mediação familiar, a percentagem no grupo dos residentes é de 66,70% (n=8) e no grupo dos não residentes é de 43,30% (n=10).

Quadro 34- A mediação poderá ser um passo importante para a resolução dos conflitos entre irmãos

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	1	8.30%
Não	4	33.30%
Não tiveram conflitos relevantes com os irmãos	7	58.30%
Não Residente		
Sim	3	25%
Não	2	16.70%
Não tenho opinião	1	8.30%
Não teve conflitos relevantes com os irmãos	6	50%

Para os indivíduos que referiram não conhecer esta forma alternativa de resolução de litígios foi feita uma pequena explicação sobre o que é a Mediação Familiar.

Os inquiridos que referiram ter conflitos com os irmãos foram questionados sobre se a mediação poderia contribuir para a resolução desses problemas, se recorreriam à mediação familiar, se na sua opinião os irmãos recorreriam a esta forma alternativa resolução de litígios, se esta ajudaria a resolver os conflitos e se evitaria o recurso aos tribunais.

A maioria respondeu que não considera a mediação familiar um passo importante para a resolução dos conflitos com os seus irmãos, sendo que no grupo dos não residentes há mais pessoas que seleccionaram a opção sim, 25% (n=3) do que no outro grupo, 8,30% (n=1).

Quadro 35- Recorreria à mediação

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	2	16,70%
Não	3	25%
Não teve conflitos relevantes com os irmãos	7	58,30%
Não Residente		
Sim	3	25%
Não	2	16,70%
Não tenho opinião	1	8,30%
Não teve conflitos relevantes com os irmãos	6	50%

Verificou-se que alguns dos entrevistados referiram que recorreriam à mediação familiar sendo que esta percentagem é mais significativa no grupo dos não residentes, 25% (n= 3), do que no grupo dos residentes 16,70 (n=2).

Quadro 36- Os irmãos recorreriam à mediação

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	1	8.30%
Não	1	8.30%
Não tenho opinião	3	25%
Não teve conflitos relevantes com os irmãos	7	58.30%
Não Residente		
Sim	1	8.30%
Não	2	16.70%
Não tenho opinião	3	25%
Não teve conflitos relevantes com os irmãos	6	50%

Quando questionados sobre a possibilidade dos irmãos recorrerem à mediação familiar a maior parte dos indivíduos respondeu que não sabe se isto seria possível, sendo que a percentagem foi de 25% (n=3) em ambos os grupos.

Quadro 37- A mediação familiar ajudaria a resolver os vossos conflitos

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Não	4	33.30%
Não tenho opinião	1	8.30%
Não teve conflitos relevantes com os irmãos	7	58.30%

Não Residente

Sim	4	33.30%
Não	2	16.70%
Não teve conflitos relevantes com os irmãos	6	50%

Em ambos os grupos a maior parte dos inquiridos referiu que a mediação familiar poderia ajudar na resolução dos conflitos entre irmão, sendo que em ambos os grupos a percentagem é de 33,30% (n=4).

Quadro 38- A mediação poderá evitar o recuso aos tribunais

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	5	41,70%
Não	4	33,30%
Não tenho opinião	3	25,00%
Não Residente		
Sim	7	58,30%
Não	1	8,30%
Não tenho opinião	4	33,30%

Quanto ao facto de a mediação familiar poder evitar o recurso aos tribunais, verificou-se que nos dois grupos, há uma percentagem muito elevada de indivíduos que responderam que sim. No grupo dos residentes esta percentagem foi de 41,70% (n= 5) e no dos não residentes foi de 58,30% (n= 7).

Quadro 39- Recorreria à mediação familiar

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	2	16.70%
Não	3	25%
Não tenho opinião	2	16.70%
Já tiveram conflitos relevantes	5	41.70%
Não Residente		
Sim	1	8.30%
Não	3	25%
Não tenho opinião	2	16.70%
Já tiveram conflitos relevantes	6	50%

Verificou-se que em ambos os grupos há uma grande percentagem de pessoas, 25% (n=3), que referem que não recorreriam a esta forma alternativa de resolução de litígios.

Quadro 40- Os irmãos recorreriam à mediação familiar

	Frequência	Frequência Relativa
Residente		
Sim	1	8,30%
Não	1	8,30%
Não tenho opinião	5	41,70%
Já tiveram conflitos relevantes	5	41.70%

Não Residente

Sim	1	8,30%
Não	2	16.70%
Não tenho opinião	3	25%
Já tiveram conflitos relevantes	6	50%

À semelhança daqueles que já tiveram conflitos relevantes, os que ainda não os tiveram referem que não sabem se os irmãos utilizariam esta forma alternativa de resolução de conflitos. Sendo que nos residentes esta percentagem foi de 41,70% (n=5) e nos dos não residentes foi de 25% (n=3).

A maior parte dos inquiridos afirmou não conhecer a mediação familiar. Alguns referem que não recorriam, nem sabem se os irmãos poderiam recorrer a esta forma alternativa de resolução de litígios. Apesar disso acreditam que a mediação familiar poderá evitar o recurso aos tribunais.

7.3- Análise qualitativa

Com o objectivo de explorar questões que não puderam ser completamente aprofundadas nos questionários tornou-se importante a elaboração de entrevistas.

7.3.1- Relação com os filhos e netos

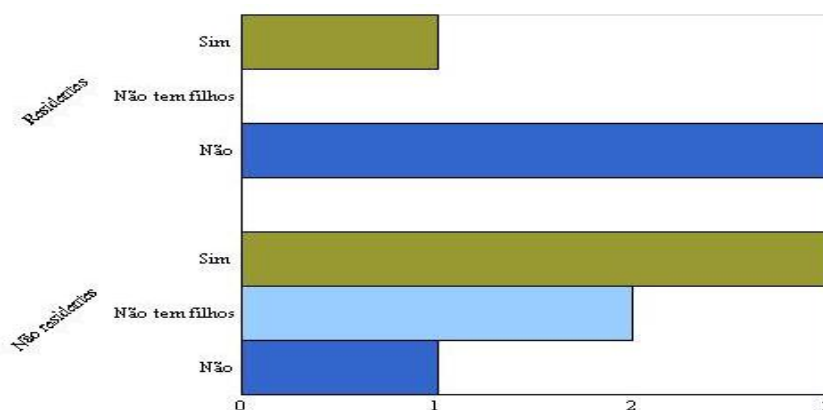
Tal como já foi referido anteriormente o aumento da esperança média de vida fez com que a estrutura etária da população se modificasse. Assim os idosos têm filhos que já atingiram a meia-idade e que por sua vez têm filhos adultos e em alguns casos até netos (Naldini & Sarcareno, 2003).

Na caracterização sociodemográfica verificou-se que grande parte dos indivíduos que constituíram a amostra, acumulam os papéis de filhos, pais e avós. Esta é uma realidade relativamente recente e tornou-se pertinente abordá-la neste estudo uma vez que permite perceber de uma forma mais clara o contexto relacional dos indivíduos da amostra.

Todos os entrevistados a mencionaram que têm uma boa relação com os filhos, só há um caso em que o entrevistado refere que por vezes há problemas. “(...) Boa, mais ou menos, o mais novo é mais reguila, mas tudo passa” (E8) “(...) Considero-a boa” (E1) “(...) É boa dou-me muito bem com os meus filhos e estou sempre disponível para o que eles precisarem.” (E10)

No que diz respeito ao apoio prestado aos filhos foram destacados três tipos de apoio o económico, aconselhamento e os cuidados aos netos.

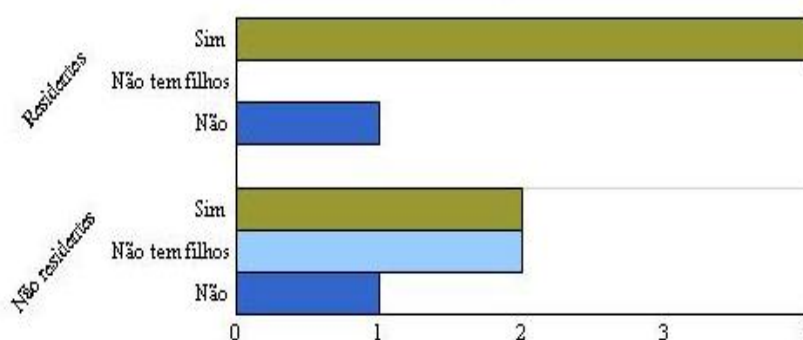
Gráfico 3- Apoio económico prestado aos filhos



Quanto ao apoio económico, no grupo dos não residentes há apenas 3 entrevistados que têm filhos, sendo que num dos casos já não é necessário o apoio económico e em dois, ainda é necessário. “(...)Não económico não.” (E7) “(...)Sim muito, estão os dois a estudar” (E10) “(...)Se precisam quem é que não precisa.” (E8)

No grupo dos residentes têm todos filhos e são apenas dois os casos em que os pais ainda dão apoio económico. “(...)Não já não.” (E1) “(...) São independentes.” (E4) “(...)Claro ainda está a estudar.” (E3) “(...) Cada um basta-se a si próprio.” (E6) “(...) Ajuda, ajuda a gente vai sempre ajudando mas ela não pede.” (E5)

Gráfico 4- Aconselhar e orientar os filhos



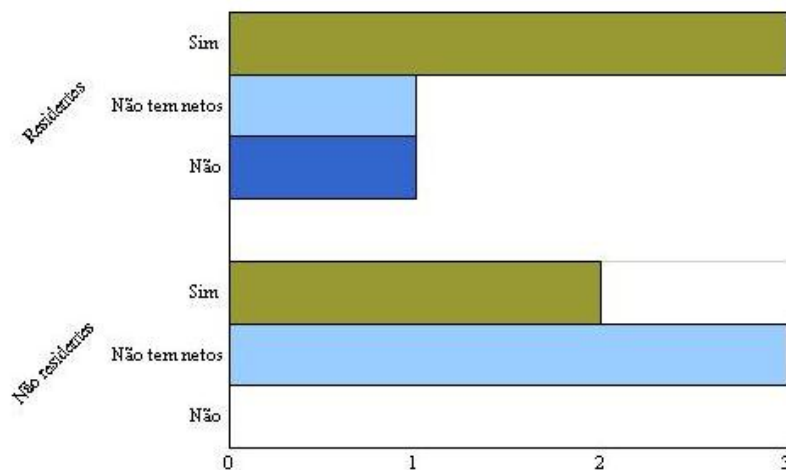
No que diz respeito ao aconselhamento verificou-se que no grupo dos não residentes dois referiram que os filhos costumam pedir conselhos e um referiu que não. “(...)Sim isso sim.” (E8) “(...)Às vezes, eles foram desde pequeninos muito independentes, principalmente ela, mas quando precisam pedem.” (E10) “(...) Não.” (E7)

No caso dos residentes apenas um refere que os filhos não lhe pedem conselhos frequentemente. “(...)Não isso nunca acontece é muito raro.” (E5) “(...)Eu acho que sim ela pede a minha opinião e eu dou somos bastante unidas.” (E3) “(...)Às vezes.” (E6)

Vivemos numa sociedade em que devido a vários factores, em muitos casos os netos têm a possibilidade de passar mais tempo com os seus avós. Desenvolvem-se assim relações baseadas na confiança e no afecto que vão evoluindo e amadurecendo ao longo do tempo (Naldini & Sarcareno, 2003).

Neste caso todos entrevistados referiram ter uma boa relação com os netos e também participam activamente na sua vida. “(...)Há com eles me zango e com eles me ponho contente.” (E1) “(...)Ai, boa, óptima.” (E4) “(...)Ai melhor é impossível.” (E7)

Gráfico 5- Cuidar dos netos



No que diz respeito ao apoio para cuidar dos netos dos estudados, no grupo dos não residentes três ainda não têm netos, e nos outros dois há um que ajuda nos cuidados prestados aos netos, e outro que ajuda o neto economicamente e não só.

“Não ainda não.” (E10) “Às vezes quando estou lá na França. O mais velho esteve até aos 4 anos a viver comigo.” (E8) “(...) Já tem 20 anos, mas quem o criou fui eu (...) às vezes ainda é preciso (...) porque ele está a estudar em Leiria e muitas vezes tenho que fazer as refeições para ele levar (...). Dinheirinho (...) todos os anos quando termina o ano dou-lhe sempre 200 euros (...)”(E7)

No grupo dos residentes há um dos estudados que ainda não tem netos, há apenas um que refere não apoiar os netos. Os restantes prestam vários tipos de apoio, nomeadamente levar à escola e dar refeições.

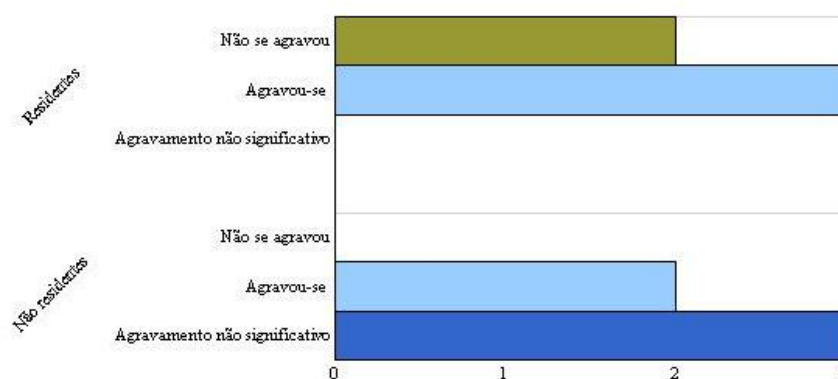
“(...)Não ela já é crescida (...) Não os pais é que a apoiam, eu não.” (E5) “(...)Pois dos Netos é todos os dias é de manhã e à noite, vou busca-los e leva-los à escola.” (E1) “(...)Começo logo cedo com o (nome do neto) (...) é preciso ir buscar á escola para o almoço e levar depois do almoço dar o almoço ir buscar à tarde é sempre assim. O (nome do neto mais novo) vem logo às 8 horas e está aqui até às 7ou 8 horas da noite, é pequenito.” (E6) “ (...)Eles vão para a escola quando vêm da escola quem fica com eles somos nós. Dou as refeições aos que vivem por cima de mim que são dois, estão mais em casa da avó às vezes dormem comigo e tudo. O outro nem tanto porque mora em Lisboa e só cá vem aos fins-de-semana.” (E4)

No que diz respeito à relação com os filhos e netos esta é considerada pela maioria como sendo boa. De uma forma geral estes indivíduos referem que ajudam os filhos a vários níveis nomeadamente economicamente, a cuidar dos netos e também a nível do aconselhamento.

7.3.2- Apoio ao idoso

Nem sempre o envelhecimento implica uma doença assim os autores focam dois tipos de envelhecimento o normal e o patológico. O envelhecimento normal inclui mudanças físicas que são progressivas e irreversíveis e não podem ser alteradas através de um tratamento. O envelhecimento patológico é consequência de estilos de vida inadequados ou de doenças (Simões, 2008).

Gráfico 6 - Estado de saúde do idoso



Quanto ao estado de saúde do idoso do grupo dos residentes apenas dois mencionaram que o estado de saúde do seu pai/mãe não se agravou nos últimos anos.

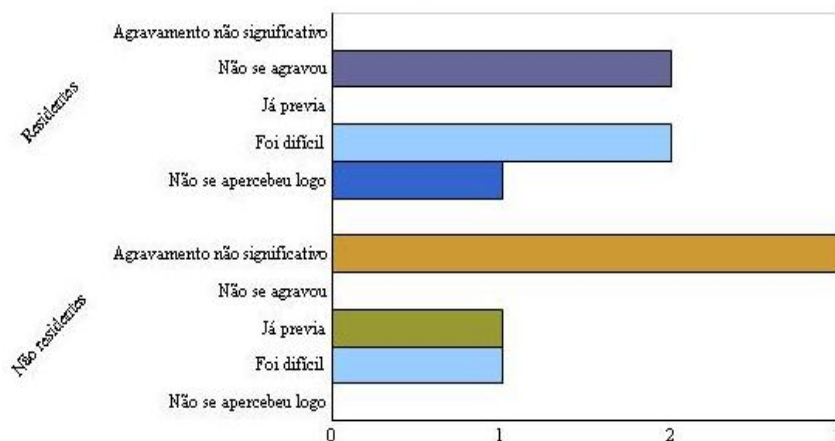
“(...) Acho-o sempre na mesma, velhinho é lógico, magrinho sempre foi, ele está sempre na mesma.” (E4) “(...) Ela mantém-se, ela tem mais saúde do que eu.” (E6) “(...) Ela piorou desde que teve o problema com o gás em casa. Ela estava sozinha em casa e intoxicou-se (...)”(E1) “(...) Sim porque quando ela entrou para aqui sabia o que dizia e também andava, era diferente” (E3) “(...)O meu pai tem estado a agravar o problema que teve há 30 anos (...) apanhou aquele sistema nervoso ele não tinha aquilo” (E5)

No grupo dos não residentes três afirmaram que a saúde dos seus pais não tem tido agravamentos significativos, os restantes afirmaram que o estado de saúde do idoso se agravou.

“(...) A doutora diz que está tudo bem o problema é a tensão a tensão é alta não se pode faltar com os comprimidos da tensão.” (E7) “(...) Ela é muito rija e o pior é os meus irmãos não lhes ligarem, agrava mais o problema dela do coração ela enerva-se mais. Mas de resto ela não tem tido grandes problemas de saúde para além dos que já tinha.” (E8) “(...) Tem tido um certo agravamento nomeadamente ao nível dos diabetes ela é diabética mas como está medicamentada está controlado” (E9) “(...) Sim ele foi um homem que nunca tomou medicamentos para nada e há uns anos a esta parte tem tomado para a tensão e para outras coisas” (E10) “(...) Ela deixou de andar há alguns anos (...)” (E 2)

Os membros da família preocupam-se com o agravamento do estado de saúde dos seus anciãos, nomeadamente com a gravidade da doença, com o sofrimento e com a possibilidade de o idoso falecer (Sarmento, Pinto & Monteiro, 2010).

Gráfico 7 - Reacções à falta de saúde do idoso



No caso dos que referiram que o estado de saúde do idoso se agravou foi perguntado como reagiram a estas alterações. No grupo dos residentes um respondeu que demorou algum tempo a aperceber-se desta alteração e os outros dois referiram que foi muito difícil serem confrontados com estes problemas de saúde.

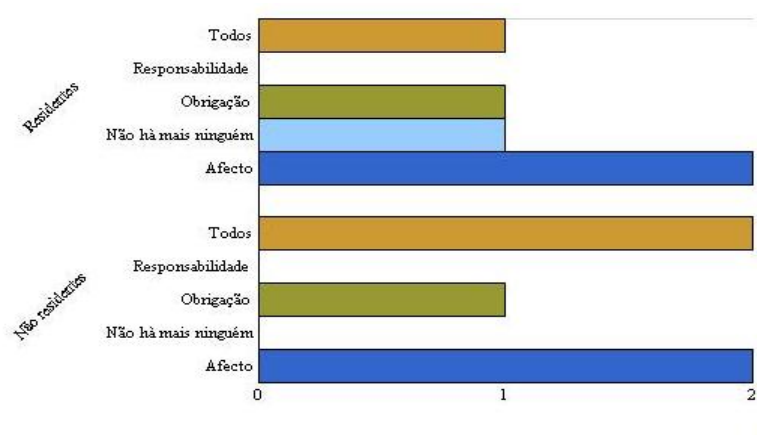
“(...) Nós não nos apercebíamos bem do que era mas com o tempo vimos o que era. (...)” (E1) “(...) É difícil, para mim é bastante difícil e tenho muita pena de a ver assim, mas pronto, custa muito. (...)” (E3) “(...) Que remédio quando as coisas aparecem temos que as aceitar, não se aceita muito bem, mas temos que aceitar.” (E5)

No grupo dos residentes dos que afirmaram que o estado de saúde se agravou um referiu que lhe custou a aceitar e o outro mencionou que já esperava que acontecesse.

“(...) Ela deixou de andar há alguns anos mas ultimamente o que ela tinha da parte da coluna mantém-se. (...) Quando ela deixou de andar nós já estávamos à espera ela é que não estava à espera (...)” (E2) “ (...) Sim ele foi um homem que nunca tomou medicamentos para nada e há uns anos a esta parte tem tomado para a tensão ou outras coisas. Custou porque eu vivi com ele até casar (...)” (E10)

Muitas pessoas encaram os cuidados prestados aos seus pais como uma obrigação. Há também aqueles que o fazem por outras razões nomeadamente a obtenção de aprovação social e a obtenção de gratificação por parte do ancião (Figueiredo, 2007).

Gráfico 8 -Forma de encarar o facto de ser cuidador



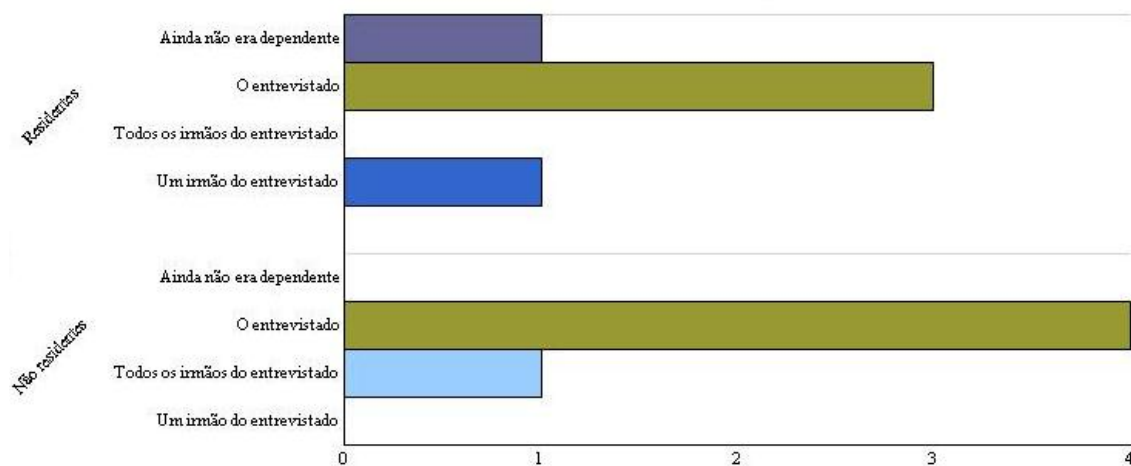
No grupo dos residentes dois entrevistados mencionaram que cuidam do idoso por afecto, um porque não há mais ninguém disponível, outro que diz que é por obrigação, há ainda outro que refere que refere todas as hipóteses disponíveis.

*“Por afecto e porque acho que tenho que cuidar ela também o fez por mim.” (E3)
“Afecto” (E6) “É um dever que todos os filhos têm” (E1)“(…) Porque uma trabalha,
com a outra cunhada não podemos contar porque tomara ela tomar conta do marido
e está longe (…)”(E5) “ É por responsabilidade e por afecto claro, também é por
obrigação (…).” (E4)*

No grupo dos não residentes há também dois entrevistados que referem que cuidam dos pais por afecto, um por obrigação e os restantes dois referem as quatro opções apresentadas: afecto, obrigação, responsabilidade e por não haver mais ninguém para cuidar.

*“(…) Afecto, não tenho nenhuma obrigação aliás (…)
é um direito deles” (E10) “ É por afecto, estive sempre com ela agora não a ia deixar” (E2) “(…) Obrigação” (E8)
“(…) Por tudo porque tenho responsabilidade, porque eu gosto dela, porque é minha mãe e não tem culpa de estar como está e também porque não tenho mais ninguém” (E7) “(…)Digamos que é uma obrigação porque sou filho, é todo esse conjunto de coisas, obrigação afecto e responsabilidade (…)”(E9)*

Gráfico 9- Pessoa que cuidava do idoso antes da entrada para a instituição



No que se refere à organização dos cuidados ao idoso antes da entrada para a instituição, dos entrevistados pertencentes ao grupo dos residentes um referiu que o idoso antes da entrada para o lar ainda não era dependente, outro mencionou que quem cuidava do idoso era a irmã, os restantes cuidavam eles do idoso, embora alguns tivessem ajuda de outras pessoas.

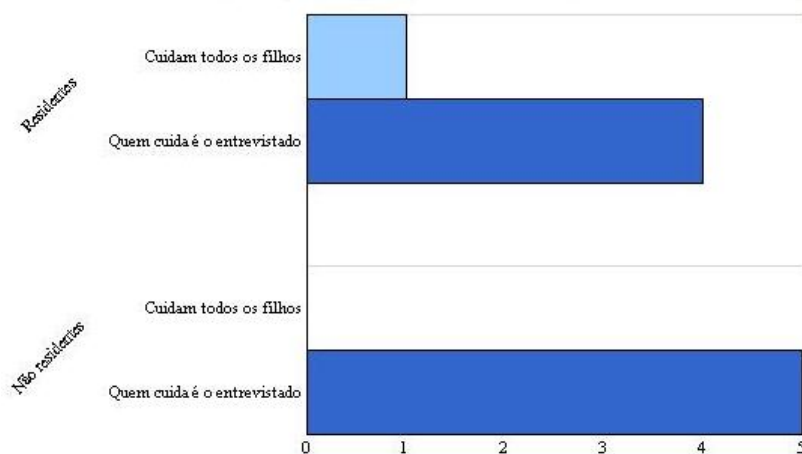
“(…) Nessa altura ela ainda fazia muitas coisas sozinhas.” (E3) “(…) Era a minha irmã (nome da irmã), desde que a minha mãe morreu já lá vai para 17 anos.” (E4)

“(…)Era só eu que tomava conta dela, era a minha mulher que a lavava e vestia (…).” (E1)“(…)Era eu com a ajuda da minha filha e da minha cunhada, mas era praticamente só eu.” (E5)“(…)Era eu sozinha.” (E6)

Dos entrevistados do grupo dos não residentes um referiu que todos os filhos apoiavam o idoso, os restantes referem que eram eles que os apoiavam, embora em alguns casos tendo a ajuda de outras pessoas. Há um entrevistado que menciona que antes da entrada na instituição o irmão o apoiava mais.

“(…)Ele estava sozinho em casa, todos os fins-de-semana uma das filhas ia a casa dele para limpar a casa e fazer a comida, repartíamos o trabalho.” (E10)“(…)Quando era preciso dar banho ela ia lá ajudar. Eu não conseguia dar banho sozinho, de resto fazia as coisas que faço agora, vestir e isso (…).” (E2)“(…)Era eu.” (E7)“(…)Eu ia sempre, nunca a desprezei, (…) não me arrependo de o fazer.” (E8)“(…) Tenho sido sempre eu que sou mais novo sou mais chegado, mas quando ela estava em casa havia mais participação do outro irmão. Agora como ela está aqui dá-me a impressão que houve um certo afastamento, está ali está bem, está a ser apoiada.” (E9)

Gráfico 10- Organização do apoio prestado ao idoso após a entrada para a instituição



No que diz respeito à organização actual dos cuidados prestados ao idoso, antes de mais devemos salientar que no caso dos residentes no lar, o papel dos filhos não é de cuidador mas sim de responsável. Estes não ajudam o idoso diariamente mas são chamados em caso de urgência e tratam de vários assuntos relacionados com o bem-estar do idoso.

No grupo dos residentes apenas um referiu que é apoiado por um dos irmãos, os restantes referem que acumulam todas as responsabilidades relacionadas com o idoso

“Ou eu e o meu irmão que agora está reformado e tem mais disponibilidade, somos nós que vamos com ela às consultas e que temos a responsabilidade de cuidar dela.” (E3) “Eu é que sou o responsável, se houver alguma coisa com ela é comigo que vêm ter. Eu é que tenho que lhe dar assistência. Eles estão longe não podem cá vir.” (E1) “Eu estou disponível, agora a (nome da irmã) como teve aquele problema financeiro está mais distante e sou eu e o meu irmão que cuidamos mais dele (...).” (E4) “Pois quando há alguma coisa é sempre comigo, basta que vocês estão cá e vêm, eu é que ando sempre à frente.” (E5) “Sou sempre eu.” (E6)

Quando ao grupo dos não residentes verificou-se que nenhum dos entrevistados mencionou ser ajudado pelos irmãos.

“(...) Sou eu que faço tudo.” (E2) “(...) É tudo comigo seja bom seja ruim é tudo comigo (...).” (E7) “(...) Eu é que faço tudo, vou com ela aonde é preciso e ajudo-a a tomar banho (...).” (E8) “(...) Normalmente sou eu que a ajudo no que ela precisa.” (E9) “(...) Somos nós eu e o meu marido.” (E10)

No que se refere à ocupação de tempos livres, em muitos casos os cuidadores sentem que têm muito pouco tempo para o lazer, uma vez que têm a sua vida mais preenchida com os cuidados que os idosos necessitam. Muitas vezes não dedicam tempo a si próprios para não se culpabilizarem por deixarem o ancião sozinho. Acabam assim por abandonar as actividades sociais e sentem-se tristes (Imaginário, 2008).

Este estudo apresenta uma realidade diferente uma vez que os indivíduos focaram algumas actividades de lazer, sendo que algumas permitem o contacto com a restante sociedade. Nunca é de mais salientar que nenhum dos estudados é cuidador a tempo inteiro, logo acaba por ter mais disponibilidade.

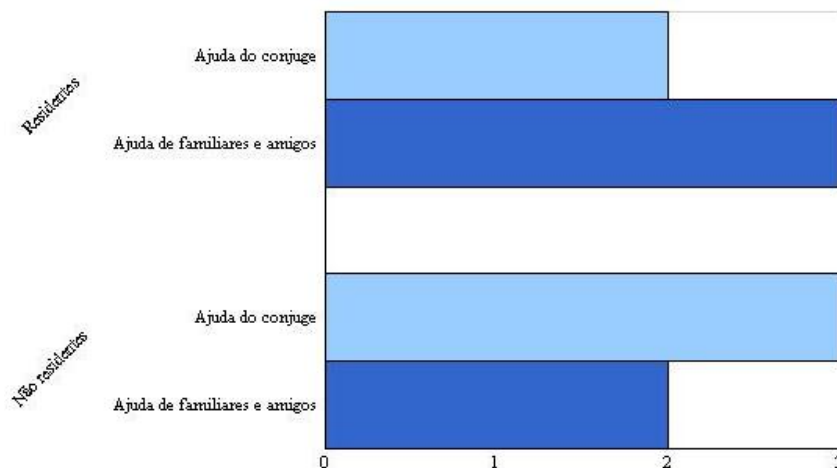
As formas de ocupação de tempos livres nesta amostra são bastante variadas sendo que alguns focam a jardinagem e a horta.

“(...) Vejo televisão e passo o tempo lá no quintal. Também não saio muito de férias.” (E1) “(...) Tempos livres é motas (...) e é o Benfica.” (E2) “(...) quando posso vejo televisão.” (E3) “Olhe gosto muito de ler(...).” (E4) “(...) Olhe agora tenho andado na ginástica e vou às piscinas (...).” (E5) “(...) Olhe costuro e vou à igreja.” (E6) “(...) Há uma vez vou até ao jardim com uma cadelinha que tenho. Outras vezes vou para a minha mãe outras vezes vou para a cidade dar uma volta na loja dos chineses, outras vezes estou deitada, outras vezes ando na horta, nas galinhas e nos pássaros.” (E7) “(...) Em casa, na horta (...).” (E8) “(...) Faço qualquer coisa em casa, jardinagem. (...) Vou um bocadinho de férias para o Algarve (...).” (E9) “(...) Olhe gosto de jardinagem, gosto de pintura em telha, gosto também de fazer arranjos

florais.” (E10)

Por vezes há familiares e amigos que ajudam o cuidador neste seu papel, os familiares realizam apoios em que eles se sentem os únicos capazes de o providenciar, os amigos ajustam o apoio às suas capacidades (Figueiredo, 2007).

Gráfico 11- Papel da restante família e amigos nos cuidados prestados ao idoso



Quanto ao papel do cônjuge e de outras pessoas nos cuidados prestados ao idoso, no grupo dos residentes há dois entrevistados que referem não ser ajudados pelo cônjuge, no entanto, são ajudados por outras pessoas, os restantes são apoiados pelo cônjuge.

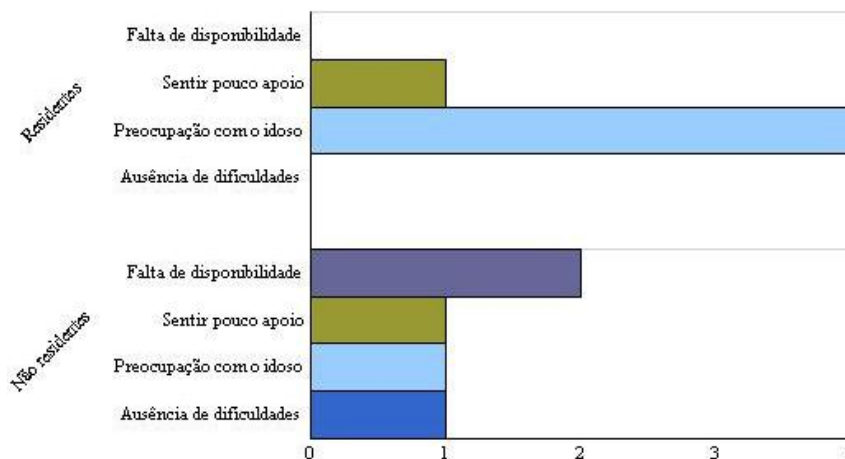
“Não nunca foi necessário (...) só o meu ex cunhado e os filhos da (nome da irmã).” (E4) “Não. A minha cunhada e a minha filha.” (E5) “Sou eu, o meu marido nunca me ajudou. (...) só às vezes para orientar os medicamentos se ela fizesse alguma confusão era uma vizinha que a ajudava, isto era quando ela estava em casa (...).” (E3) “A minha mulher. Ela é a minha grande ajuda em tudo no que diz respeito à minha mãe e não só.” (E1) “Montes de vezes, coitado ficou com um músculo lesionado de força que ele fez comigo uma vez em que ela caiu (...).” (E6)

No caso dos não residentes há um que refere que é apoiado pela vizinha outra pelo marido, os restantes são ajudados pelos cônjuges.

“(...) Temos uma vizinha que nos dá uma grande ajuda. Antes de ela vir para o lar (centro de dia) era essa senhora que lhe dava o almoço e às vezes passava ao meio da tarde para ver como ela estava, (...).” (E2) “(...) Sim quando é preciso ir com ela ao médico (...) como não tenho carta o meu marido vai sempre connosco (...).” (E7) “(...) Sim está sempre disponível para o levar aonde ele quiser ir (...).” (E10) “(...) Sim, para ir com ela ao médico ou às compras quando eu não posso.” (E8) “(...) Sim

quando é necessário, quando eu não estou disponível para lhe vir trazer alguma coisa que ela necessite.” (E9)

Gráfico 12- Dificuldades de ser cuidador



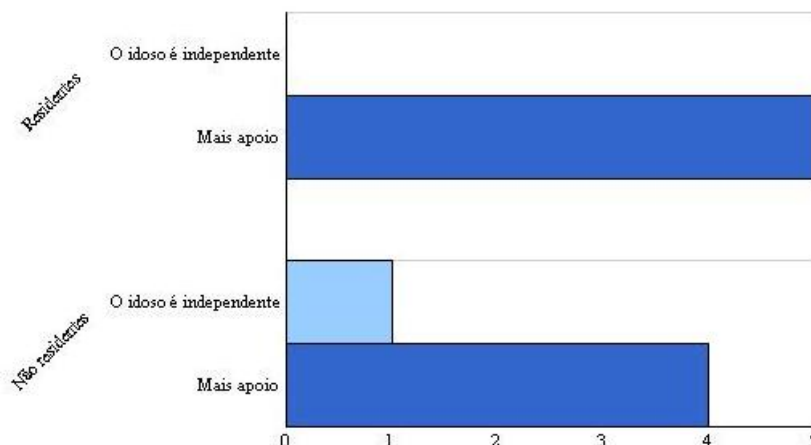
Relativamente às dificuldades de ser cuidador, no grupo dos residentes um entrevistado refere que se sente pouco apoiado uma vez que os irmãos estão longe, os outros mencionam preocupações com o bem-estar do idoso.

“Às vezes custa um bocadinho, tenho que fazer tudo e mais alguma coisa. Tenho que ir aqui, tenho que ir ali se eles estivessem cá dividíamos (...).” (E1) “Preocupa-me embora ela esteja cá no lar, venho cá todas as semanas porque pronto acho que é um dever (...).” (E3) “(...) As vezes pensar que ele pode não estar bem porque nem sempre o posso vir ver.” (E4) “Eu nem sei, é a preocupação que é sempre muita.” (E5) “Bem eu preocupo-me se está bem se não está, tento ver como a acho, agora acho-a muito magrinha. Tento estar o mais presente possível.” (E6)

No caso do grupo dos não residentes, um indivíduo refere que o idoso ainda não é muito dependente, logo ainda não tem dificuldades. Um dos entrevistados foca a falta de apoio, pois cuida do idoso sozinho, e dois falam na pouca disponibilidade que têm.

“(...) Ainda não tive essas dificuldades porque ele ainda se movimenta sozinho, ainda faz as coisas dele sozinho (...).” (E10) “(...) É em termos físicos, custa um bocadinho porque ela praticamente não anda vai da cadeira de rodas para a cama e depois da cama para a cadeira de rodas.” (E2) “(...) É tanta coisa é a responsabilidade vou lá todos os dias de manhã ver como ela vai vestida. Vou sempre entregá-la à carrinha, à tarde é o meu tio que a aceita.” (E7) “(...) Um bocadinho, e ela agora diz, que qualquer dia não vem para o lar e eu já lhe disse que não pode contar comigo (...) Ela tem medo de ficar pior e eu também.” (E8) “ (...) As dificuldades maiores é o tempo que tenho disponível, (...) é complicado.” (E9)

Gráfico 13- Cenário ideal na prestação de cuidados ao idoso



Foi solicitado aos entrevistados que descrevessem como seria a situação ideal na prestação de cuidados ao idoso. No grupo dos residentes todos reforçam o facto de se sentirem pouco apoiados, embora dois justifiquem o facto de os irmãos não colaborarem tanto como deveriam.

“(...)Se cá estivessem faziam o mesmo que eu faço (...)” (E1) “(...)Acho que eles deviam cá vir mais vezes mesmo que não tivessem ficado com ela em casa e ela rodar mas pelo menos virem cá mais vezes.” (E3) “(...)Eu acho que eles me podiam ter ajudado muito mais (...)” (E6) “Era ter uma saúde que lhe permitisse ajudar mais.” (E5) “(...)Acho que não podem mudar muito estão longe.”(E4)

No caso dos não residentes há um entrevistado que refere que os irmãos apesar de estarem longe apoiam o idoso que ainda é independente. Os restantes sentem-se pouco apoiados.

“(...) Ajudam, mesmo estando longe, ajudam, ele também ainda faz as coisinhas dele.” (E10) “O cenário ideal era ela ter mais tempo mas também não tem (...)”(E2) “(...) Se houvesse uma boa relação era dar mais atenção à minha mãe.” (E7) “(...) Sermos mais unidos, eles ajudarem mais e falarem mais com ela.” (E8) “(...)Haver convergência de esforços para que todos partilhem os cuidados prestados à minha mãe, o que é impossível visto que a proximidade e as vidas de cada um (...)” (E9)

A maior parte dos participantes no estudo referiram que o estado de saúde do seu pai/mãe se tem agravado ao longo dos últimos anos e para alguns foi muito difícil de aceitar. Verificou-se que na maior parte dos casos quem cuidava do idoso, antes da entrada para a instituição, é a mesma pessoa que cuida actualmente. Os cuidadores ocupam o seu tempo livre de várias formas. O papel do cônjuge, em muitos casos, é muito importante na

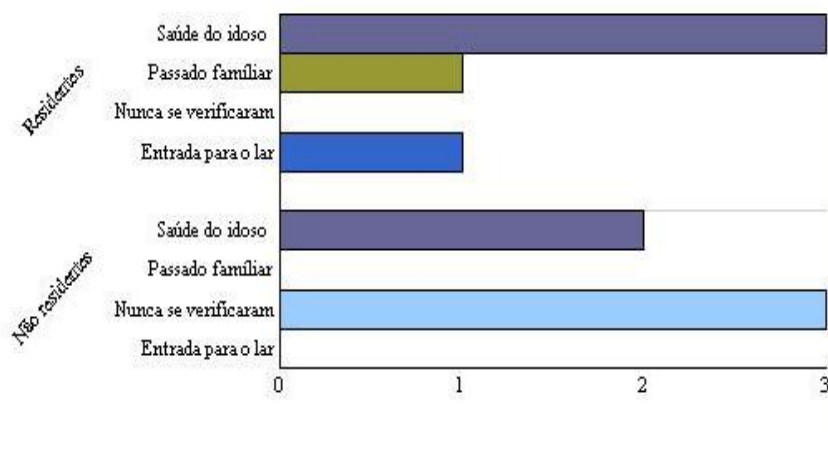
prestação dos cuidados que o idoso necessita. Os entrevistados apontam como dificuldades no papel de cuidador principalmente, a falta de disponibilidade e a preocupação com a saúde do idoso. Referem que cuidam dos seus pais principalmente por afecto. A situação ideal na prestação de apoio ao idoso, passa, na maior parte dos casos, por mais ajuda, por parte dos irmãos, embora alguns refiram que estes não têm possibilidade de os apoiar mais.

7.3.2.1- Situações geradoras de *stress* e de gratificação

Não podemos considerar que existe um padrão único nas adaptações consequentes da situação de cuidador. As mesmas dependem do grau de dependência do idoso, do tipo de relação mantida anteriormente e da personalidade de cada um. Algumas investigações sobre o *stress* e a sobrecarga do cuidador referem que estes são influenciados pelo grau de dependência do idoso, no entanto, não dependem apenas deste factor (Figueiredo, 2007).

Verificou-se que em ambos os grupos ninguém mencionou que o facto de ser cuidador é uma causa directa de *stress*, no entanto, referiram outras situações que estão inteiramente relacionadas com este facto. O grau de dependência não foi avaliado neste estudo porém ninguém referiu que o facto de o idoso ser mais dependente lhe causou *stress*.

Gráfico 14- Situações de *stress*



No grupo dos residentes três referiram o estado de saúde do idoso, nomeadamente situações causadas pelo estado de demência do idoso, os restantes mencionaram outras situações, o passado familiar e a entrada para o lar.

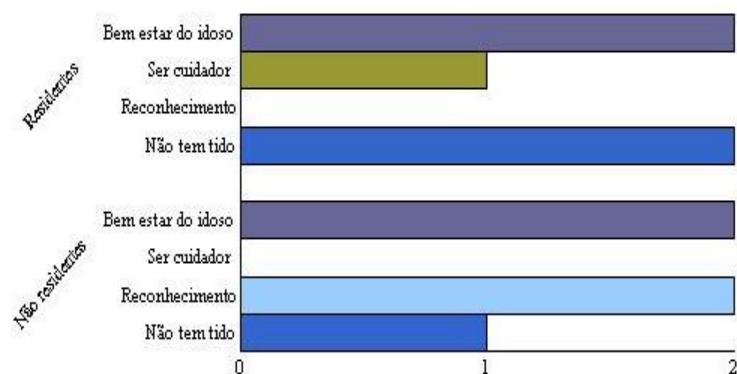
“(...) Nem lhe passa pela cabeça, para ele, mulher era para ficar em casa, não me podia pintar nem nada, era complicado (...).” (E4) “(...) Há isso tantas vezes quando ele fica doente, fico bastante aflita.” (E5) “(...) Há, a entrada para o lar foi complicadíssima, pronto também não foi muito bem aceite por ela (...).” (E3) “(...) Foi por causa do gás quando eu lá cheguei só a vi sentada em casa e perguntei o que tinha, ela não me respondeu. (...) Ela tinha o aquecedor ligado, teve muita sorte (...).” (E1) “(...) Há sim, ela, às vezes, é malcriada, ela, às vezes, cansa mas também é da muita idade (...).” (E6)

No grupo dos não residentes relativamente a situações geradoras de *stress*, há três pessoas que referem que nunca as tiveram, e, há um que refere problemas que poderão surgir no futuro. Uma das entrevistadas refere a falta de saúde da idosa, uma vez que a mesma tem demência que ocasiona situações de *stress*.

“(...) Nunca tive” (E10) “(...) Não tenho tido assim nada de stress e de ansiedade, sabemos que ela está assim e não há outra hipótese.” (E2) “(...) Stress não ela é calma por natureza.” (E9) “(...) Pensar que um dia ela pode deixar de poder estar sozinha e não haver vagas aqui no lar.” (E8) “(...) Estas coisas todas que ela faz, então ontem zanguiei-me com ela por causa da roupa, sabe o que ela me disse, tu queres é que eu até uma corda ao pescoço. Ela diz que eu só vou lá a casa para chatear (...) Enquanto ela estiver bem eu também estou melhor se ela estiver pior eu também estou pior, preocupada, aflita cheia de nervos.” (E7)

Segundo Imaginário (2008, p.79) a experiência de ser cuidador pode ser muito satisfatória *“(...) e ocorre quando se está disponível para lutar por alguém a quem se deseja expressar carinho e interesse”*.

Gráfico 15- Situações geradora de gratificação



Alguns cuidadores sentem-se gratificados por cuidarem dos seus entes queridos, as razões que levam a este sentimento são variadas, entre elas podemos salientar: ver que o idoso

está feliz e mantém a sua dignidade; ver prestação de cuidados como uma oportunidade para transmissão de afecto; perceber que as necessidades do idoso são atendidas e sentirem-se mais enriquecidos a nível pessoal (Figueiredo, 2007).

No que se refere a situações geradoras de gratificação no grupo dos residentes, dois entrevistados mencionaram o bem-estar do idoso. Uma entrevistada sente-se gratificada por ser cuidadora. Dois dos entrevistados afirmam que não têm tido momentos gratificantes.

“(...) Ela não ter morrido naquela altura.” (E1) “(...) Quando o venho ver e ele está bem.” (E5) “(...) Eu sinto-me muito gratificada por ter estado com a minha mãe estes anos todos e ter conseguido só que ela fosse mesmo para o lar quando eu já não conseguia, sinto-me bem com isso.” (E6) “(...) Desde que ela está aqui só tem piorado já não me conhece, agora não tem havido nenhum momento gratificante.” (E3) “(...) Nunca tive assim grande ligação com ele.” (E4)

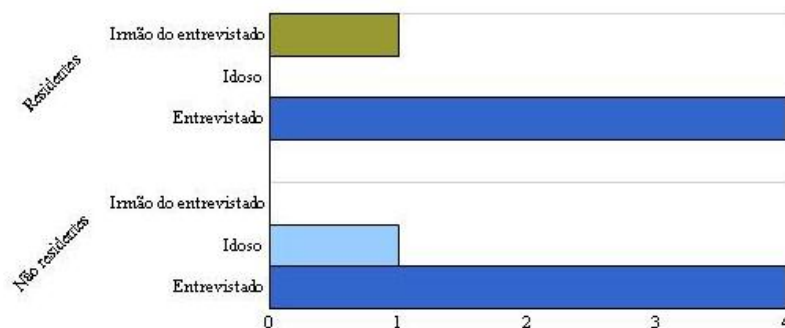
Quanto a situações gratificantes, no grupo dos não residentes, há uma pessoa que refere que não teve, duas focam o bem-estar do idoso e as restantes sentem-se reconhecidas.

“(...) Nada, ninguém me dá valor nenhum.” (E7) “(...) O facto de ela estar bem da cabeça.” (E2) “(...) Ver que ele gosta de morar connosco.” (E10) “(...) Essa questão da gratificação sempre que a ajudo essa questão vem ao de cima sem que seja evidente, cada vez que se ajuda alguém fica-se sempre gratificado e sendo mãe ainda mais.” (E8) “(...) Quando ela reconhece que eu a trato bem, mas é raro.” (E9)

As situações de *stress* verificaram-se com maior frequência no grupo dos residentes e estão relacionadas com maioritariamente com o estado de saúde do idoso. As situações gratificantes verificam-se com maior intensidade no grupo dos residentes e estão relacionadas com o reconhecimento e o bem-estar do ancião.

7.3.2.2- Bens do idoso

Gráfico 16- Gestão de bens do idoso



Quanto à gestão de bens, e contrariamente a alguma literatura aludida anteriormente, que referênciam os filhos não cuidadores como gestores dos bens do idoso, nestes casos, na maioria são cuidadores, que o fazem.

No grupo dos residentes, há apenas um participante no estudo, que não gere os bens do idoso, é outro irmão que o faz, nos restantes casos é o entrevistado que gere os bens do idoso.

“(...) O pouco dinheiro que ele tem é o meu irmão que gere, é para pagar fraldas e outras coisas que ele precise.” (E4) “(...) A conta bancária dela é a reforma. (...) Eu é que recebo a reforma e faço os pagamentos.” (E1) “(...) Sou eu que faço os pagamentos, sou eu que compro o que é necessário.” (E3) “(...) Não vale nada mas para ele é muito. Sou eu que pago o lar e todas as despesas dele.” (E5) “(...) Ele também não me pede contas o que é preciso comprar para a minha mãe, ela basta-se a ela própria (...).” (E6)

No grupo dos não residentes há um idoso que ainda gere os seus bens, nos restantes casos são os cuidadores.

“(...) Neste momento é ele que ainda gere (...).” (E10) “(...) Eu vou com ela, ela é que levanta o dinheirinho(...).” (E8) “(...) Sou eu que trato, eu é que levanto o dinheiro e é que pago o que há a pagar.” (E2) “(...) Eu ainda agora fui buscar o dinheirinho e depois vou pagar.” (E7) “(...) Normalmente eu e o meu irmão que está cá é tratamos disso mas eu especialmente estou mais relacionado (...).” (E9)

Tornou-se pertinente abordar nas entrevistas aos filhos dos idosos que estão na valência de lar de idosos qual foi o destino da casa de morada da família. Verificou-se que a maior

parte dos idosos não tinha casa própria. “(...)Ela não tinha casa própria.” (E1) “(...)Era arrendada.” (E4) “(...)Era arrendada, entreguei-a quando ela veio para cá (...).”(E6)

Apenas dois entrevistados referira que os idosos tinham casa própria, no entanto, estas ainda pertencem aos idosos. “(...) Está tudo tal e qual, enquanto ele cá estiver deixa-se estar.” (E5) “(...) A casa ainda é da minha mãe (...) a casa dela é dela ainda é, e um dia logo se vê.” (E3)

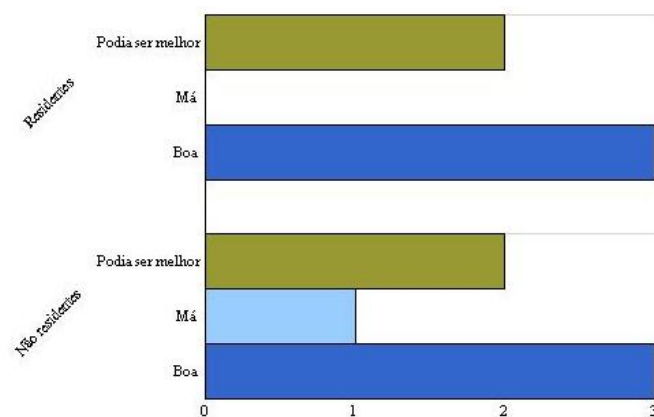
Quanto ao destino da casa dos idosos do grupo dos não residentes, verificou-se que muitos habitavam em casas arrendadas. Quanto aos idosos que tinham casa própria, estas ainda não foram alvo de partilha. A gestão dos bens do idoso, na maior parte dos casos é efectuada pelo entrevistado, sendo que, há também idosos que ainda gerem os seus bens.

7.3.3- Relação com os irmãos

Durante a meia-idade os irmãos relatam sentimentos de aproximação aceitando assim os defeitos e qualidades de cada um. A rivalidade também é menos acentuada devido ao facto de já não viverem juntos na casa dos pais (Stocker & Lanthier, 1997).

Segundo Gold cit. por Stocker & Lanthier (1997) os estudos sobre as relações entre irmãos adultos são pouco claros. Sendo que há muitos indivíduos que referem que as discussões com os seus irmãos são muito raras e também que é raro sentirem inveja dos seus irmãos.

Gráfico 17- Tipo de relação mantida com os irmãos



Nas entrevistas foi pedido aos estudados que referissem qual é o tipo de relação que mantêm com os seus irmãos. No caso dos residentes, três referiram que é uma boa relação, e dois mencionaram que esta poderia ser melhor.

“(...) Acho que é uma relação boa, mas só nos vemos de ano a ano. (...)” (E1) “(...) É boa moramos todos longe uns dos outros, não temos tempo para nos zangarmos” (E4) “(...) É boa não andamos todos os dias na casa um do outro mas damo-nos bem.” (E6) “(...) Não é má mas, vejo-os poucas vezes com o (nome do irmão) é que era melhor convivermos mais.” (E3) “(...) É boa, podia ser melhor se ele tivesse mais saúde e isso que não e isso é que não há, temos que ir indo assim (...).” (E5)

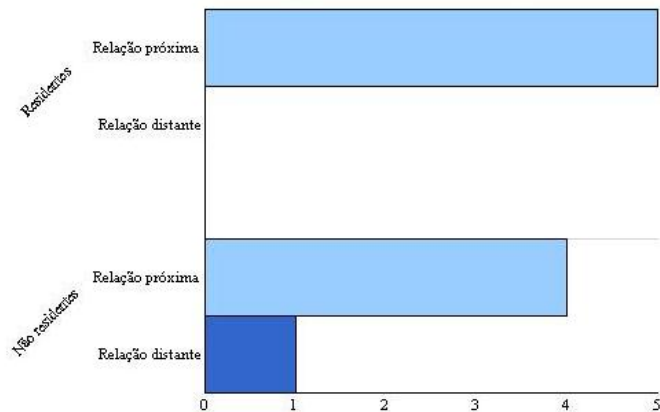
No grupo dos não residentes há dois inquiridos que classificam a relação com os seus irmãos como sendo boa, há dois que referem que podia ser melhor e há ainda um que a classifica como sendo bastante má.

“(...) A relação com os meus irmãos é boa, embora seja pouco efectiva, ou seja há pouca relação.” (E9) “(...) É boa damo-nos todos muito bem, estamos todos separados.” (E10) “(...) Podia ser melhor é muito seca.” (E8) “(...) A relação é mais ou menos não é muito próxima nem muito distante. É mais ou menos, falamos às vezes o que temos que falar mas não é de andarmos sempre um ao pé do outro, (...) é intermédia.” (E2) “É o pior impossível. (E7)”

Apesar de a maioria contactar pouco os seus irmãos, todos acreditam que o diálogo é muito importante, no entanto, há um estudado que refere não manter diálogos com os seus irmãos.

“(...) Sim em todas as relações o diálogo é sempre importante.” (E1) “(...) Eu acho que sim porque é uma maneira de conviverem uns com os outros.” (E10) “(...) É nem que seja para batermos, bater quer dizer no bom sentido, discutir ideias.” (E4) “(...) Eu penso que sim desde que seja para se darem bem, que sejam amigos e conversem, mas não é o meu caso.” (E7)

Gráfico 18- Tipo de relação mantida com os irmãos



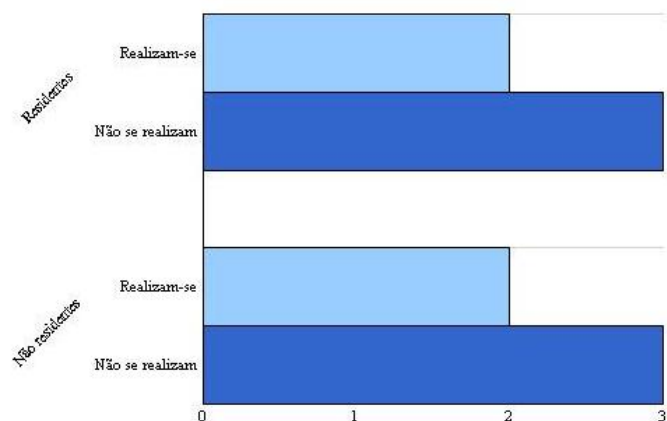
No que diz respeito à proximidade no grupo dos não residentes só um é que menciona que não tem um irmão com quem mantenha uma relação mais próxima.

“(...) Relação próxima, pior é impossível.” (E7) “(...) A relação é mais ou menos não é muito próxima nem muito distante.” (E2) “(...) É com o mais novo.” (E8) “(...) É com o que está mais próximo, visto que o outro está na França, tenho um irmão emigrante” (E9) “ (...) Há uma que está mais perto de mim é a que vejo mais vezes.” (E10)

No outro grupo todos têm pelo menos um irmão, com quem mantêm uma relação mais próxima.

“(...) Com a minha irmã, com o meu irmão também é mas é mais com a minha irmã” (E1) “(...) Agora presentemente se calhar com o (nome do irmão), porque o vejo mais devido á minha mãe estar aqui no lar, os outros estão longe vimo-nos poucas vezes.” (E3) “(...) Com a minha irmã (...)” (E4) “(...)Próxima quer dizer sempre amigos e muito amigos” (E5) “(...)Sim razoável, não estamos todos os dias juntos.” (E6)

Gráfico 19- Reuniões familiares



Perguntou-se aos indivíduos se costumam fazer reuniões familiares, tanto para tratar de questões relacionadas com o idoso, como de outro tipo de questões. No caso dos residentes verificou-se que em dois entrevistados fazem reuniões, há outro participante no estudo que toma todas as decisões sozinho e os restantes comunicam por telefone.

“(...) Quando estão cá sim para falarmos principalmente da minha mãe.” (E1) “(...) Sim, quando a gente se encontra se há algum problema nos falamos.” (E5) “(...) Normalmente não nos reunimos, é pelo telefone que falamos nos assuntos que têm a ver com ela e não só.” (E3) “(...) Às vezes telefonamos, agora reunir não, telefonamos, quando há qualquer coisa telefonamos.” (E4) “(...) Há isso não, que o que eu fizer está feito, para ele quanto menos trabalho melhor.” (E6)

No grupo dos não residentes há também apenas dois estudados que referem que actualmente fazem reuniões com os irmãos.

“(...) Não.” (E7) “(...) Não, falamos quando nos encontramos, mas reuniões não.” (E9) “(...) Antes de o meu pai morrer, ele tinha um problema canceroso e chamamos o meu irmão que está aqui para falarmos com ele. Ele começou a mandar vir, não queria fazer pelo pai então ele também os criou (...).” (E8) “(...) Quando nos juntamos e se houver algum problema, extra sim se for necessário mas até hoje graças a Deus não tem havido nada.” (E10) “(...) Por acaso nesta altura em que a minha mãe veio para o lar (Centro de Dia) fizemos uma reunião. Quando é coisas mais ligeiras sou eu mesmo que decido.” (E2)

As festas de família no grupo dos residentes são pouco frequentes apenas um dos entrevistados referiu que fazem festas mas não têm datas fixas, os restantes actualmente já não partilham este tipo de comemorações.

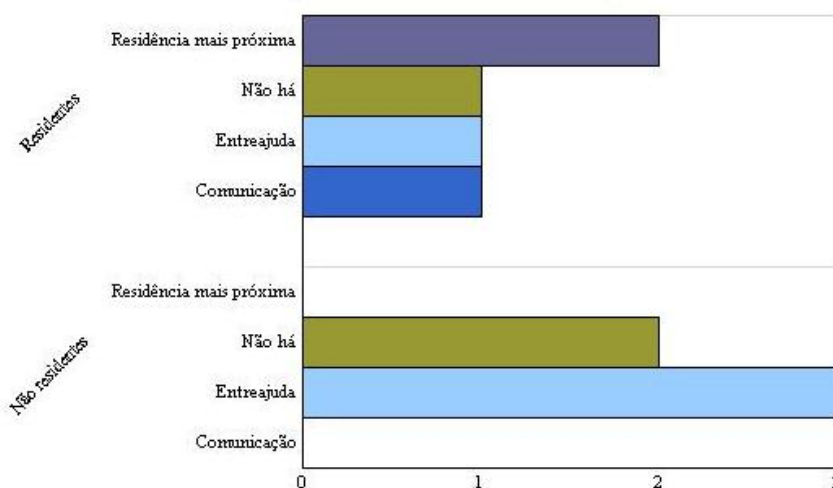
“(...) Não temos datas fixas, um dia combina-se, hoje vamos jantar ou hoje vamos almoçar. (...)” (E1) “(...) Não, antigamente no Natal (...) quando existia o meu pai, mas agora não.” (E3) “(...) A última que realizamos, foi quando o meu pai fez 90 anos há 6 anos.” (E4) “(...) Quando o meu fazia anos fazíamos sempre, mas este ano não fizemos.” (E5) “(...) Era sempre no Natal, estávamos sempre todos juntos mas depois a minha cunhada queixava-se que era muita gente já eram filhos genros, noras e netos.” (E6)

No grupo dos não residentes há dois entrevistados que referem que costumam fazer festas de família com os irmãos, os restantes já não partilham estas festas com os irmãos.

“(...) Geralmente juntamo-nos todos no Natal, nos anos do meu pai e também na Páscoa, somos muitos mas somos unidos. Quando ele fez 90 anos foi uma festa

surpresa e para Setembro há-de ser outra grande, é com os filhos, com os netos e bisnetos.” (E10) “(...) Sim no Natal e no Ano Novo reunimo-nos sempre” (E9) “(...) Quer dizer, fazer fazíamos só que o meu pai já faleceu, o pai do meu cunhado já faleceu, (...), a mãe do meu cunhado também. (...) Agora tem sido diferente, quando eles eram vivos fazíamos pelo Natal e fazíamos sempre pelos anos da minha mãe também mas agora já é raro fazermos.” (E2) “(...) Com o meu irmão não.” (E7) “(...) Antes fazíamos quando éramos mais novos, no São João juntávamo-nos todos e comíamos mas agora é um para um lado e outro para o outro.” (E8)

Gráfico 20 – Aspectos a ser melhorados na relação com os irmãos



Quando questionados sobre os aspectos que eles acreditam que poder ser melhorados, no grupo dos residentes um refere que não há nada a mudar, dois abordam a questão de residirem longe, um fala na falta de comunicação e outro sente-se pouco apoiado nos cuidados ao idoso.

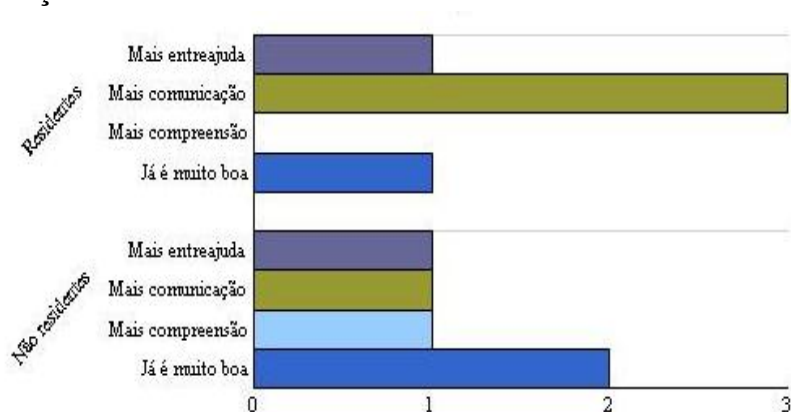
“(...) Quando é preciso estarmos juntos estamos (...). Não há nada a melhorar.” (E6)
 “Só havia hipótese se uns fossem lá e outros viessem cá, ou estarem todos cá e todos lá. Era bom para me ajudarem com a minha mãe. (...) Não há nada que eu possa mudar pelo menos para já. (...) Eles para já também não podem vir para cá.” (E1)
 “(...)Eu acho que podia ser melhor se estivesse-mos mais perto, mas é bastante boa (...).” (E5) “(...)Talvez a nível afectivo se a gente comunicasse mais era melhor. Eu própria talvez comunicar mais, reconheço que às vezes devia telefonar mais ir lá mais embora estejamos todos longe uns dos outros (...).” (E4) “(...) Podia mas a diferença de idades é muito grande e eles são rapazes e eu sou rapariga é as duas coisas a complicar. Eles apoiam mas é muito pouco, só mesmo o (nome do irmão) é que me ajuda com a mãe. (...), se calhar eles é que me podiam ir ver mais.” (E3)

No grupo dos não residentes, dois entrevistados acreditam que não há nada a ser melhorado e três afirmaram que deviam haver melhoras a nível da entreajuda.

“(…) Não é possível melhorar nada, nada (…).” (E7) “(…) Não acho que não, sempre que algum precisa de ajuda basta um telefonema e conseguimos até mesmo uma palavra amiga mesmo estando longe.” (E10) “(…) Eu acho que está bem a nível afectivo. A nível de entreaajuda é um bocado pior já sou eu que cuido dela sozinho, a fazer quase tudo, mas pronto faço o que posso. (…) Ela melhorar, ela também tem pouco tempo, se tivesse tempo, era de vez em quando dar mais uma ajuda por causa da mãe (…).” (E2) “(…) Somos muito desviados, eles deveriam ajudar mais com a minha mãe, está muito complicado (…).” (E8) “(…) Podia ajudar mais um bocadinho mas não é questão, não está a ser questão neste momento. (…) Dar mais atenção á minha mãe.” (E9)

Apesar da maior parte dos estudados referirem que deviam ser efectuadas mudanças na relação com os seus irmãos, nenhum tomou qualquer tipo de iniciativa para melhorar a mesma. *“(…) Não tenho feito nada.” (E2) “(…) Nada.” (E4)*

Gráfico 21- Relação ideal com os irmãos



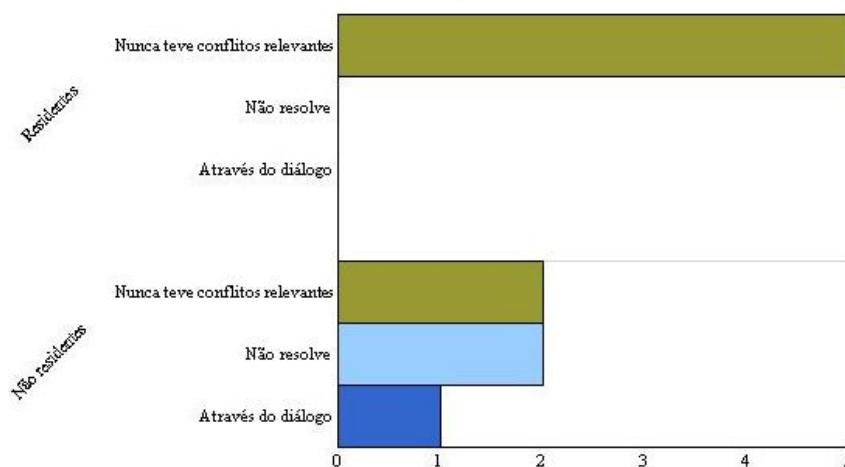
Os entrevistados quando questionados sobre a relação ideal com os seus irmãos, no caso dos residentes há um que refere que não poderá ser melhor porque já é bastante boa, três focam o facto de haver pouca comunicação e um fala na falta de entreaajuda.

“(…) Já é bastante boa e não sei como poderia ser melhor.” (E6) “(…) Olhe, era ele estar melhor de saúde e estarmos mais perto.” (E5) “(…) Sei lá o ideal era irmos a casa uns dos outros, estarmos mais perto (…).” (E4) “(…) Se estivéssemos mais perto conversávamos (…) é só uma vez ou outra por telefone ou pessoalmente de ano a ano.” (E1) “(…) Eles estarem mais presentes, ajudarem-me mais com a minha mãe e visitarem-me mais vezes.” (E3)

No grupo dos não residentes também há duas pessoas que referem que a relação fraterna já é muito boa, nos restantes casos, um fala em mais compreensão, outro em mais comunicação e outro em entreaajuda.

“(...) Já é muito boa.” (E10) “(...) Acho que será um bom cenário dar-mos sempre bem já é bom porque há muitos irmãos que não se dão bem, nem se podem ver uns aos outros.” (E2) “(...) O ideal seria sermos convergentes em termos ideológicos, como às vezes há essa vertente não há uma relação muito próxima.” (E9) “(...) Se eu me desse com ele a gente falava e víamos qual seria a melhor forma de lidar com a minha mãe. (...)” (E7) “Era falarmos mais e eles ajudarem mais com a mãe.” (E8)

Gráfico 22- Importância do diálogo na Resolução de conflitos entre os irmãos



Os entrevistados quando questionados sobre o modo como resolvem os conflitos com os irmãos no grupo dos residentes, um referiu que é através do diálogo e os restantes afirmaram não terem divergências relevantes.

“(...) Normalmente calha-me sempre a mim que eu sou o mais velho eu resolvo tudo. Dou-lhe a conhecer o que se passa, falo com um e falo com outro e resolve-se.” (E1) “(...) Até à data não tem havido mas se houver temos que enfrentar e falar as coisas.” (E3) “(...) Não temos grandes problemas, (...) quando nos vimos não temos tempo para discutir, mas quando é preciso falamos.” (E4) “(...) Normalmente estamos sempre de acordo, ele (...) está sempre a dizer, mana o que tu fizeres está sempre bem feito.” (E5) “(...) Não nunca tive divergências com ele, ele acata sempre mas minhas opções (...).” (E6)

No grupo dos não residentes duas pessoas referiram não conseguir resolver os conflitos com os seus irmãos. Um dos entrevistados resolve os conflitos através do diálogo e os restantes mencionaram que nunca tiveram conflitos relevantes.

“(...) Pois não resolvemos nos nem falamos um com o outro ele sempre me tratou mal.” (E7) “(...) Nada, não conversamos, nós é que tratamos dela, ainda pensam que nós ficamos com o dinheiro dela.” (E8) “(...) Não houve na parte das partilhas estivemos todos de acordo, (...) graças a Deus está tudo de acordo.” (E10) “(...)

Conversamos e depois vemos se a coisa bate certo ou não.” (E2) “(...) Não tem havido divergências de maior.” (E9)

Nenhum dos entrevistados pediu ajuda a outra pessoa para resolver conflitos com os seus irmãos.

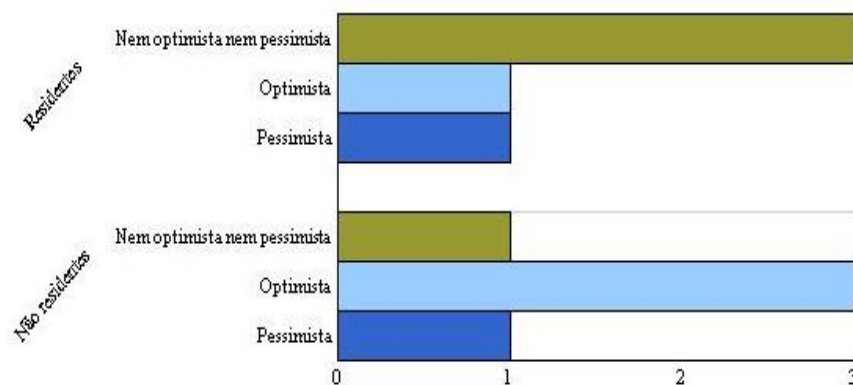
*“(...) Nunca tive conflitos em que fosse necessária a ajuda de outras pessoas.” (E1)
“(...) Não eu penso que nunca será necessário, mais ou menos corre sempre tudo bem.” (E2) “(...) Nunca pedi a ninguém porque eu acho que é impossível, não vale a pena.” (E7)*

De uma forma geral os entrevistados caracterizam a sua relação com os irmãos como sendo boa, no entanto, alguns indivíduos afirmam que esta poderia ser melhor. Na maior parte dos casos não se costumam realizar reuniões familiares, e as festas de família são ainda mais escassas. Verificou-se também que a maior parte dos indivíduos mantém uma relação próxima com pelo menos um irmão, no entanto, esta proximidade não basta e deveria haver mais comunicação e mais entajuda. No que diz respeito a conflitos a maior parte dos indivíduos refere nunca ter tido conflitos relevantes.

7.3.4- Forma vivenciar os momentos mais complicados

As pessoas resilientes têm um elevado nível de paciência, são otimistas, confiantes e tolerantes. São indivíduos que possuem boas competências pessoais e desenvolvem relações de suporte. São pessoas que usam as emoções positivas como reacção a experiências negativas (Connor, 2006).

Gráfico 23- Optimismo



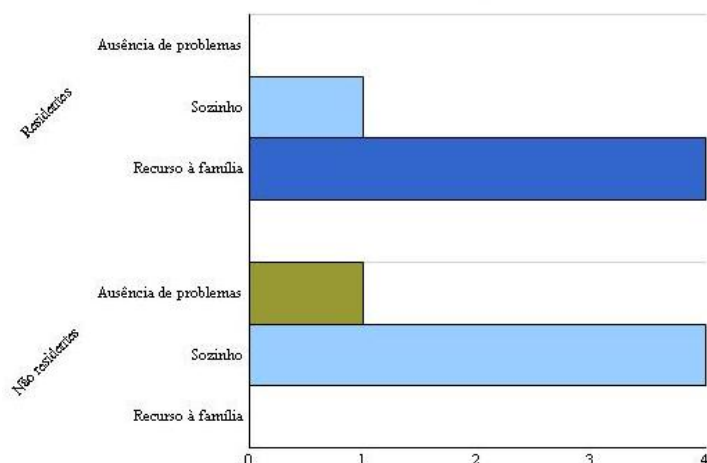
Para uma melhor caracterização dos entrevistados foi perguntado se eles se classificavam como sendo otimistas e também a forma como enfrentam os problemas. No grupo dos residentes há um que se caracteriza como otimista os restantes não se caracterizam otimistas nem pessimistas.

“(...) Quer dizer, eu acho que não sou muito otimista mas também não são muito pessimista.” (E1) “(...) Mais ou menos depende das situações, mas tento ser sempre positiva.” (E3) “(...) Não sei, tem dias que sim, há fases.” (E4) “(...) Isso não sou lá muito otimista, penso muito na vida.” (E5) “(...) Sou, se não fosse era complicado.” (E6)

No grupo dos não residentes há quatro pessoas que se caracterizam como sendo otimistas e uma como pessimista. Os restantes estudados não se classificam como otimistas nem como pessimistas.

“(...) Acho que sim.” (E7) “(...) Sim sempre.” (E9) “(...) Sempre se não já tinha desistido disto tudo.” (E2) “(...) Nesta altura do campeonato sim um pouco pessimista, é a crise.” (E10) “(...) Mais ou menos uns dias melhor e outros pior.” (E8)

Gráfico 24- Forma de enfrentar os problemas



Quanto ao modo de enfrentar os problemas no grupo dos residentes um entrevistado resolve sozinho, enquanto que, os restantes recorrem à família.

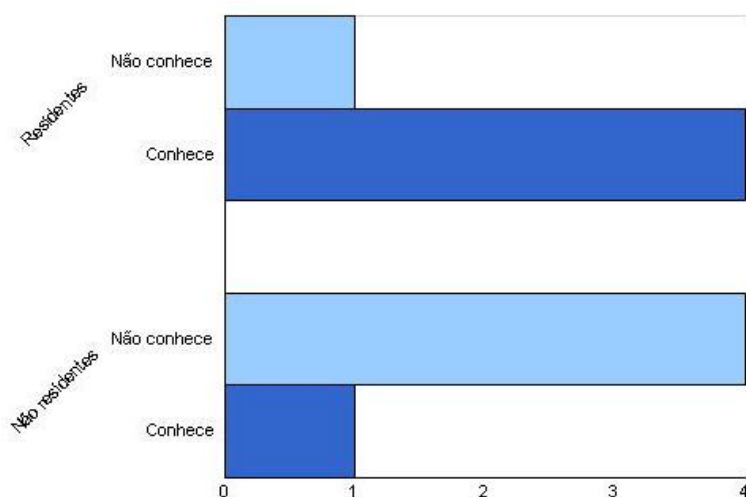
“(...) Sozinha até agora tem sido assim.” (E3) Normalmente enfrento-os eu e a minha esposa (...).”(E1) “(...) É mais ou menos entre a família uns com os outros, essencialmente com a ajuda do meu marido.” (E4) “(...) Às vezes, digo à minha filha,

pergunto-lhe como é, como me devo desenrascar, tenho-a sempre perto de mim.” (E5)
“(…) Resolvo em casa com a ajuda do marido.” (E6)

No grupo dos não residentes há quatro participantes no estudo que referem enfrentam os problemas sozinhos e um que refere que nunca necessitou de ajuda.

“(…) É sempre por mim é sempre sozinho.” (E2) *“(…) Ai filha enfrento-os sozinha.” (E7)* *“(…) Eu às vezes choro sozinha é melhor não gosto de partilhar.” (E8)* *“(…) Quando é do âmbito familiar é com a minha esposa.” (E9)* *“(…) não tenho tido assim problemas que precisasse de ajuda da família mas sei que se alguma vez precisar eles estão cá para me ajudar.”(E10)*

Gráfico 25- Mediação familiar



Alguns dos entrevistados têm um conhecimento básico do que é a Mediação Familiar. No grupo dos residentes só um é que não conhece a mediação familiar. Os restantes estudados sabem o que é a mediação familiar e até descreveram algumas das suas vantagens.

“(…)Não sei.” (E5) *“(…) Sim, já ouvi falar. Vantagens talvez ajudar a resolver os problemas de família sem ter que se ir a tribunal. Eu sei que é usada em casais que se divorciam.” (E1)* *“(…) Não sei talvez para promover o contacto entre a família, mas não sei bem.” (E3)* *“(…) O mediador familiar é uma pessoa que tenta reunir a família, conversa com um, conversa com outro e vê quais são os pontos de divergência.” (E4)* *“(…) Haver alguém para ajudar a resolver problemas de família.” (E6)*

No grupo dos não residentes só um entrevistado é que conhece a mediação familiar. *“(…) Haver alguém para ajudar a resolver problemas de família.” (E6)* *“Acho que nunca ouvi falar disso não sei o que é (...).” (E2)* *“(…) Não sei.” (E7)*

Aos que referiram ter conhecimento da mediação familiar, foi perguntado se numa situação de conflito recorreriam a esta forma alternativa de resolução de litígios e as respostas não foram muito conclusivas.

“(...) Não também acho que nunca vou precisar.” (E1) “(...) Mas não temos problemas está tudo dividido por igual (...).” (E3) “(...) Possivelmente se houvesse um problema que eu considerasse sério eu recorreria.” (E4) “(...) Talvez mas nunca foi necessário.” (E6)

Nenhum dos intervenientes neste estudo recorreu a esta forma alternativa de resolução de litígios.

A maior parte dos entrevistados consideram-se optimistas. Na ajuda para enfrentar problemas, no grupo dos residentes a maioria recorre à família e no dos não residentes a maior parte enfrenta-os sozinha. No grupo dos residentes muitos já ouviram falar na mediação familiar, enquanto que, no dos não residentes a maior parte não a conhece. Muitos dos indivíduos não sabem se, caso fosse necessário, recorreriam a esta forma alternativa de resolução de litígios.

Conclusão

Os dados recolhidos permitiram fazer uma caracterização da população estudada no que diz respeito à percepção de cada um, tendo em conta a relação com os seus irmãos. Explorando assim quais são os conflitos mais frequentes entre os irmãos e como estes se resolvem. A tarefa de cuidador também foi muito explorada, uma vez que esta implica mudanças na vida de cada um e nem sempre é repartida pelos outros membros da família. Focamos também o recurso à Mediação Familiar como um meio possível para a resolução de conflitos familiares.

Quanto à caracterização da relação estabelecida entre os inquiridos e os seus irmãos, verificou-se que a maior parte refere que esta é boa e não conflituosa, porém alguns referiram que poderia ser melhor. Constatou-se há um certo distanciamento que se evidencia a nível geográfico, e também a nível da comunicação, uma vez que na maior parte dos casos há pouco contacto. A maior parte dos entrevistados referiu que mantém uma relação próxima com pelo menos um irmão. Os indivíduos mencionam também que seria importante haver mais comunicação e entreaajuda. Em regra geral, esta foi uma relação que se foi alterando à medida que eles foram crescendo. Esta modificação foi considerada mais positiva no grupo dos residentes do que no outro grupo. Os indivíduos que têm os pais no lar de idosos estão bastante satisfeitos com esta relação, os que têm pais a frequentar o centro de dia ou apoio domiciliário já não têm uma relação tão satisfatória com os seus irmãos.

A relação com os netos e com os filhos é bastante boa e aqui nota-se claramente que estes indivíduos fazem parte da geração “*sanduíche*”, uma vez que, apoiam os pais os filhos e os netos. O apoio aos filhos é essencialmente a nível económico e a nível do aconselhamento. O apoio aos netos tem essencialmente a ver com cuidados, como, por exemplo, ir buscar à escola e dar alimentação.

No que diz respeito às causas e os tipos de conflitos mais frequentes, a maior parte dos indivíduos refere que não tem conflitos com os seus irmãos. Nos restantes casos e especialmente no grupo dos não residentes, o conflito mais frequente está relacionado com

os cuidados prestados ao idoso e ainda não foi resolvido. Nos questionários verificou-se também que nenhum dos estudados tomou qualquer tipo de medidas para terminar com estes conflitos. Nas entrevistas só uma pessoa é que refere ter tido conflitos com os irmãos e resolveu-os através do diálogo, nunca foi solicitada a ajuda de outra pessoa para a resolução destes conflitos.

Quanto aos cuidados prestados ao idoso, metade dos idosos da valência de centro de dia residem com os filhos e a outra metade reside só. A entrada na instituição, em regra geral, não potenciou conflitos. Muitos indivíduos visitam regularmente o idoso, já a visita dos outros irmãos não é tão regular. No que diz respeito a diferenças no tratamento parental a maioria refere que nunca se verificaram.

A relação com os pais é caracterizada como sendo boa, e a maior parte dos indivíduos tornou-se cuidador, devido ao afecto que sentem pelos seus progenitores. A tarefa de cuidador começou, maioritariamente, antes da entrada para a instituição. Talvez devido ao facto de não serem cuidadores, a tempo inteiro, acabam por ter algum tempo livre, e ocupam-no de variadas formas. Quanto à forma de enfrentar os problemas os residentes recorrem essencialmente à família, os não residentes enfrentam-nos sozinhos. O papel do cônjuge na maior parte dos casos é muito importante. As maiores dificuldades apontadas nesta tarefa têm a ver com a falta de disponibilidade e com a preocupação com a saúde do idoso. A saúde tem piorado na maior parte dos casos e os entrevistados demonstram dificuldades em aceitar este facto. As situações de stress estão maioritariamente relacionadas com a falta de saúde. As situações de gratificação têm a ver com o bem-estar do idoso e com o reconhecimento.

Alguns referem que estão satisfeitos com o apoio dos irmãos ao idoso, no entanto, também há bastantes que se declaram insatisfeitos. Relativamente ao acompanhamento nas consultas médicas, normalmente este é feito pelos entrevistados. A situação ideal nos cuidados ao idoso passa na maior parte dos casos por mais entajada.

A gestão de bens é realizada maioritariamente pelo entrevistado. A casa do idoso em muitos casos era arrendada, os poucos que tinham casa própria ainda não a dividiram.

A divisão da herança, na maior parte dos casos, não foi conflituosa apesar de muitos ainda não a terem dividido. Os que o fizeram foi através do diálogo, apenas um recorreu ao tribunal. Houve também casos em que os bens para dividir eram escassos ou inexistentes.

A mediação familiar é na maior parte dos casos é desconhecida, no entanto, nas entrevistas há mais indivíduos que referem que conhecem esta forma alternativa de resolução de litígios. Uma vez que os questionários foram realizados antes das entrevistas e que os indivíduos que responderam as entrevistas são os mesmos que responderam aos questionários, podemos concluir que este tema poderá ter suscitado alguma curiosidade, o que fez com que os mesmos se informassem. Muitos apesar de não pretenderem recorrer à mediação familiar acreditam que esta pode ser benéfica.

De uma forma geral os indivíduos não caracterizam a relação com os seus irmãos como sendo conflituosa, no entanto, verificou-se que alguns não mantêm uma relação pouco próxima tanto a nível geográfico, como a nível comunicacional. Nenhum deles é cuidador a tempo inteiro no entanto a maioria sente-se pouco apoiado pelos irmãos e acaba por recorrer ao apoio do cônjuge e de outros familiares.

Quanto às limitações do estudo podemos referir que apenas foram estudadas as percepções dos cuidadores, logo não podemos comparar as perspectivas dos restantes elementos da fratria, optou-se por não incluir os outros irmãos devido ao facto alguns residirem longe e também devido à limitação temporal para a realização do estudo. Outra limitação está relacionada com o facto de em Portugal não ser tradição usar-se a Mediação Familiar entre irmãos, embora seja um recurso possível, que faz com que a literatura sobre este tema seja praticamente inexistente e também torna difícil aos indivíduos a verem-na como um recuso possível.

Com este estudo podemos concluir que seria importante que as instituições dessem mais relevância ao papel da família na vida do idoso. As relações familiares influenciam o bem-estar físico e psicológico do ancião. Sendo assim as instituições deveriam apostar mais na promoção das relações familiares. A nível local deveriam ser criados gabinetes multidisciplinares de apoio à família a que os indivíduos pudessem recorrer e ser

encaminhados para a mediação, orientação ou terapia familiar. As instituições poderiam ter um papel muito relevante, encaminhando os indivíduos para este tipo de serviços.

Há bastantes estudos sobre as relações entre irmãos na infância, já na idade adulta estes são mais raros. É importante perceber até que ponto estes laços se prolongam na idade adulta. Em futuros estudos seria importante verificar se existe entreaajuda nos irmãos adultos de meia-idade e nos idosos e até que ponto esta poderá promover o bem-estar social dos indivíduos.

Na área da terceira idade seria relevante abordar também em profundidade outras relações familiares. Pois assim poderíamos encontrar novos caminhos que permitam a vivência desta fase de uma forma alegre, tranquila e com menos preocupações.

As instituições devem incentivar a participação activa da família na vida do idoso promovendo assim a coesão familiar, mantendo laços afectivos e ajudando na reparação daqueles laços que outrora se quebraram.

Bibliografia

Almeida, T. (2002). A Mediação Familiar uma Forma de Administrar Conflitos e Preservar Relações, In Vasconcelos-Sousa, J. (Ed). *O que é Mediação* (pp.137-143). Lisboa: Quimera.

Alves-Mazzotti, A. (1996). *Debate Actual sobre os Paradigmas de Pesquisa em Educação*. São Paulo: Faculdade da Educação.

André, S. Cunha, M. & Rodrigues, V. (2010). Família enquanto entidade cuidadora. *Millenium*, 39, 131-134

Azevedo, C. & Azevedo, A. (2008). *Metodologia Científica – Contributos Práticos para a Elaboração de Trabalhos Académicos* (9ª ed.). Lisboa: Universidade Católica.

Barbosa, M. (2002). *Como Gerir Conflitos Familiares, um Guia para Casais em Crise*. Barcarena: Editorial Presença.

Bouché, J. & Hidalgo, F. (2008). *Mediación y Orientacion Familiar*. Madrid: Editorial Dikinson.

Brody. G. Stoneman, Z. & McCoy, J (1992). *Associations of maternal and paternal direct and differential behavior with sibling reçationships: Contemporaneous and longitudinal analyses*. *Child Development*, 63, 82-92.

Bogdan R, Biklen SK. (1982) *Qualitative research for education*. Boston: Allyn and Bacon.

Boyle, J (s/d). *Sibling Rivalry: Adult Siblings*. Forever Families, Brigham.

Boll, T., Ferring, B. & Sigrun-Heide, F., (2005). Effects of Parental Differential Treatment on Relationship Quality with Siblings and Parents: Justice Evaluations as Mediators. *Social*

Justice Research, 18,155-183.

Cabral, A. (2002). Família. In: Maia, R. (Ed.). *Dicionário de Sociologia* (pp. 161-162). Porto: Porto Editora.

Campelo, A. (2002). Ciclo Vital. In: Maia, R. (Ed.). *Dicionário de Sociologia* (p. 52). Porto: Porto Editora.

Connor, K. M. & Davidson, J. (2003). Development of a new resilience scale: The Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depression and Anxiety*, 18: 76-82.

Costa, M. (1994). *Divórcio, monoparentalidade e recasamento, intervenção psicológica em transições familiares*. Porto: Edições Asa.

Cunha, P. (2008). *Conflito e negociação* (2ª ed.). Mirandela: Edições Asa.

Deco Proteste (2001). Como Partilhar uma Herança. In: *Dinheiro & Direitos* (pp. 31-33).

Dias, C. (2010). *Lições de Direito das Sucessões*. Coimbra: Livraria Almedina.

Dummond de Andrade, C. (1979). *Poesia e Prosa* (5ª ed). Rio de Janeiro :Nova Aguilar

Estremero, J. & Bianchi, X. (s/d). Familia y ciclo vital familiar. In: K. Bakalar, C. Dreyer, V. Discacclatl & L. Cejas (Eds.), *Perguntas frecuentes que se hacen las mujeres a lo largo de su vida* (pp. 19-22). Buenos Aires: Hospital Italiano de Buenos Aires.

Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.

Fernandes, E. & Maia, A. (2001). Métodos e técnicas de avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas. *Grounded Theory* (pp. 49-74). Braga: Universidade do Minho.

Figueiredo, D. (2007). *Cuidados Familiares ao Idoso Dependente*. Lisboa, Climepsi

Editores.

Fleming, M. (2001). *A Família e a Toxicodependência* (3ª ed.). Porto, Edições Afrontamento.

Fonte, C. (s/d). *Investigar narrativas e significados: A grounded analysis como Metodologia de referência*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Gardão, S. (2009) *O Idoso Institucionalizado*. Lisboa: Coisas de ler.

Génesis (1976). In: *Bíblia*. Lisboa: Difusora Bíblica

Gilberto, A. (2006). *Estudo de caso*. São Paulo: Atlas.

Gimeno, A. (2001). *A Família o Desafio da Diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Guba, G., & Lincoln, S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). London: Sage.

Haaf, G. (1979). *A nova história de Adão e Eva*. Hamburgo: Circulo de leitores.

Imaginario, C. (2008) *O Idoso Dependente em Contexto Familiar*. Coimbra: Formasau.

James, C. (1997). Loneliness and Sibling Relationships. *Journal of Social Behavior and Personality*, 12,103-112.

Jares, R. (2002). *Educação e Conflito: Guia de Educação para a Sobrevivência*. Porto: Asa Editores.

Jorge, A. (2007). *Resiliência en estudantes de enfermería*. Universidade da Extremadura.

Lewis, R. (1990). The Adult Child and Older Parents. In T. Brubaker. *Family*

Relationships in Later Life. (pp. 68-85). Newbury Park: SAGE Publications.

Luz, E. & Sanches, M. (s/d) *Manual do Formador, Gestão de Conflitos Familiares*. GICEA.

Mastern, S. (2001). Ordinary Magic: Resilience Process in Development. *American Psychologist*, 56, 3, 277-238.

Martin, M. Anderson, C. Rocca, K. (2005). Preceptions of the adult sibling relationship. *North American Journal of Psychology*, 7, 107-116.

Monteiro, O. (2005). *Ser Único ou Ser Irmão*. Dafundo: Oficina do Livro.

Michell, J. (2008). *Siblings*. Oxford: Polity.

Naldini, M. & Sarcareno, C. (2003). *Sociologia da Família* (2ªed). Lisboa: Editorial Estampa.

Oliveira, B. (2010). *Psicologia do envelhecimento e do idoso* (4ªed). Porto: Livpsic.

Parkinson, L. (2008). *Mediação Familiar*. Lisboa: Ministério da Justiça.

Pereira, S. (1998). *A televisão na família, processos de mediação com crianças em idade pré-escolar*. Braga: Universidade do Minho.

Pereira, F. (2008). A importância da manutenção relações familiares para o idoso institucionalizado. *Revista transdisciplinar de gerontologia* (pp. 6-11). Porto, Universidade sénior.

Pimentel, L. (2008). *Entre o dever e os afectos: os dilemas de cuidar de pessoas idosas em contexto familiar*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Por Data Base de Dados Portugal Contemporâneo (2011). *Esperança de vida à nascença: total por sexo*. Consultado em 28 de Setembro de 2011 através de <http://www.pordata.pt/Portugal/Esperanca+de+vida+a+nascenca+total+e+por+sexo-418>

Por Data Base de Dados Portugal Contemporâneo (2011). *Indicadores de Envelhecimento*. Consultado em 28 de Setembro de 2011 através de <http://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003) *Manual de investigação em ciências sociais* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Rabaça, C. (2004). Mediação Familiar, In Cunha, P. (Org). *Actas do Colóquio, Mediação, uma Forma de Resolução Alternativa de Conflitos* (pp. 63-84). Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Relvas, A. (2003). *Por Detrás do Espelho – da Teoria à Terapia com a Família* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto.

Relvas, A. (1996). *O Ciclo de Vida Familiar- Perspectiva Sistémica*. Porto Edições Afrontamento.

Reis, F. (2010) *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado Segundo Bolonha* (2ª ed.). Lisboa: Pactor.

Relvas, A. (2005). Família e stress: das crises normativas às crises inesperadas. Como intervir numa perspectiva sistémica, In: Pinto, A. & Silva, A. (Ed). *Sress e bem-estar* (pp.43-58). Lisboa: Climepsi Editores.

Ribeiro, M.T. (2006). *Perspectivas do desenvolvimento da família*. Sociedade científica da Universidade Católica Portuguesa. pp. 89-103.

Rios, P. (2005). *Mediação Familiar. Estudo Preliminar para a Regulamentação da*

Mediação Familiar em Portugal. Lisboa: Verbojuridico.

Rodrigues, A. Albuquerque, C. Bento, C. Vieira, J. & Silva, J. (s/d). *Grounded Theory: Problemas de “Alicerçagem”*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Rutter, M. (1991). *Some conceptual considerations*. Fostering Resilience Conference. Washington: Institute for Mental Health Initiatives.

Santo, P. (2010) *Introdução à Metodologia das Ciências Sociais - Génese, Fundamentos e Problemas*. Lisboa: Edições Sílabo.

Sarmiento, E. Pinto, P. Monteiro, S. (2010) *Cuidar do Idoso, Dificuldades Familiares*. Coimbra, Formasau.

Satow, R. (2007). *Cuidar dos Nossos Pais*. Cruz Quebrada: Estrela Polar.

Schneebalg, A. (2002). Uma Breve História da Mediação, In: Vasconcelos-Sousa, J. (Ed). *O que é Mediação* (pp.34-37). Lisboa: Quimera.

Seixas, J. (2008) *VI Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa: Universidade Nova.

Segalen, M. (1996). *Sociologia da família*. Paris: Terramar.

Serra, A. (2005). As múltiplas facetas do stress, In: Pinto, A. & Silva, A. (Ed). *Stress e bem-estar* (pp.17-42). Lisboa: Climepsi Editores.

Silva, L. (2001). *Acção social na área da família*. Lisboa: Universidade Aberta.

Silveira, J. (2008). Dia Mundial da Resolução de Conflitos RAL em Portugal, In Smith, K. (1999). *Adult Sibling Relationships*. Ohio: State University Fact Sheet.

Simões, A. (2008). *A Nova Velhice, Um Novo Público a Educar*. Porto: Ambar.

Soares, R. (2002). *Heranças & Partilhas*. Coimbra, Livraria Almedina.

Stocker, C. & Lanthier, R. (1997) *Sibling Relationships in Early Adulthood*. Journal of Family Psychology, Deenver.

Strauss A. & Corbin, J. (1998). *Basic of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Torga, M. (2010). *Portugal* (9ª ed.). Alfragide: D. Quixote.

Tudge, J. (2007). *A teoria de Urie Bronfenbrenner: Uma teoria contextualista?* Greensboro. Universidade da Carolina do Norte.

Vasconcelos-Sousa, J. (Ed). *Campos da Mediação, Novos Caminhos, Novos Desafios* (pp. 13-18). Coimbra: Mediarcom

Veloso, E. (2008) *VI Congresso Português de Sociologia –Análise Política da Terceira Idade em Portugal, de 1976 a 2002* . Lisboa: Universidade Nova.

Xavier, R. (2010) *Mediação Familiar e Contencioso Familiar: Articulação da Actividade de Mediação com um Processo de Divórcio*. Coimbra Editora.

Yunes, M. A. (2003). *Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família*. Psicologia em Estudo, pp: 75-84.

Zarit, S. H. & Eggebeen, D. J. (2002). Parent-Child Relationships in Adulthood and Later Years. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*. (pp.135-161). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Anexo A- Consentimento informado

Declaração de Consentimento Informado (Questionários)

Eu _____
declaro que tomei conhecimento e que compreendi a explicação que me foi fornecida sobre a investigação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Família, da Universidade Católica Portuguesa, pela Licenciada Vera Lúcia Terra Mesquita tendo como Orientadora a Professora Doutora Rita Lobo Xavier e a como Co-orientadora a Professora Maria José Eusébio.

Tive o conhecimento que a participação neste estudo é voluntária, e que todos os dados por mim fornecidos serão confidenciais e anónimos.

Por isso consinto que me seja aplicado o questionário sugerido pelo investigador.

_____, ____ de _____ de 2011

Assinatura do participante

Declaração de Consentimento Informado (Entrevistas)

Eu _____
declaro que tomei conhecimento e que compreendi a explicação que me foi fornecida sobre a investigação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Família, da Universidade Católica Portuguesa, pela Licenciada Vera Lúcia Terra Mesquita tendo como Orientadora a Professora Doutora Rita Lobo Xavier e a como Co-orientadora a Professora Maria José Eusébio.

Tive o conhecimento que a participação neste estudo é voluntária, e que todos os dados por mim fornecidos serão confidenciais e anónimos.

Por isso consinto que me seja aplicada a entrevista sugerida pelo investigador.

_____, ____ de _____ de 2011

Assinatura do participante

Anexo B- Guião de entrevista

Esta entrevista tem como objectivo perceber que tipo de relação os entrevistados têm com os seus irmãos e se esta é ou não conflituosa. Toda a informação recolhida será apenas usada numa Tese do Mestrado em Ciências da Família com Especialização em Orientação e Mediação Familiar, da Universidade Católica de Lisboa. Todos os dados aqui revelados são anónimos e confidenciais. Agradeço desde já a sua colaboração.

Guião de Entrevista

1- Caracterização sociodemográfica

- 1.1- Idade
- 1.2- Sexo
- 1.3- Estado civil
- 1.4- Habilitações Literárias
- 1.5- Profissão

2- Fase do ciclo de vida em que o entrevistado se encontra

- 2.1- Qual é a sua situação profissional?
- 2.2- Quem faz parte do seu agregado familiar?
- 2.3- Tem filhos? Quantos? Com que idades?
 - 2.3.1- Os filhos necessitam da o seu apoio a nível económico?
 - 2.3.2- Os filhos necessitam da o seu apoio para cuidar dos netos?
 - 2.3.3- Os filhos necessitam da o seu apoio para os orientar e aconselhar?
 - 2.3.4- Como define a relação que tem com os seus filhos?
- 2.4- Tem netos?
 - 2.4.1- Idades dos netos?
 - 2.4.2- Como caracteriza a relação com os seus netos?
 - 2.4.3- Que tipo de apoio presta aos seus netos?
- 2.5- Considera-se como uma pessoa optimista e positiva?

2.6- Perante as dificuldades e os problemas como é que os enfrenta?

- Sozinho;
- Com a ajuda de familiares. Quem?
- Com a ajuda de profissionais. Quais?

2.7- Como ocupa os seus tempos livres?

3- Comunicação entre os irmãos

3.1- Quantos irmãos tem? Com qual tem uma relação mais próxima?

3.2- Como define/caracteriza a relação com os seus irmãos?

3.2.1- Considera que poderiam ter uma relação melhor? A que níveis?

- A nível afectivo?
- A nível da entreajuda?
- A nível da partilha de dificuldades?
- A outro nível?

3.2.2- Quais são os aspectos que estaria disposto a modificar na relação com os seus irmãos?

3.2.3- Quais são os aspectos que os seus irmãos poderiam modificar?

3.2.4- O que tem feito para melhorar a relação com os seus irmãos?

3.3- Tem por hábito fazer reuniões com os seus irmãos? Como?

3.4- Costumam realizar festas de família?

3.5- Visitam-se frequentemente?

3.6- Há datas específicas em que se reúnam todos? Quais?

3.7- Quando há alguma divergência entre si e os seus irmãos como a costuma resolver?

3.8- Alguma vez pediu ajuda a outra pessoa a ajudar a resolver algum conflito com os seus irmãos?

3.8.1- De entre os serviços que o podem ajudar na resolução destas questões de conflito quais escolheria?

- Assistente Social,
- Tribunal,
- Aconselhamento psicólogo,
- Mediação familiar,

→ Conselho de família ou de irmãos,

→ Outro serviço, qual?

3.8.2- Em relação à mediação familiar, tem conhecimento desta forma de resolução das questões de conflito no âmbito familiar e das suas vantagens? Diga quais???

3.8.3-Recorreria a Mediação Familiar?

3.9- Segundo o seu ponto de vista o diálogo é importante na relação entre os irmãos?

3.10-Num cenário ideal como seria a sua relação com os seus irmãos?

4- Cuidados Prestados aos ao idoso

4.1- Quem tomou a iniciativa para o seu pai/mãe integrarem o lar de Idosos, Centro de Dia ou o apoio domiciliário?

4.2- Antes desta etapa como é que se organizavam no apoio ao seu pai/mãe?

4.3- Tem o apoio da sua esposa/ do seu esposo nos cuidados prestados ao idoso/idosa? De que forma?

4.4- Como organiza, actualmente, com os seus irmãos os cuidados prestados ao pai/mãe?

4.5- Para além dos seus irmãos quem o costuma ajudar nos cuidados prestados ao seu pai/mãe?

4.6-Como define os cuidados que presta ao seu pai/mãe?

→ Obrigação,

→Responsabilidade,

→ Afecto,

→ Porque mais ninguém quer cuidar,

→ Porque os seus pais cuidaram dos seus filhos,

→ Outras, Quais?

4.7- Quais as dificuldades que você sente ao ter que cuidar do seu pai/mãe?

4.8- O estado de saúde do seu pai/mãe tem-se agravado ao longo dos últimos anos?

4.5.1- Como é que você e a sua família reagiram a estas alterações?

4.9- Quais as situações relacionadas com o seu pai/mãe que já lhe provocaram algum tipo de stress? Maior ansiedade? E de gratificação?

4.10- Como encara o facto de ter que cuidar do seu pai/mãe?

4.11- Num cenário ideal como deveria ser o seu papel e o dos seus irmãos nos cuidados

prestados ao seu pai/mãe?

5- Bens dos idosos

5.1- Qual foi o destino da casa da sua mãe/pai? (Só para filhos dos utentes da valência de Lar de Idosos)

5.2- Como articulam a gestão dos bens, contas bancárias e outros bens caso os tenham?

5.3- Quem faz a gestão dos bens?

5.4- Os irmãos reúnem-se frequentemente para combinar diversas questões?

Anexo C- Questionário

Este questionário tem como objectivo caracterizar a relação entre irmãos adultos percebendo que tipo de conflitos os inquiridos tiveram ou têm com os irmãos e de que forma os resolveram ou pretendem resolver. Toda a informação recolhida será apenas usada numa Tese do Mestrado em Ciências da Família com Especialização em Orientação e Mediação Familiar, da Universidade Católica de Lisboa. Todos os dados aqui revelados são anónimos e confidenciais. Agradeço desde já a sua colaboração.

1) Caracterização sócio-demográfica

1.1) Idade _____

1.2) Sexo: Feminino Masculino

1.3) Habilitações literárias:

Primeiro ciclo do ensino básico

Segundo ciclo do ensino básico

Terceiro ciclo do ensino básico

Ensino secundário

Ensino superior

1.4) Estado Civil:

Solteiro(a)

Casado

União de Facto

Viúvo

Divorciado

1.5) Profissão _____

1.6) Quantos irmãos tem: ____

1.6.1) Idades e sexo dos seus irmãos:

Idade ____ Sexo: Feminino Masculino

Idade ____ Sexo: Feminino Masculino
Idade ____ Sexo: Feminino Masculino
Idade ____ Sexo: Feminino Masculino
Idade ____ Sexo: Feminino Masculino
Idade ____ Sexo: Feminino Masculino
Idade ____ Sexo: Feminino Masculino
Idade ____ Sexo: Feminino Masculino
Idade ____ Sexo: Feminino Masculino

1.7) Qual dos seus pais está nesta instituição:

Pai Mãe

1.8) Quantos filhos teve o seu pai? _____

1.9) Quantos filhos teve a sua mãe? _____

2) Caracterização da relação com os irmãos

2.1) Como quantos irmãos tem um relacionamento cooperativo? _____

2.2) Com quantos irmãos tem um relacionamento competitivo? _____

2.3) Quantos irmãos residem longe de si? _____

2.4) Quantos irmãos residem perto de si? _____

2.5) Acredita que o local de residência influencia a relação com os seus irmãos?

Sim Não

(Se tiver apenas um irmão nas questões seguintes responda apenas à que melhor caracteriza a distância a que ele reside)

2.6) Com que frequência está com o irmão que reside mais perto de si:

- Todos os dias
- Uma vez por semana
- Duas vezes por mês
- Uma vez por mês
- Raramente

2.7) Com que frequência contacta por telefone, por correio ou pela internet com o seu irmão que reside mais perto de si:

- Todos os dias
- Uma vez por semana
- Duas vezes por mês
- Uma vez por mês
- Raramente

2.8) Com que frequência está com o irmão que reside mais longe de si:

- Todos os dias
- Uma vez por semana
- Duas vezes por mês
- Uma vez por mês
- Raramente

2.9) Com que frequência contacta por telefone, por correio ou pela internet com o seu irmão que reside mais longe de si:

- Todos os dias
- Uma vez por semana
- Duas vezes por mês
- Uma vez por mês
- Raramente

2.10) Indique numa escala de 1 a 7 qual é a diferença da sua relação com os seus irmãos de agora da de em criança.

Igual

Muito diferente

1 2 3 4 5 6 7

(Se assinalou o nº 1 passa para a questão 2.10)

2.10.1) Acha que as mudanças verificadas na vossa relação foram positivas?

Sim Não

2.11 Numa escala de 1 a 7 indique o grau de satisfação na relação com os seus irmãos.

Pouco							Muito
Satisfeito							Satisfeito
1	2	3	4	5	6	7	

2.12) Os seus pais trataram sempre de forma igual todos os filhos?

Sim Não

(Se respondeu sim passe à questão 2.13)

2.12.1) Quem tratou os filhos de forma diferente:

O pai

A mãe

O pai e a mãe

2.12.2) Acha que o facto de os seus pais não terem tratado sempre os filhos de uma forma igual influenciou a sua relação com os seus irmãos?

Sim Não

2.12.3) Acha que o facto de os seus pais não terem tratado sempre os filhos de uma forma igual influenciou a sua relação com os seus pais?

Sim Não

2.13) Numa escala de 1 a 7 indique o grau de satisfação na relação com o seu pai/mãe?

Pouco							Muito
Satisfeito							Satisfeito
1	2	3	4	5	6	7	

3) Forma de resolução dos conflitos entre irmãos

3.1) Que tipos de conflitos tem ou já teve com os seus irmãos?

Relacionados com os cuidados prestados aos seus pais

Relacionados com problemas económicos

Relacionados com a partilha de bens

Outro Qual? _____

Não tive conflitos relevantes com os meus irmãos

(Se não teve conflitos relevantes com os seus irmãos passe à questão 4.1)

3.2) Descreva o conflito mais relevante que teve com um dos seus irmãos? _____

3.2.1) Já resolveu esse conflito?

Sim Não

(Se respondeu não passe à questão 4)

3.2.1.1) Como resolveu o conflito?

Através do diálogo

Com a ajuda de outra pessoa

Recorri à justiça

4) Assistência e cuidados prestados ao idoso

4.1) Qual é a valência da instituição que o seu pai/mãe frequenta?

Lar de Idosos

Centro de Dia

Apoio Domiciliário

4.2) Quem tomou a decisão da entrada do idoso para a instituição:

O meu pai/mãe

Fui eu

Os meus irmãos

Todos

(Se foi você que tomou esta decisão passe à questão 4.2.2)

4.2.1) Concordou com esta decisão

Sim Não

4.2.2) Esta decisão causou algum conflito familiar?

Sim Não

(Se respondeu não passe à questão 4.3)

4.2.2.1) Este conflito já foi resolvido?

Sim Não

(Se respondeu não passe à questão 4.3)

4.2.2.1.1) Como resolveu o conflito?

Através do diálogo

Com a ajuda de outra pessoa

Recorri à justiça

Outro Qual? _____

4.3) Quem costuma acompanhar o seu pai/mãe às consultas?

Eu

Um dos meus irmãos

Outra pessoa Quem? _____

(Quem reside com o pai/mãe passa à questão 4.6)

4.4) Com que frequência visita o seu pai/mãe?

Todos os dias

- Uma vez por semana
- Duas vezes por mês
- Uma vez por mês
- Raramente

4.5) Com que frequência os seus irmãos visitam o seu pai/mãe?

- Todos os dias
- Uma vez por semana
- Duas vezes por mês
- Uma vez por mês
- Raramente

(Se o seu pai/mãe estão na valência de Lar de Idosos passe à questão 4.7)

4.6) Qual é o local de residência do seu pai/mãe

- Reside só
- Reside comigo
- Reside com um dos meus irmãos

4.7) Numa escala de 1 a 7 indique seu grau de satisfação em relação ao apoio que os seus irmãos prestam ao seu pai/mãe?

Pouco						Muito
Satisfeito						Satisfeito
1	2	3	4	5	6	7

5) Partilha de heranças

5.1) Os seus pais fizeram a divisão dos bens em vida?

- Sim
- Não

(Quem respondeu não passa para a questão 5.2)

5.1.1) Todos os irmãos concordaram com esta divisão?

- Sim
- Não

5.2) Já partiram a herança do seu pai/mãe que já faleceu?

Sim Não

(Se respondeu não passe à questão 6)

5.2.1) A partilha da herança foi um processo consensual?

Sim Não

5.2.2) Como é que efectuaram a partilha da herança:

Conversamos e acabamos por chegar a um acordo

Pedimos ajuda a um amigo

Recorremos ao tribunal

Outro Qual? _____

(Quem não recorreu ao tribunal passa à questão 6.1)

5.2.2.1) Quais foram os bens que causaram o litígio? _____

6) Mediação Familiar

6.1) Sabe o que é a Mediação Familiar?

Sim Não

(Se respondeu não passe à questão 6.2)

6.1.1) Já alguma vez recorreu a estes serviços?

Sim Não

(Quem não tem/teve conflitos relevantes com os seus irmãos passa à questão 6.6)

6.2) A mediação familiar é uma forma de resolução alternativa ao Tribunal, que em regra é mais rápida e que visa o fortalecimento das relações familiares para além do conflito, segundo o seu ponto de vista a utilização da mediação poderá ser um passo importante para a resolução dos conflitos com os seus irmãos?

Sim Não Não tenho opinião

6.3) Existindo em Portugal serviços públicos e privados de mediação familiar, sendo estes uma forma alternativa na resolução de conflitos você recorreria?

Sim Não Não tenho opinião

6.4) Os seus irmãos aceitariam o recurso a um mediador familiar?

Sim Não Não tenho opinião

6.5) Utilizando a mediação familiar através de várias sessões de mediação que assentam no diálogo e na cooperação, com a ajuda de um terceiro que é o mediador, onde cada um de voz tem oportunidade de expor as suas posições e interesses ajudaria a resolver os vossos conflitos?

Sim Não Não tenho opinião

6.6) No seu ponto de vista a existência de serviços de mediação e profissionais qualificados, ou seja mediadores, para a resolução de conflitos entre irmãos poderá evitar em algumas situações o recurso aos tribunais?

Sim Não Não tenho opinião

(Se já teve conflitos relevantes com os seus irmãos o seu questionário termina aqui)

6.7) A mediação familiar sendo uma forma de resolução dos conflitos de âmbito familiar ao Tribunal, mais rápida, que se baseia no diálogo e na cooperação visa o fortalecimento das relações familiares para além do conflito. Numa situação de conflito com os seus irmãos era capaz de recorrer a um mediador familiar?

Sim Não Não tenho opinião

6.8) Numa situação de conflito acha que os seus irmãos aceitariam recorrer a um mediador familiar?

Sim Não Não tenho opinião

Fim

Obrigado pela sua colaboração

Anexo D – Quadros

Idades dos irmãos

	Frequência	Frequência Relativa
Idade do Irmão 1		
40 – 49	4	16.70%
50 – 59	9	37.50%
>60	11	45.80%
Idade do Irmão 2		
40 – 49	2	8.30%
50 – 59	8	33.30%
>60	3	12.50%
Tem apenas um irmão	11	45.80%
Idade do Irmão 3		
50 – 59	5	20.80%
>60	1	4.20%
Tem dois irmãos ou menos	18	75%
Idade do Irmão 4		
50 – 59	1	4.20%
>60	1	4.20%
Tem três irmãos ou menos	22	15,60%
Idade do Irmão 5		
50 - 59	2	8.49%
Tem três irmãos ou menos	22	15,60%
Idade do Irmão 6		
50 – 59	1	4.20%
>60	1	4.20%
Tem três ou menos irmãos	22	15,60%

Distribuição por sexo dos irmãos

	Frequência	Frequência Relativa
Sexo do Irmão 1		
Feminino	7	29.20%
Masculino	17	70.80%
Sexo do Irmão 2		
Feminino	3	12.50%
Masculino	10	41.70%
Tem apenas um irmão	11	54.20%
Idade do Irmão 3		
Feminino	1	4.20%
Masculino	5	20.80%
Tem dois ou menos irmãos	18	75%
Idade do Irmão 4		
Feminino	1	4.20%
Masculino	1	4.20%
Tem três ou menos irmãos	22	91.70%
Idade do Irmão 5		
Masculino	2	8.40%
Tem três ou menos irmãos	22	91.70%
Sexo do Irmão 6		
Feminino	2	8.40%
Tem três ou menos irmãos	22	91.70%

Idades dos filhos

	Frequência	Frequência Relativa
Idade filho 1		
<20	1	10%
21 – 30	1	10%
31 – 40	4	40%
>40	2	20%
Não tem filhos	2	20%
Idade do filho 2		
<20	1	10%
21 – 30	1	10%
31 – 40	3	30%
>40	1	10%
Não tem filhos	2	20%
Só tem um filho	2	20%

Sexo dos filhos

	Frequência	Frequência Relativa
Sexo do filho 1		
Feminino	5	50%
Masculino	3	30%
Não tem filhos	2	20%
Sexo do filho 2		
Feminino	4	40%
Masculino	2	20%
Não tem filhos	2	20%

Relações entre irmãos que têm pais idosos acolhidos numa instituição: conflitos e sua resolução

Só tem um filho 2 20%

Idades dos netos

Frequência **Frequência Relativa**

Idades dos netos 1

Não têm netos	4	40%
3	2	20%
9	1	10%
11	1	10%
20	1	10%
21	1	10%

Idades dos netos 2

Não têm netos	4	40%
Só têm um neto	2	20%
2	1	10%
3	1	10%
10	1	10%
11	1	10%
